

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA
INTERNACIONAL E DEFESA

MARIANA ANTAS PETINE

**A ATUAÇÃO CURDA NO COMBATE AO ESTADO
ISLÂMICO (2014 - 2019):**

a possibilidade de reconhecimento de um Estado curdo nos discursos
das coalizões globais

Rio de Janeiro

2020

MARIANA ANTAS PETINE

**A ATUAÇÃO CURDA NO COMBATE AO ESTADO
ISLÂMICO (2014 - 2019):**

a possibilidade de reconhecimento de um Estado curdo nos discursos
das coalizões globais

Dissertação de mestrado apresentada à Escola Superior de Guerra como requisito à obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa.

Orientadora: Erica Simone Almeida Resende

Rio de Janeiro

2020

C2020ESG

Este trabalho, nos termos de legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado propriedade da ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG). É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que sem propósitos comerciais e que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos expressos neste trabalho são de responsabilidade do autor e não expressam qualquer orientação institucional da ESG



MARIANA ANTAS PETINE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P298a Petine, Mariana Antas

A atuação curda no combate ao Estado Islâmico (2014 - 2019): a possibilidade de reconhecimento de um Estado Curdo nos discursos das coalizões globais / Mariana Antas Petine. - Rio de Janeiro: ESG, 2020.

170 f.

Orientador: Profa. Dra. Erica Simone Almeida Resende
Dissertação de Conclusão de Curso - Dissertação apresentada ao Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra como requisito à obtenção do diploma do Curso de Mestrado Acadêmico da Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa (2019).

1. Curdos. 2. Guerra e sociedade - Oriente Médio. 3. Oriente Médio - História militar - Séc. XXI. 4. Iraque - História. 5. Síria - História. I. Título.

CDD - 956

MARIANA ANTAS PETINE

A ATUAÇÃO CURDA NO COMBATE AO ESTADO ISLÂMICO (2014 - 2019):
a possibilidade de reconhecimento de um Estado curdo nos discursos das coalizões globais

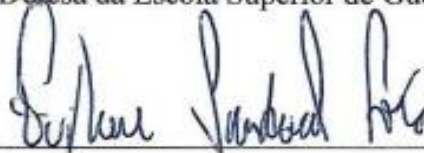
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa da Escola Superior de Guerra, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Segurança Internacional e Defesa.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Erica Simone Almeida Resende
Orientadora – Programa de pós-graduação em Segurança
Internacional e Defesa da Escola Superior de Guerra, ESG.



Prof. Dr. Guilherme Sandoval Góes
Programa de pós-graduação em Segurança Internacional e Defesa
da Escola Superior de Guerra, ESG.



Profª. Dra. Paula Orrico Sandrin
Programa de pós-graduação em Relações Internacionais da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio

A minha gratidão especial à minha mãe, Maria Madalena, que contribuiu com ensinamentos e incentivos durante o meu período de formação.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Erica Simone Almeida Resende, pela contribuição e orientação.

Aos meus colegas, pelo apoio e bons momentos vividos.

Curdas e curdo
Americano surdo

Turcas e turco,
Se me bifurco:
Sírias e sírio
É o martírio

Russas e russo
Está curdo? não
Está sírio? não
Está turco? não
Então, o que é?
O que é?

Tá russo!

Poema do meu querido amigo,
João Carlos Pinheiro da Fonseca
de 22 de outubro de 2019.

RESUMO

Esta dissertação aborda a Questão Curda durante o combate ao Estado Islâmico na Síria e no Iraque. O objetivo deste estudo é observar a possibilidade de legitimação da Questão Curda por meio do reconhecimento internacional de sua atuação contra o califado islâmico. A metodologia adotada foi a análise narrativa dos discursos de líderes, porta-vozes e ministros dos países que lideraram as coalizões, bem como dos países envolvidos diretamente. O estudo delimitou-se na atuação dos curdos da Síria e do Iraque, embora, no decorrer do trabalho, os curdos do Irã e Turquia sejam mencionados, já que também estão envolvidos. Discorre sobre o sistema vestfaliano, a formação dos Estados-nação no Oriente Médio, Estados Falidos, formação de coalizões e geopolítica crítica. Por último, analisa criticamente a situação atual do Oriente Médio, ressaltando a possibilidade de criação de um Estado curdo no coração dessa área conflituosa. A conclusão indica que o povo curdo precisa saber aproveitar a visibilidade internacional e fortalecer seus laços culturais e políticos, para acabar com as atrocidades cometidas contra ele; e que a criação de um Estado curdo em meio ao Oriente Médio poderia colocar em xeque muitos problemas geopolíticos vistos atualmente na região.

Palavras-chave: Questão Curda; Estado Islâmico; Nacionalismo curdo; Síria; Iraque.

ABSTRACT

This master thesis addresses the Kurdish question during the fight against the Islamic State in Syria and Iraq. The aim of this study is to verify the possibility of legitimizing the Kurdish question through the international recognition of its actions against the Islamic caliphate. The methodology adopted was narrative analysis of the speeches by leaders, spokesmen and ministers from the countries that led the coalition, as well as countries directly involved. The study focused on the role of the Kurds from Syria and Iraq, although in the course of the work, the Kurds from Iran and Turkey are mentioned, as they are also involved. It discusses the Westphalian system, the formation of nation states in the Middle East, the failed states, the formation of coalitions and the critical geopolitics. Finally, it critically analyzes the current situation in the Middle East, pointing the possibility of creating a Kurdish state in the heart of this conflict area. The conclusion indicates that the Kurdish people need to know how to take advantage of international visibility and strengthen their cultural and political connections, to end the atrocities committed against them; and that the creation of a Kurdish state in the middle of the Middle East could put in check many geopolitical problems currently seen in the region.

Keywords: *Kurdish Question; Islamic state; Kurdish nationalism; Syria; Iraq.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bandeira do Governo Regional do Curdistão Iraquiano -----	28
Figura 2 – Primeiro-ministro do Governo Regional do Curdistão Iraquiano com o presidente francês-----	82
Figura 3 – Primeiro-ministro do Governo Regional do Curdistão Iraquiano com o presidente norte-americano-----	83
Figura 4 – Primeiro-ministro do Governo Regional do Curdistão Iraquiano com o Papa Francisco -----	84
Figura 5 – Soldado norte-americano com os combatentes curdos na Síria -----	86
Figura 6 – Twitter de Donald Trump de 13 de janeiro de 2019, 8:53 PM -----	88
Figura 7 – Twitter de Donald Trump de 13 de janeiro de 2019, 9:02 PM -----	89
Figura 8 – Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM -----	91
Figura 9 – Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM -----	91
Figura 10 – Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM -----	92
Figura 11 – Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM -----	92
Figura 12 – Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM -----	92
Figura 13 – Twitter de Donald Trump de 8 de outubro de 2019, 9:55 AM -----	95
Figura 14 – Twitter de Donald Trump de 8 de outubro de 2019, 9:55 AM -----	95
Figura 15 – Twitter de Donald Trump de 10 de outubro de 2019, 1:16 AM -----	97
Figura 16 – Twitter de Donald Trump de 10 de outubro de 2019, 10:27 AM -----	98
Figura 17 – Twitter de Donald Trump de 10 de Outubro de 2019, 10:27 AM -----	98
Figura 18 – Twitter de Donald Trump de 14 de outubro de 2019, 4:10 PM -----	100
Figura 19 – Twitter de Donald Trump de 14 de outubro de 2019, 4:10 PM -----	100
Figura 20 – Twitter de Donald Trump de 18 de outubro de 2019, 12:42 PM -----	101
Figura 21 – Twitter de Donald Trump de 18 de outubro de 2019, 12:42 PM -----	102
Figura 22 – Twitter de Donald Trump de 18 de outubro de 2019, 12:42 PM -----	102
Figura 23 – Twitter de Donald Trump de 24 de outubro de 2019, 12:48 PM -----	104
Figura 24 – Twitter de Donald Trump de 25 de outubro de 2019, 9:32 AM -----	106
Figura 25 – Twitter de Donald Trump de 25 de outubro de 2019, 9:32 AM -----	106
Figura 26 – Twitter de Donald Trump de 25 de outubro de 2019, 9:32 AM -----	106
Figura 27 – Twitter de Khamenei do dia 25 de fevereiro de 2019, 4:01 PM -----	126

Figura 28 – Twitter de Khamenei do dia 25 de fevereiro de 2019, 4:01 PM-----	127
Figura 29 – Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM-----	128
Figura 30 – Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM-----	128
Figura 31 – Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM-----	128
Figura 32 – Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM-----	129
Figura 33 – Twitter de Salih do dia 9 de outubro de 2019, 4:02 PM-----	132

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Crescente fértil -----	15
Mapa 2: Fronteiras de Sykes-Picot -----	21
Mapa 3: Recorte territorial do tratado de Sèvres -----	22
Mapa 4: regiões onde o kurmaji e o sorani são falados -----	26
Mapa 5: Região Autônoma do Curdistão Iraquiano e a fronteira do Grande Curdistão proposta em 1919 -----	32
Mapa 6: Regiões que o Estado Islâmico pretendia conquistar até 2020 -----	60
Mapa 7: Fronteira da área curda proposta à Liga das Nações com base no Tratado de Sèvres -----	63
Mapa 8: Países que fazem parte da Coalizão Global -----	70
Mapa 9: Território tomado pelo Estado Islâmico-----	73
Mapa 10: Poços de petróleo na Síria -----	108
Mapa 11: Ofensiva turca na Síria -----	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Contribuição dos países das coalizões de combate ao Estado Islâmicos-----	71
Quadro 2 - Relação entre os povos muçulmanos que agiram na Síria e Iraque-----	72
Quadro 3 - Universo, campo e espaço discursivo-----	79
Quadro 4 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump-----	89
Quadro 5 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump-----	93
Quadro 6 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump-----	96
Quadro 7 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump-----	98
Quadro 8 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump -----	100
Quadro 9 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump-----	102
Quadro 10 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump -----	104
Quadro 11 - Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump -----	105
Quadro 12 - Pressuposição e predicação da fala de Macron -----	109
Quadro 13 - Pressuposição e predicação da fala de Macron -----	110
Quadro 14 - Pressuposição e predicação da fala de Putin -----	112
Quadro 15 - Pressuposição e predicação da fala de Putin -----	113
Quadro 16 - Pressuposição e predicação da fala de Al-Faisal -----	115
Quadro 17 - Pressuposição e predicação da fala de Eshki-----	117
Quadro 18 - Pressuposição e predicação da fala de Al-Faisal -----	120
Quadro 19 - Pressuposição e predicação da fala de Kalin -----	124
Quadro 20 - Pressuposição e predicação da fala de Khamenei-----	127
Quadro 21 - Pressuposição e predicação da fala de Khamenei-----	129
Quadro 22 - Pressuposição e predicação da fala de Salih -----	131
Quadro 23 - Pressuposição e predicação da fala de Salih -----	132
Quadro 24 - Pressuposição e predicação da fala de Al-Assad -----	136
Quadro 25 - Análise de posicionamento dos personagens em todos os discursos	142
Quadro 26 - Papeis actanciais dos atores-----	152

LISTA DE SIGLAS

ISIL – Estado islâmico do Iraque e Levante

ISIS – Estado Islâmico da Síria e do Iraque

PKK – Partidos dos Trabalhadores do Curdistão (Turquia)

YPG – Unidades de Proteção Popular (Síria)

PYD – Partido de União Democrática (Síria)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ASPECTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO, POLÍTICO E SOCIO-CULTURAL DOS CURDOS	19
2.1 Traços de estatalidade do povo curdo	21
2.1.1 Cultura, identidade e política	23
2.1.2 Importância das regiões habitada pelos curdos para seus respectivos Estados	29
2.2 Influências externas na Região Autônoma curda do Iraque	32
3 O SISTEMA DE ESTADOS DE VESTFÁLIA: ORIGEM E FORMAS ALTERNATIVAS	38
3.1 De Vestfália a estado-nação	38
3.1.1 Vestfália: paz ou mito?	38
3.1.2 O surgimento do Estado-nação e sua importância à ordem mundial	42
3.2 Formação dos estados nacionais no Oriente Médio e a influência externa	48
3.3 A disputa por uma nova forma de organização política: curdos x Estado Islâmico	55
3.3.1 O califado islâmico do Estado Islâmico	59
3.3.2 A Questão Curda	62
4 COALIZÕES INTERNACIONAIS DE COMBATE AO ESTADO ISLÂMICO: UMA OPORTUNIDADE DE LEGITIMAÇÃO DA QUESTÃO CURDA?	67
4.1 O posicionamento curdo nas coalizões internacionais contra o Estado Islâmico	67
4.2 Um posicionamento discursivo	77
4.2.1 O discurso referente aos curdos durante o combate ao Estado Islâmico	80
4.3 A (des)legitimação da Questão Curda por meio do discurso: análise narrativa	87
4.3.1 Análise de predicação e pressuposição	87
4.3.1.1 Estados Unidos	88
4.3.1.2 França	100
4.3.1.3 Rússia	111
4.3.1.4 Arábia Saudita	115
4.3.1.5 Turquia	122
4.3.1.6 Irã	126
4.3.1.7 Iraque	130
4.3.1.8 Síria	133
4.3.2 Análise de posicionamento	139
4.3.3 Análise dos papéis actanciais	150
CONCLUSÃO	154
REFERÊNCIAS	158

1 INTRODUÇÃO

Apesar de não se ter documentos que mostram a origem dos curdos, alguns estudos os ligam aos hurritas, que habitaram as regiões do atual Curdistão (na Mesopotâmia e montes Zagros-Tauro) de 4 300 a.C. até 600 a.C. Os hurritas eram formados por muitos grupos que habitavam aquela região, não apenas um grupo em particular, sendo assim, a origem dos curdos pode ser atribuída a uma miscigenação de várias tribos. Até o início do século XX, o povo curdo passou por momentos áureos, como a época do Saladino¹, e momentos de ostracismos, submissos ao Império Otomano e ao Império Persa.

Com a partilha do território otomano entre a Inglaterra e a França após a Primeira Guerra mundial, novos territórios foram redesenhados sem levar em conta os laços étnicos e culturais do Oriente Médio. Atualmente, em meio a muitos interesses políticos, econômicos e religiosos, ascenderam dois atores não-estatais com força suficiente para se projetarem no cenário internacional: o Estado Islâmico e os curdos.

Em 1918, quando foi desmembrado o Império otomano, a região passou por três configurações territoriais baseadas no Acordo de Sykes-picot², Tratado de Sèvres³ e Tratado de Lausanne⁴. O Tratado de Sèvres contemplava um território curdo, mas esse tratado foi substituído pelo Tratado de Lausanne, que legitimou internacionalmente o território da Turquia e ignorou os curdos. A partir de então, a etnia curda foi dividida entre os territórios da Turquia, Síria, Irã e o recém criado território iraquiano, tornando-se um dos maiores problemas humanos e geopolíticos do Oriente Médio.

Os curdos do Iraque conseguiram criar a Região do Curdistão iraquiano em 1970, por meio de um acordo de paz com Bagdá, mas continuaram em conflito,

¹ Foi um chefe militar curdo muçulmano que se tornou sultão do Egito e da Síria e liderou a oposição islâmica aos cruzados europeus no Levante. No auge de seu poder, seu domínio se estendia pelo Egito, Palestina, Síria, Iraque, Iêmem e pelo Hejaz.

² A França e o Reino Unido partilharam entre si vastas áreas do Império Otomano, já antecipando a própria vitória na Primeira Guerra e sem qualquer consulta aos habitantes da região. O tratado secreto dessa partilha ficou conhecido como Sykes-Picot, em alusão aos diplomatas que o negociaram, o inglês Mark Sykes e o francês François Georges-Picot.

³ Foi um acordo de paz assinado entre os Aliados e o Império Otomano em 10 de agosto de 1920, após a Primeira Guerra Mundial. O Tratado partilhava o Império Otomano entre o Reino da Grécia, o Reino de Itália, o Império Britânico e a República francesa, além de estender o território da Armênia, e a criação de um estado curdo.

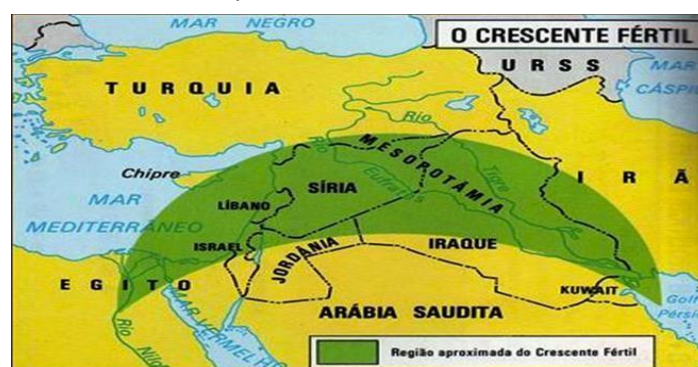
⁴ Concedeu legitimidade internacional à República da Turquia.

passando pela fase do genocídio curdo da Operação Anfal (1980-1989) comandada por Saddam Hussen, a Guerra do Golfo em (1990-1991), a invasão norte-americana em 2003. A autonomia *de facto* foi obtida na Guerra do Golfo, quando o Conselho de Segurança da ONU criou uma zona de exclusão aérea no Iraque para proteger os curdos e as operações humanitárias. Em 2003, os curdos iraquianos ajudaram as tropas norte-americanas e britânicas a capturar as cidades de Kirkuk e Mosul, tradicionalmente habitadas pela população curda do Iraque, e cederam seu território como base de operações americanas. Após a queda de Saddam Hussein, a nova Constituição iraquiana de 2005 determinou que o Curdistão iraquiano passaria a ser uma entidade federal, reconhecida pelo Iraque e pelas Nações Unidas.

A comunidade internacional reluta em apoiar a fundação de um Estado nacional independente curdo, pois isto poderia causar instabilidade na região. Sem dúvida, a emergência de um país curdo afetaria outros países do Oriente Médio, entre eles, a Turquia, que é um membro da OTAN.

A região em que esses atores aparecem é conhecida como “Crescente Fértil”. Como o próprio nome já diz, é uma região muito rica em recursos minerais, hídricos e energéticos, como petróleo e gás, localizada próximo à Mesopotâmia, abrangendo os rios Tigre e Eufrates, conforme mostra o mapa a seguir. Por ser uma região que facilita a obtenção de lucros, foi escolhida pelo Estado Islâmico para dar início ao seu califado territorial. Porém, ele se chocou com outro ator não-estatal, que também reivindica um Estado próprio, o povo curdo. A forma de Estado, em sua demanda por autonomia, reivindicada por esses dois atores são bem diferentes dos Estados vestfalianos, seja por defender um comunalismo religioso, comunalismo político ou um Estado governado por clãs familiares.

Mapa 1: Crescente Fértil



Fonte: Grupo escolar. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/crescente-fertil.html>
 acesso em: 4 abr. 2019.

É nesse “tabuleiro de xadrez” que surgem interesses de atores regionais e intrarregionais, tais como Israel, que defende abertamente um Estado curdo, justamente por ambicionar ter um aliado não árabe no coração do Oriente Médio, e Arábia Saudita, que enxerga no Estado curdo a oportunidade de colocar em “xeque” as ações de seus inimigos, principalmente o Irã, pois um Estado curdo abrangeria partes de quatro Estados e estaria no centro do “Crescente Fértil”, enfraquecendo as ambições desses atores.

O foco deste trabalho é a Questão Curda, ou seja, o desejo por um Estado curdo. O Estado Islâmico e os demais atores ajudam a entender como a demanda curda por um Estado independente é vista nessa fase de combate ao Califado Islâmico. Este trabalho busca compreender a relevância dos curdos nesse cenário e se a Questão Curda teria ganho alguma legitimidade na busca pela sua soberania durante esse conflito. Para tal, foi utilizada a análise do discurso de pessoas influentes e com idoneidade para falar, como líderes estatais, porta-vozes, embaixadores, chefes de inteligência etc. dos quatro países envolvidos diretamente: Turquia, Síria, Irã e Iraque. Além dos países que lideraram as coalizões de combate ao Estado Islâmico: Estados Unidos, França, Rússia e Arábia Saudita.

No que diz respeito à soberania estatal, a dificuldade quanto a sua análise conceitual contribui para que haja muitos significados e conotações, desde características absolutistas até um sentido mais moderado e envolvido na interdependência global (KEOHANE, 1984; KEOHANE; NYE, 1972). Uma autoridade absoluta e um território com fronteiras demarcadas seria essencial para legitimar um Estado. Nesse pensamento, a soberania existiria por meio da coesão e autonomia do poder político dentro de tais limites demarcados, trazendo legitimidade internacional e representando sua comunidade doméstica na arena global (WEBER, 1995). Sendo assim, a soberania é um atributo estatal e que garante ao Estado o monopólio do uso legítimo da força. Essa definição werberiana vigorou até 1980, quando sofreu críticas a partir do fenômeno conhecido como “virada linguística” (BARTELSON, 2006). Essa nova fase trouxe às análises teóricas como o discurso e a identidade estão relacionados com as ações estatais e a política externa (BARTELSON, 2006). Assim como o discurso, a linguagem assume um papel importante na compreensão dos significados atribuídos ao Estado, sua legitimação e soberania. A soberania passa a ser considerada uma prática discursiva e não inerente ao Estado (BARTELSON, 2006, 2008).

O objetivo geral deste trabalho não é buscar um motivo nem uma solução aos conflitos na região, mas identificar os indícios para uma legitimação da Questão Curda em meio a coalizão internacional contra o Estado Islâmico entre 2014 e 2019, tendo como objetivos específicos verificar as condições que possibilitam o povo curdo atuar como ator não-estatal em meio uma teia de interesses estatais no combate ao Estado Islâmico; verificar as narrativas dos países envolvidos em relação aos curdos; e compreender de que forma a atuação curda na luta contra o Estado Islâmico traria legitimidade à Questão Curda.

A pergunta de partida é: a atuação curda nesse conflito trouxe legitimidade à Questão Curda? A hipótese inicial é que os curdos foram discursivamente equiparados a atores estatais ao receberem o reconhecimento de sua qualidade de serem atores (actorness) estatais por parte de outros atores estatais que participaram das coalizões contra o Estado Islâmico.

Para isso foi necessário, no segundo capítulo, explicar a Questão Curda e os traços de estatalidade presentes nas quatro regiões curdas, pontuando características históricas, geográficas, políticas e socio-culturais e apresentando as demonstrações de uma possível autonomia. Também apresentou as influências e ligações internacionais dos curdos.

O terceiro capítulo buscou compreender a configuração dos países do Oriente Médio através de uma seleção conceitual sobre Estado Vestfaliano, Estado-Nação e Estados Falidos. Também foi abordado a Questão Curda e o califado do Estado Islâmico como formas alternativas ao sistema de Vestfália, utilizando conceitos de identidade e atores não-estatais.

O quarto capítulo buscou esclarecer alguns pontos da Questão Curda durante as coalizões: a) compreender como se dá a participação dos curdos em uma coalizão de atores estatais; b) analisar as falas e os pronunciamentos dos líderes e representantes internacionais, como Trump, Macron, Putin, Erdogan, Assad e outros, com o intuito de buscar por indícios de uma legitimação da Questão Curda através do discurso.

Foi realizada a análise de fontes primárias pelo método qualitativo da análise do discurso. Os estudos nessa linha de pesquisa possuem um caráter interpretativista, que estuda o objeto de investigação em seu contexto, levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem, considerando os efeitos de memória, história e ideologia.

A subjetividade e a identidade, presentes em tais discursos, são fenômenos debatidos por perspectivas da análise narrativa. Quando o interesse da investigação se faz sobre a subjetividade, a narrativa é tomada como o “lugar” em que as pessoas constroem sentidos. Esse tipo de análise tem como base a ideia da narrativa como performance e como construção interacional que traz uma forma de agir, que envolve e persuade. Mesmo as declarações mais simples trazem consigo tipos de pressuposições ou conhecimento de fundo que é tomado como verdade.

2. ASPECTOS HISTÓRICO, GEOGRÁFICO, POLÍTICO E SOCIO-CULTURAL DOS CURDOS

Esse capítulo pretende explicar a Questão Curda e os traços de estatalidade presentes nas quatro regiões curdas, pontuando as características e apresentando as demonstrações de uma possível autonomia, assim como as influências e ligações internacionais.

O desenvolvimento do termo soberania e sua implementação passaram por diferentes estágios, vindo, mais tarde, a preocupar-se estritamente com as regiões coloniais e seu direito de ser um Estado independente. Por outro lado, a discussão do "princípio das nações" não foi claramente respondida. Portanto, esse princípio se tornou mais complexo para escolher quem deve ser considerado soberano (YILMAZ, 2016).

De acordo com a genealogia da soberania de Bartelson (1995), na Renascença, havia uma obediência do Estado e de um monarca ao ordenamento divino. Na Era Clássica, a soberania era inerente à existência do próprio Estado, incluindo independência e autonomia com demarcações territoriais. Esse é o período do Tratado de Paz de Vestfália, de 1648. O Estado moderno, que surgiu a partir do séc.XVIII, marca o início do sistema internacional moderno, considerado um modelo para o sistema internacional. O Estado passa a ter legitimidade para defender seus interesses pois já não existe uma hierarquia entre os Estados. O Estado moderno é, sobretudo, marcado pela definição weberiana de Estado, amplamente difundida pela Ciência Política.

As críticas construtivista e pós-estruturalista a esse pensamento werberiano defendem a utilização de elementos sociológicos, ampliando os debates teóricos nas Relações Internacionais no que trata a soberania estatal (CHECKEL,1998; THOMSON,1994). Ambas as abordagens veem a soberania estatal como uma prática discursiva. A linguagem não pode ser considerada um sistema estático que permita uma única interpretação da realidade. As muitas dicotomias, como ordem/desordem, nacional/internacional, soberania/anarquia, são construídas por intermédio do discurso (HANSEN, 2006).

Segundo Yilmaz (2016), os artigos primeiro e segundo da Carta das Nações Unidas assinalam que é direito dos cidadãos escolher seu próprio governo, ou seja, é direito do povo escolher a forma de seu governo; é direito de um grupo étnico,

linguístico e religioso estabelecer sua soberania nacional e reformular as fronteiras nacionais existentes; é direito a separação de uma unidade política do sistema federal e tornar-se um Estado soberano independente; bem como é direito dos grupos étnicos, linguísticos e religiosos ter maior autonomia para usar e implementar seus direitos religiosos e culturais.

A autodeterminação pode ser entendida como interna e externa. A interna refere-se a forma de governo, para escolher, moldar ou remodelar; está relacionada à organização interna dos Estados e requer o direito de escolha das pessoas para definir a forma governamental de seu Estado sem qualquer interferência ou pressão externa; e demonstra a preocupação com as minorias étnicas de um país. A autodeterminação externa é baseada no direito natural, em que os bens humanos são considerados evidentes em si mesmos; é direito de um grupo criar sua própria integridade territorial independente, assim como governá-lo, ou seja, é direito de um grupo étnico ou reivindicado de ser uma nação, se separar do Estado em que vive e se tornar um Estado independente (YILMAZ, 2016).

Para Salih (2005), a falta de processos políticos democráticos adequados e a ausência de liberalismo no Oriente Médio podem ser uma das principais causas que levam à violência e à complicação em solucionar as questões políticas. No entanto, nenhum caso político no mundo deve ser visto como sendo inalterável. A África do Sul conseguiu construir novas instituições democráticas e uma cultura cívica após abolir o *Apartheid*⁵. Alguns países oriundos da União Soviética conseguiram aderir à União Europeia, porque estabeleceram novas ordens políticas que permitiram essa adesão. Embora a maioria das transições para ordens políticas radicalmente diferentes esteja longe de ser tranquila, prever um futuro melhor para os habitantes desses países ajudou a embarcar em novos projetos políticos futuros (NATALI, 2007).

Quanto aos curdos, as construções estatais, a evolução recente de seus sistemas políticos, novas constelações de elite emergentes, dinâmicas regionais específicas e sua relação com o mundo exterior podem possibilitar distintas perspectivas futuras, apesar dos diferentes ideais políticos dos quatro Estados (SALIH, 2005).

⁵ Regime de segregação racial implementado na África do Sul entre 1948 e 1994.

A próxima seção abordará os traços de estatalidade dos curdos, ou seja, características que podem ser identificadas como indícios para a formação estatal e comparadas àquelas possuídas por Estados nacionais.

2.1 Traços de estatalidade do povo curdo

Essa seção trará algumas características que poderiam reforçar o direito de formação de um Estado, ou seja, traços de uma possível estatalidade que estão presentes no dia a dia dos curdos, como cultura, governo, liderança sobre o território, língua própria, entre outros. Formas simbólicas como o processo de nomeação, símbolos fixos, como bandeiras, práticas sociais e narrativas de identidade são cruciais na formação de um Estado (FERRARA, 2008).

Segundo Young (2016), após a Primeira Guerra Mundial, as potências europeias dividiram o Oriente Médio entre si de acordo com as fronteiras artificiais definidas pelo acordo de Sykes-Picot. Porém, foi com o fim da Segunda Guerra somada à retirada das potências europeias do Oriente Médio, que os novos Estados conseguiram configurar seus próprios governos. Contudo, a influência das elites burguesas europeias e as diversas preposições ocidentais foram mantidas, como a própria noção de Estado-nação.

Mapa 2: Fronteiras de Sykes-Picot

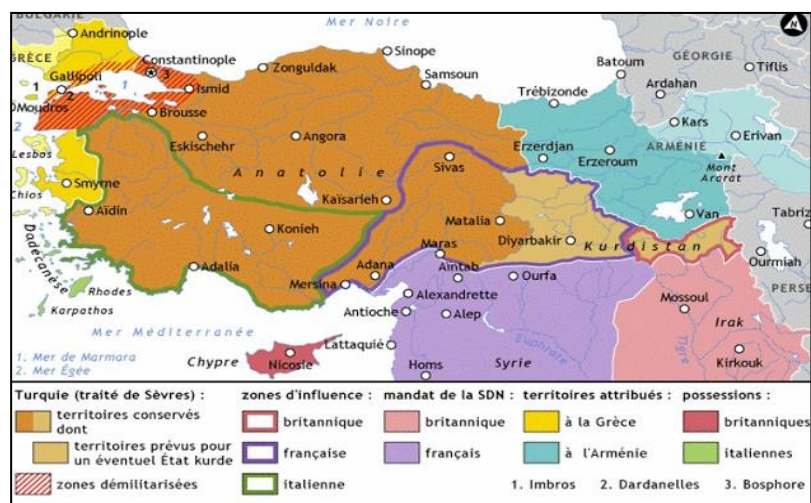


Fonte: Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Sykes-Picot-Agreement>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Segundo Khidir (2002) o povo curdo tem direitos legítimos de estender às metas e objetivos através de fundamentos nacionais e internacionais. O primeiro

fundamento é o programa de catorze pontos do Presidente Wilson para a Paz Mundial, que afirmava que as minorias não-turcas do Império Otomano deveriam ter oportunidades perfeitas para a independência política. Os curdos eram uma das principais nações que eram governadas pelos otomanos (KHIDIR, 2002). O segundo fundamento é que os Aliados, assim como a Comunidade Internacional, reconheceram os curdos como uma população com sua própria identidade e com uma herança comum, indicando que possuem aspirações legítimas à independência política e territorial. O terceiro fundamento é que, sob o Tratado de Sèvres, foi prometido aos curdos um Estado independente. Embora esse tratado nunca tenha sido implementado por causa do Tratado de Lausanne de 1923, os artigos 62, 63 e 64⁶, constituem uma base legítima internacional para as contínuas demandas curdas em direção ao Estado (AHMAD, 1994).

Mapa 3: Recorte territorial do tratado de Sèvres



Fonte: Guerras con historia. Disponível em:
https://guerrasconhistoria.files.wordpress.com/2015/07/64-_turqu_a_1920.gif Acesso em: 24 mar. 2020

⁶ O artigo 62 do Tratado de Sèvres estabelece que: uma Comissão nomeada pelos franceses, italianos e britânicos, dentro de seis meses após a entrada em vigor do tratado, elaborará um esquema de autonomia local para as áreas curdas situadas a leste do Eufrates, ao sul da Armênia e norte da Síria e Mesopotâmia (KHIDIR, 2002). O artigo 63 estabelece que o governo turco concorda em aceitar e executar as decisões das comissões mencionadas no artigo 62. O artigo 64 estabelece que se após um ano da implementação do tratado, a população curda das áreas designadas no artigo 62 demonstre ao Conselho da Liga das Nações que a maioria da população nessas áreas deseja se tornar independente da Turquia e, se o Conselho estima que a população em questão é capaz de tal independência e recomenda que seja concedida para eles. Nenhuma objeção será levantada pelas principais potências aliadas, caso os curdos que vivem naquela parte do Curdistão, atualmente incluídos em *Vilayet* de Mossul, busquem se tornar cidadãos do novo Estado curdo independente.

O quarto fundamento é que, em 1920, a Liga das Nações nomeou os britânicos como autoridade do mandato na Mesopotâmia. Em 1922, os britânicos reconheceram Shaykh Mahmud Barzani como o primeiro rei do Curdistão (no Iraque) sob o mandato britânico. Embora a política britânica para um reino separado do Curdistão tenha sido alterada em 1924, o alto comissário britânico no Iraque fez uma declaração oficial reconhecendo o direito dos curdos do Iraque de estabelecer seu próprio governo local dentro das fronteiras do Iraque (MCDOWALL, 1996). Desde a Primeira Guerra Mundial até o estabelecimento do Iraque moderno e sua admissão na Liga das Nações, as demandas curdas na parte sul do Curdistão, atualmente Curdistão Iraquiano, eram para um Curdistão independente, ou pelo menos para um Curdistão autônomo (KHIDIR, 2002). O quinto fundamento é que toda a parte norte do Iraque moderno, com uma maioria absoluta de curdos - permaneceu sob o controle de uma comissão especial da Liga das Nações para propor soluções para a Questão Curda. Embora a comissão tivesse, através do argumento étnico, concluído que deveria ter criado um Estado curdo independente, o sul do Curdistão foi anexado ao Iraque, sob as condições de que o território permanecesse sob o mandato efetivo da Liga das Nações por um período de vinte e cinco anos; e que levasse em consideração os desejos expressos pelos curdos de que oficiais da etnia curda fossem nomeados para a administração de seu país, a dispensação da justiça e o ensino nas escolas, e que o curdo fosse a língua oficial de todos esses serviços (KHIDIR, 2002).

A seção seguinte falará sobre a sociedade curda buscando enfatizar a importância da sua identidade e influência na cultural local, bem como na organização política.

2.1.1 Cultura, Identidade e política

Essa seção apresenta aspectos da cultura curda como bandeira, poemas, religiões, cinema, idioma, alfabeto etc. com o intuito de enfatizar a independência cultural e aspectos da sua formação social.

Segundo Meho (2001), a sociedade curda ainda é basicamente tribal. Conseqüentemente, a lealdade dos curdos é direcionada principalmente para o clã familiar imediato e, portanto, para a tribo. A coesão da tribo curda é baseada em uma mistura de laços de sangue e alianças territoriais associadas a fortes lealdades religiosas (MEHO, 2001).

Até pouco tempo, muitos curdos, especialmente aqueles que vivem em áreas rurais, dificilmente demonstravam lealdade a uma nação, Estado ou qualquer outra entidade. Hoje, essa percepção está sendo alterada. Ao tomar consciência da grande disparidade entre sua vida empobrecida no Curdistão e as vidas nas cidades, fez com que os curdos se tornassem mais sociais e politicamente conscientes, e a consciência de sua identidade curda e solidariedade étnica foi fortalecida. Em resumo, a negligência social e econômica do Curdistão pelos governos locais e a prolongada repressão cultural e política exercida contra as populações curdas foram fatores decisivos para promover o nacionalismo curdo, em vez de suprimi-lo, como se esperava das políticas duras dos governos (MEHO, 2001).

Em suas tentativas de suprimir a identidade e o revivalismo curdos, Turquia, Irã, Iraque, Síria e a antiga União Soviética não apenas usaram a opressão política e a exploração econômica, mas também tiveram como alvo a opressão cultural. As formas pelas quais a opressão cultural foi implementada são diversas, mas a opressão da linguagem foi talvez a mais importante, como aconteceu na Turquia em 1923, quando Kemal Atatürk⁷ decidiu substituir a antiga escrita turca otomana pelo latim. Consequentemente, os curdos da Turquia foram obrigados a fazer o mesmo, o que prejudicou a troca de literatura entre os curdos da Turquia com os curdos dos outros quatro países. Outra medida tomada na Turquia foi a proibição do uso oral e escrito do curdo e exigir que a educação fosse apenas em turco. O trecho a seguir, extraído de um periódico turco *Otuken* e escrito por Nihal Atsız⁸ (1967a), resume a atitude do governo turco em relação aos curdos:

Kürt kalmakta direnir, dört beş bin kelimelik o iptidai dilleriyle konuşmak, yayın yapmak, devlet kurmak istiyorlarsa gidebilirler. Biz bu toprakları oluk gibi kan dökerek; Gürcülerin, Ermenilerin, Rumların kökünü kazıyarak aldık, yine oluk gibi kan dökerek Haçlıların savaştığı şövalyelerine karşı savunduk. Kürtler 1839 yılına kadar askerlik bile yapmadılar. Viyana'dan Yemen'e kadar her yerde Türk ırkının kanı sebil gibi akarken onlar yaşadıkları dağlarda ve köylerde keçilerini güttüler ve fırsat buldukça hırsızlık ve yağmacılık ederek yaşadılar. İran'la yaptığımız savaşlara yardımcı diye geldikleri zaman da daima fırsat kolladılar ve Türk ordusunun yenildiği çarpışmalarda bu sefer İran'la birleşip onu vurmaktan geri kalmadılar. Birinci Cihan Savaşı'nda bize topyekün ihanet eden Ermeniler, yerleşik Türk halkını vahşi bir kırgınla bitirmeseydi ve dağlarda, sarp köylerde yaşayan Kürtler bu kırgından kurtulmuş olmasaydı bugün çoğunlukta oldukları illerde de azınlık olarak kalmakta devam edeceklerdi. Fakat yüzde yüz çoğunlukta olsalar bile Türkiye'nin herhangi bir bölgesinde devlet kurmak hayalleri, hayal olarak kalacaktır. Yunanlıların Bizans, Ermenilerin Büyük Ermenistan kurmak hayalleri gibi... Onun için Türk milletinin başını belaya sokmadan, kendileri

⁷ Mustafa Kemal foi um militar e político otomano, famoso por ter lutado na Primeira Guerra Mundial e fundado a atual República da Turquia. Em 29 de outubro de 1923, com a fundação da República da Turquia, foi eleito presidente e reeleito em outras três ocasiões (1927, 1931 e 1935). Em 1934, foi reconhecido com o nome de Atatürk, que significa “pai dos turcos”.

⁸ Escritor, romancista, poeta e filósofo nacionalista turco, identificado como racista e pan-turquista.

de yok olmadan çekip gitsinler. Nereye mi? gözleri nereyi görür, gönülleri nereyi çekerse oraya gitsinler. İran'a, Pakistan'a, Hindistan'a, Barzani'ye gitsinler. Birleşmiş Milletlere başvurup Afrika'da yurtluk istesinler (ATSIZ, 1967a).⁹

Atsiz (1967b) ainda justifica as ações radicais, mesmo que em nações democráticas, quando se tem alguma ameaça à integridade do Estado, o que Atsiz chamou de doença. O trecho a seguir expressa a opinião do escritor em relação aos curdos da Turquia:

Bugün Türkiye düşmanı fikirlerin başında kürtçülük gelmektedir. Kürtçüler doğu illerimizde ayrı bir devlet kurmak davası arındadırlar. Bitlis Senatörü Ziya¹⁰ Şerehanoğlu'nun Amerika'ya kaçarak orada kürtlük davası için çalıştığını gazeteler yazdı. Bu adamın, maksatlarını gizliyerek Senato'da kaldığını, Büyük Millet Meclisi'nin hayatî meseleleri konuştuğu gizli toplantılara katıldığını, hatta bu adamın bakan veya Başbakan olduğunu düşünelim. Türkiye için bundan büyük tehlike olur mu? Bunun çaresi esasen Türk olan doğu illerini büyük bir hızla yüzde yüz Türkleştirmektir. Balkanlardan gelen Türk göçmenlerini İstanbul'a veya Batı Anadolu'ya yerleştirmek gibi şuursuz davranışlar yerine bunları planlı bir şekilde doğuya yerleştirmek, Kastamonu, Sivas, Konya, Trabzon gibi İstanbul'a çok sayıda insan gönderen illerin bu fazla nüfusunu doğuya yöneltmek, büyük endüstri kuruluşlarıyla batıdan yığın halinde aydın ve işçi göndermek ve Türkçe'yi yaymak için gereken kültür propaganda tedbirlerini almaktan başka çare yoktur.¹¹ (ATSIZ, 1967b)

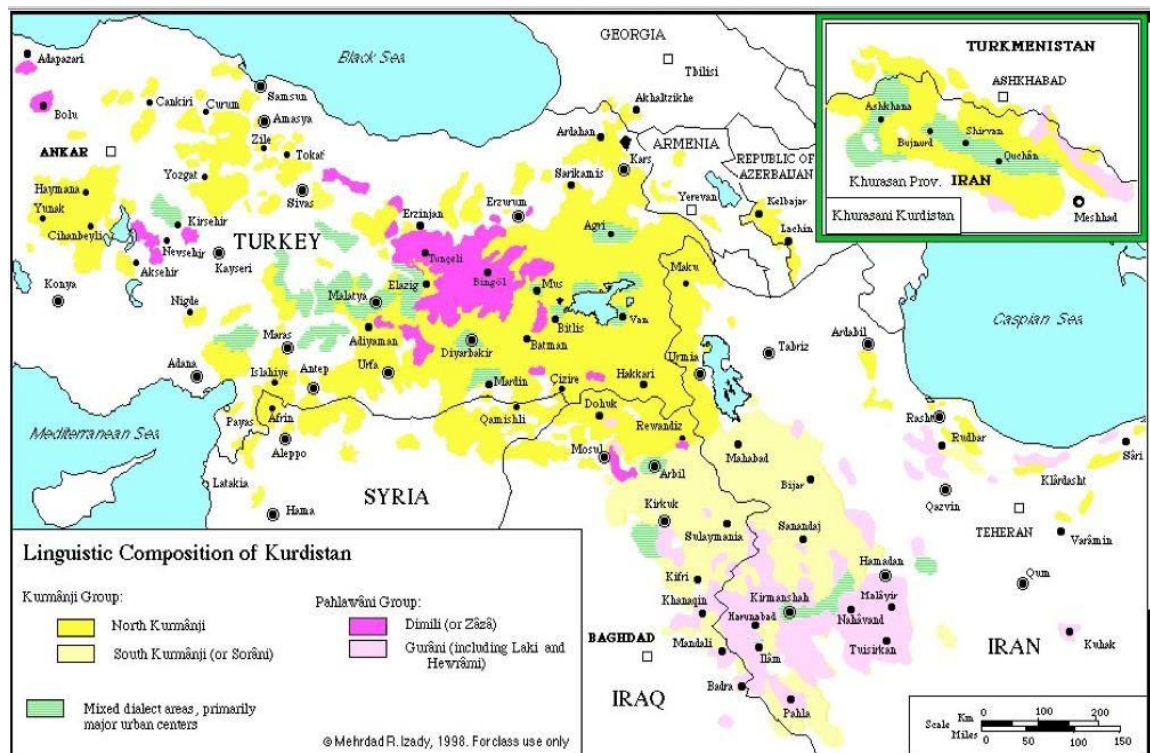
⁹ Os curdos vão insistir em ficar. Mas se quiserem falar, transmitir e estabelecer um Estado nessas línguas primitivas de quatro ou cinco mil palavras, eles podem ir. Derramamos sangue nessas terras; Exterminamos georgianos, armênios e gregos bizantinos. Os curdos nem prestavam serviço militar até 1839. Enquanto o sangue da raça turca corria como uma fonte por toda parte, de Viena ao Iêmen, eles pastoreavam suas cabras nas montanhas e nas aldeias onde viviam roubando e saqueando sempre que possível. Quando vieram ajudar em nossas guerras com o Irã, eles sempre buscaram uma oportunidade, e nas batalhas em que o exército turco foi derrotado, não hesitaram em se juntar ao Irã. Armênios que nos traíram na Primeira Guerra Mundial, se eles não tivessem liquidado o povo turco sedentário com um ressentimento brutal e os curdos que viviam nas montanhas e aldeias íngremes não tivessem sobrevivido a esse ressentimento, eles continuariam a ser uma minoria nas províncias onde hoje são a maioria. Mas estabelecer um Estado em qualquer parte da Turquia, mesmo que tenham que enfrentar os sonhos da maioria, permanecerá como um sonho. Como o sonho dos gregos de Bizâncio e o sonho dos armênios de estabelecer uma Grande Armênia ... Deixe-os partir para onde quiserem, para o Irã, para o Paquistão, para a Índia ou para se juntar a Barzani [líder curdo do Iraque]. Peça que as Nações Unidas encontrem uma terra natal na África. (tradução feita a partir da tradução inglesa do livro de Moho, 2001)

¹⁰ Ziya Şerehanoğlu foi um advogado e senador turco. Foi julgado no que é conhecido como Caso 49, processo que envolveu 49 pessoas acusadas de estarem envolvidas na criação de um poema no idioma curdo. De 25 réus que foram julgados no corredor da morte, 10 foram absolvidos, 15 foram absolvidos uma vez e, posteriormente, condenados a 16 meses de prisão e 5 meses e 10 dias de exílio seguindo os termos dos artigos 141 e 142 do Código Penal turco. Ziya Şerehanoğlu deixou o país em 1967 por motivo de segurança. Foi para a Bélgica e depois para Beirute. Esteve envolvido em atividades políticas em Teerã, sul de Chipre e outros países, inclusive na América.

¹¹ A Turquia está no início das ideias do curdismo inimigo. O povo curdo está por trás do plano de estabelecer um Estado separado em nossas províncias do leste. Os jornais escreveram que o senador Ziya Şerehanoğlu, de Bitlis, fugiu para a América e trabalhou lá para o caso curdo. Suponha que esse homem permanecesse no Senado em segredo com suas intenções, participasse de reuniões secretas em que a Grande Assembleia Nacional discutisse assuntos vitais, mesmo que esse homem fosse o ministro ou o primeiro-ministro. É esse o maior perigo para a Turquia? O remédio para isso é "turquificar" rapidamente as províncias orientais, que são essencialmente turcas. Em vez de comportamentos inconscientes, como acomodar imigrantes turcos dos Bálcãs a Istambul ou Anatólia Ocidental, para colocá-los no leste de uma forma planejada. A leste não há outra escolha a não ser tomar as medidas de propaganda cultural necessárias para enviar intelectuais e trabalhadores de massa e divulgar o turco (tradução feita a partir da tradução inglesa do livro de Moho, 2001).

Atsiz (1967b) menciona um pedido dos americanos para que o governo turco dê permissão de que o alfabeto curdo seja divulgado na Turquia. As línguas faladas pelos curdos são o *kurmanji* e o *sorani*. A língua mais atingida pela adoção do alfabeto latino, feita por Ataturk, foi o *kurmanji*. Essa mudança foi tão marcante que atravessou as fronteiras da Turquia, influenciando os falantes do *kurmanji* na Síria e partes do Irã e Iraque. O *sorani* continua a ser escrito no alfabeto árabe e é falado no Iraque e Irã.

Mapa 4: regiões onde o *kurmanji* e o *sorani* são falados



Fonte: Izady (1992).

No Irã, como foi dito anteriormente, houve uma assimilação dos curdos graças ao seu parentesco com os persas. Porém falar e escrever em curdo era absolutamente proibido por lei. Somente na década de 1990 os curdos começaram a publicar material em curdo e a usar o idioma em outras atividades culturais. Isso foi graças às pressões dos revolucionários curdos, em vez de aceitar simplesmente as oportunidades oferecidas pelo governo (MEHO, 2001).

No Iraque, a cultura curda conseguiu ser garantida pela Constituição de 1932. E em 1958, a língua curda foi oficialmente reconhecida como a segunda língua do país. Embora a situação no Iraque seja melhor do que nos outros três países, a liberdade dos curdos sempre esteve à mercê do humor do regime (MEHO, 2001).

Na Síria, embora 90% dos curdos usem o *kurmanji* em sua vida cotidiana, o uso da língua curda de qualquer forma ainda é contra a lei. O governo ainda proíbe o uso do curdo nas escolas e proíbe a transmissão e publicação no idioma (MEHO, 2001).

Em relação à religião, a maioria dos curdos é muçulmana, tendo algumas minorias religiosas que seguem o yazidismo¹², principalmente no Iraque. Existem também vários curdos cristãos e judeus, dos quais atualmente boa parte reside em Israel. Esses cristãos e judeus mantiveram-se curdos por cultura e idioma.

Cerca de 2.600 anos atrás, os povos arianos, particularmente os Mêdes, que são descritos como ancestrais dos curdos, adotaram a religião dualista zoroastriana, que foi fundada e introduzida pelo professor e profeta Zoroastro (nascido em 628 e morto em 551 a.C.). A religião de zoroastrismo tornou-se a religião estabelecida do Império Persa e provavelmente influenciou as religiões monoteístas posteriores (KHIDIR, 2002).

A identidade nacional curda não se manifesta apenas em tribo, idioma, religião ou história. Outros traços culturais, como literatura, folclore, arte e música, têm um papel importante no nacionalismo curdo. Visto que conseguiu reter sua originalidade mesmo em meio ao fortalecimento árabe, turco e persa (KHIDIR, 2002). Boa parte do sustento desse nacionalismo se deve à literatura, que é um meio de passar a diante a grandeza de sua cultura e do passado comum, recordando as memórias coletivas e transmitido para as gerações seguintes. Os curdos têm uma riqueza de heróis famosos, datas sagradas, lugares memoráveis e eventos que podem encher catálogos históricos em muitos volumes (KHIDIR, 2002).

Segundo Yilmaz (2016), os pensamentos nacionalistas aparecem pela primeira vez no século XVI com o livro “Mem Zin” do poeta curdo Ehmede Xani. Embora o livro seja uma história de amor entre os personagens Mem e Zin, ele também analisa as circunstâncias do povo curdo na época em que lutavam entre o Império Otomano e a dinastia Safávida do Irã.

Vale ressaltar que, apesar de o livro ser considerado um manifesto do nacionalismo curdo para a maioria dos estudiosos, já havia muitos livros escritos sobre a história curda antes dele, mas todos foram escritos em persa e árabe. Por estar escrito em curdo, esse livro conseguiu expressar a cultura e a ideia do nacionalismo curdo com maior rigor (YILMAZ, 2016).

¹² Uma antiga religião curda. É um sincretismo entre iazdanismo, zoroastrismo e as antigas religiões da Mesopotâmia.

Muitas partes do livro dizem respeito à unidade dos curdos e sua situação contra os turcos, árabes e persas. Nas suas próprias palavras, o poeta expressa seus pensamentos de unidade e Estado: “*Ger dê hebuwa me serfirazek Sahibkeremek suxennuwazek Xemxarî di kir li me yetîman Tinane derê ji dest leîman Herçi bide şûrê destê hîmmet Zebt kir ji xwera bi mêrî dewlet*”¹³ (XANI, 1989). O dono do meu bem, citado no poema, seria uma referência mística, ou seja, Deus, que assumiria o poder como homem e salvaria os curdos dos ataques dos inimigos poderosos. Porém, isso dependeria de um líder abençoado.

O seguinte trecho do poeta explica claramente a situação dos curdos em comparação com outras nações:

*Ez mame di hikmeta Xwedê da Kurmanc di dewleta dinê da Aya bi çi wechî mane mehrûm Bilcimle jibo çi bune mehkûm? Bifikir ji Ereb heta Gurcan Kurmancîye bûye şibhê bircan Ev Rum û Ecem bi wan hesarin Kurmancî hemî li çar kenarin*¹⁴ (XANI, 1989)

Em seu livro, o poeta passa uma mensagem que se aproxima do entendimento de uma identidade nacional curda. Sem mencioná-los como povo ou grupos étnicos, nem como uma nação, o autor os descreve apenas como curdos (YILMAZ, 2016). Um Estado nacional é a principal mensagem passada no livro, mesmo que de uma maneira subtendida, e que acendeu o nacionalismo entre os curdos em épocas de repressão (BRUINESSEN, 2000).

Um dos símbolos mais marcantes do nacionalismo curdo é a bandeira não oficial, que é reconhecida somente no Iraque, mas também pode ser vista em outras regiões curdas, mesmo sendo banida pelos governos. Cada elemento possui um significado: o sol significa a religião *yazidi*; o vermelho simboliza os mártires; o branco, a paz, a liberdade e a igualdade; e o verde representa as paisagens naturais da região (PESSUTO, 2017).

Figura 1 – Bandeira do Governo Regional do Curdistão Iraquiano



Fonte: Flag & national anthem. Disponível em: <http://previous.cabinet.gov.krd> Acesso em: 04 jun. 2019.

¹³ Se tivéssemos um abençoado, o dono do bem teria pena de nós, órfãos, que nos salvaria dos covardes que colocaram a mão na espada do poder. Ele assumiria o Estado como um homem. (Tradução do inglês do livro de Yilmaz, 2016).

¹⁴ Estou surpreso com o favor de Deus, curdos do mundo. Por que são humildes? Por que todos são prisioneiros? Pense, da Arábia à Geórgia... Ser curdo é suportar como uma frente. Esses *Rums* [turcos] e *Ajam* [persas] são como blocos. Os curdos se dispersaram por todos os lados. (Tradução do inglês do livro de Yilmaz, 2016)

Outro meio usado pelos curdos para proteger sua identidade, aproximar a relação entre os curdos e disseminar sua cultura é o cinema. Segundo Pessuto (2017), o cinema curdo surgiu na década de 1990, sendo reproduzido na maioria das vezes na língua curda e pelos próprios curdos. Os festivais de cinema produzidos pelos curdos classificam os filmes de acordo com a região curda onde foram produzidos, já os festivais internacionais classificam os filmes pelo país de origem: Turquia, Irã, Iraque e Síria (PESSUTO,2017).

Na próxima seção, será abordado os aspectos das regiões ocupadas pelos curdos, apresentando aspectos geográficos e econômicos dessas regiões, com o objetivo de mostrar o motivo de essas regiões despertarem tanta cobiça nacional e internacional.

2.1.2 A importância das regiões habitadas pelos curdos para os respectivos Estados

Essa seção busca destacar a importância das quatro regiões curdas para seus respectivos Estados, mostrando o motivo da contínua desaprovação dos governos centrais em relação à independência dessas áreas.

A região habitada pelos curdos é conhecida por ser muito rica em seus recursos naturais. Não apenas óleo e água, mas também cobre, cromo, ferro e enxofre são encontrados em abundância no solo curdo (MEHO, 2001). A região é rica em pastagens de alto grau em vales férteis, produzindo variados produtos agrícolas, como trigo, cevada e uma grande variedade de legumes, frutas e nozes. Quanto às culturas comerciais, as mais importantes são tabaco, algodão, azeitonas e beterraba sacarina. Os produtos de origem animal também são de grande importância, principalmente as ovelhas (MEHO, 2001).

A Turquia possui a maior área habitada por curdos. Por esse motivo, procura reprimir duramente qualquer manifestação em seu território e apoiar os outros Estados em reprimir iguais manifestações por independência. A região forma a extremidade sudeste da Anatólia. Grande parte da região é fértil e tradicionalmente exporta grãos e gado para as cidades das planícies. A economia local é dominada pela criação de animais e pela agricultura de pequena escala (BRUINSEN, 2001). A região está localizada nas nascentes dos rios Tigre e Eufrates, assim como o grande lago Van. É uma região que atrai o turismo por sua beleza natural.

Na Síria, a região curda fica a oeste do Tigre ao longo da fronteira turca e faz fronteira com o Curdistão iraquiano a sudeste. A revista britânica *The Economist* afirma que a economia de Rojava começava a ser viável porque, além de abastecer-se, já tinha excedentes na produção de petróleo cru, gado ovino, grãos (só consumiam 30% do produzido) e algodão, que começavam a exportar através da fronteira com o Curdistão iraquiano aberta a partir dos primeiros meses de 2016 (ECONOMIST, 2016)

As regiões que compõem a Rojava foram deliberadamente deixadas no subdesenvolvimento pelo regime Assad e direcionadas para suprir a Síria com matérias primas, incluindo trigo, algodão e petróleo. A região era expressiva como fonte desses produtos, sendo uma das regiões mais férteis da Síria e fonte da maior parte de seu petróleo (ECONOMIST, 2016).

Contudo, embora houvesse vários milhares de poços de petróleo na região, havia poucas fábricas e nenhuma refinaria ou engenho. Cerca de metade da terra era propriedade estatal gerida por pessoas do governo como feudos privados (ECONOMIST, 2016).

No Irã, pelo menos 30 anos de exploração econômica alienaram os curdos do acesso a esses recursos, deixando grande parte de sua economia dependente da agricultura. De acordo com a ampla estratégia do governo iraniano de incentivar o turismo no Irã e proteger-se das sanções dos Estados Unidos. Teerã tem como alvo os curdos do Iraque para visitar as províncias iranianas. Para o governo iraniano, o aumento do turismo nas áreas curdas pode aliviar as dificuldades econômicas dessas áreas, diminuindo o alto desemprego crônico (BADAWI, 2019). As indústrias produzem tapetes, couros e peles processados, arroz moído e açúcar. A madeira, a tecelagem de algodão e a fabricação de artigos de metal constituem o artesanato.

Uma das cidades curdas, Sanandaj, abriga as ruínas de uma fortaleza dos séculos XI e XII, a Mesquita Dar al-Ehsan e o Museu Sanandaj. O museu está alojado em um palácio real do século XIX, cuja Sala Arusi, ou Sala de Casamentos, é considerada uma obra-prima de madeira trabalhada artesanalmente. A Universidade do Curdistão, fundada após a revolução islâmica de 1979 no Irã, também está na cidade. A área em torno de Sanandaj é conhecida por suas muitas cavernas nas montanhas, fontes termais e lagos de água doce, muitas das quais atendem aos turistas.

Na região curda do Iraque, apesar da enorme produção econômica da região, apenas uma pequena parte de seus benefícios é voltada para a população local. Além disso, conta com poucas indústrias modernas pesadas (MEHO, 2001). O petróleo é produzido e refinado com abundância nas áreas curdas, assim como a mineração. No entanto, os trabalhadores qualificados são quase inteiramente não-curdos e, na verdade, não-locais, sendo empregados somente em indústrias leves, relacionados principalmente a artesanato, materiais de construção, açúcar e têxteis (MEHO, 2001). O comércio também é de crescente importância no Curdistão iraquiano e representa uma boa fonte de renda para muitos curdos que vivem perto das rotas comerciais. Tudo isso, juntamente com a negligência econômica dos governos locais, explica por que a sociedade curda ainda é principalmente agrária. Como consequência, apresenta uma grande emigração de sua população produtiva para centros urbanos, onde eles estão se tornando urbanizados, mas não industrializados (MEHO, 2001).

No Iraque, a região curda é a mais desenvolvida das quatro regiões do grande Curdistão. Passou por um processo contínuo de migrações voluntárias ou forçadas, principalmente para cidades e campos de Mujamma ou de reassentamento na região (LEEZENBERG, 2006). No início, depois da criação do Estado iraquiano, era uma área dos curdos nômades, criação de animais e pequenos agricultores. Atualmente, 80% da população vive em áreas urbanas. A Região do Curdistão do Iraque experimentou prosperidade econômica após os anos de ocupação dos Estados Unidos em 2003. Em 2005, a região alcançou seu status semiautônomo e até 2014 se beneficiou de sua parcela constitucionalmente obrigatória do orçamento central e do aumento do investimento estrangeiro, que vieram principalmente de países vizinhos (SUMER, 2018). A crise econômica da região em 2014 começou com a suspensão das transferências do orçamento central, aprofundou-se com a queda dos preços do petróleo e a ocupação de Mosul pelo Estado Islâmico e continuou com o referendo de independência de setembro de 2017. Devido à dependência do governo regional do Curdistão no oleoduto da Turquia para obter receitas autônomas, bem como em empresas estrangeiras para extrair suas reservas de petróleo e gás, a subsistência econômica da região depende fortemente de relações diplomáticas saudáveis com os países vizinhos. Esses Estados, no entanto, se opõem diretamente ao movimento do governo regional em direção à secessão (SUMER, 2018).

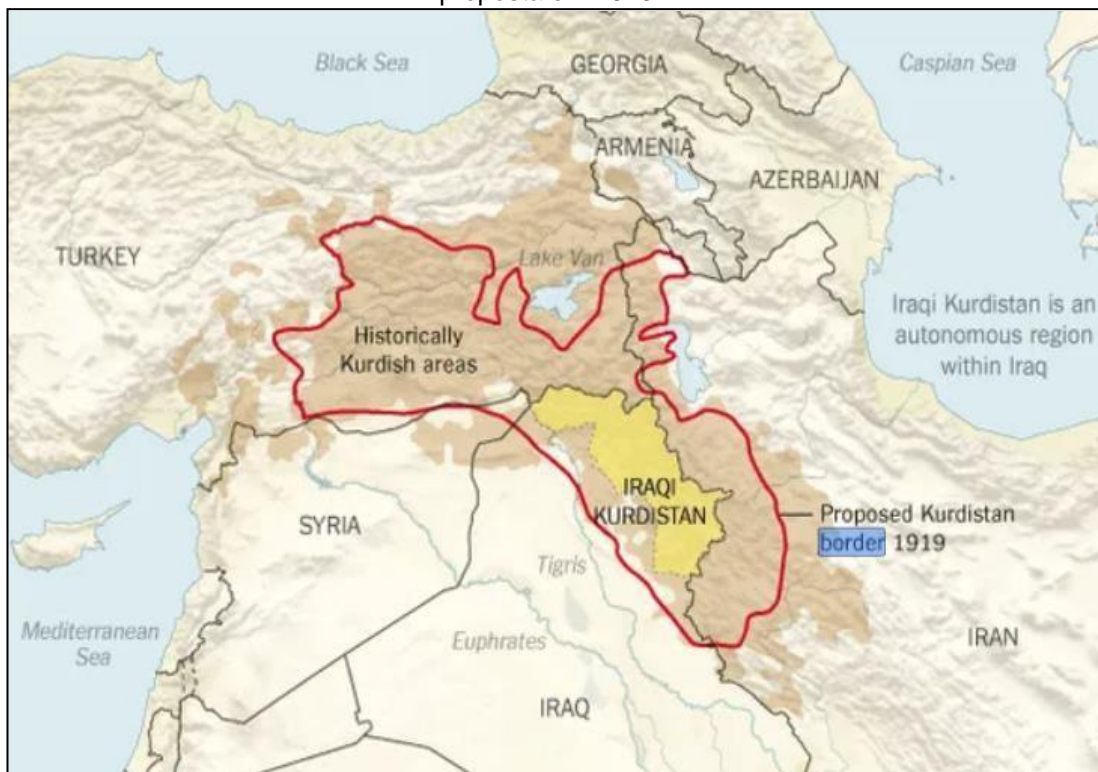
Sendo assim, pode-se perceber a importância das regiões ocupadas pelos curdos no que se refere à economia e o empenho dos governos centrais em diminuir qualquer iniciativa que possa resultar em uma união dos curdos, na busca pela autonomia e reconhecimento internacional de um Grande Curdistão.

A seção seguinte abordará a Região Autônoma do Curdistão no Iraque e as influências externas que existem sob essa região. O propósito é apresentar a autonomia dessa região e se ela realmente pode incentivar as outras áreas curdas de seguirem o mesmo caminho.

2.2 Influências externas na Região Autônoma do Curdistão do Iraque

Esta seção tem por objetivo apresentar as influências externas na Região Autônoma do Curdistão iraquiano com o intuito de compreender o desenvolvimento econômico e político regional. Uma vez que esse desenvolvimento pode provocar anseios semelhantes nas outras áreas curdas, anseios que os respectivos governos centrais tanto temem.

Mapa 5: Região Autônoma do Curdistão Iraquiano e a fronteira do Grande Curdistão proposta em 1919



Fonte: história online. Disponível em: <https://historiaonline.com.br/questao-curda-perguntas-e-respostas/> Acesso em: 13 de mar. de 2020

No mapa acima é possível observar, em amarelo, a área da Região Autônoma do Curdistão e compará-la com o recorte territorial, em vermelho, que proposto à Liga das Nações para o que seria o Grande Curdistão¹⁵.

A mudança da ajuda humanitária para a reconstrução dentro de uma estrutura neoliberal ajudou a abrir as economias políticas do Iraque e do Curdistão iraquiano, incentivando o comércio entre a região do Curdistão, Estados regionais e Estados extrarregionais. A criação de um Estado federal iraquiano também levou a vínculos financeiros e políticos entre a região do Curdistão e Bagdá e a novos requisitos de negociação (NATALI, 2007).

A paz e a prosperidade na região do Curdistão também levaram a um boom imobiliário (OOSTLANDER, 2004). Migrações de famílias ricas do centro e sul do Iraque para o norte; retorno dos exilados curdos iraquianos, que compraram ou alugaram suas casas como investimento, e a presença dos Estados Unidos resultaram em um aumento vertiginoso de aluguéis e preços de compra.

As aberturas na economia curda, juntamente com os problemas políticos e de segurança, incentivaram novas interdependências entre o Governo Regional do Curdistão, empresas estrangeiras e governos regionais (SUMER, 2018). O término do regime de sanções internacionais e o embargo interno em maio de 2003, taxas e impostos alfandegários nas fronteiras turca e iraniana, ausência de padrões de controle de qualidade e as iniciativas do Governo Regional do Curdistão trouxeram novos produtos e projetos de investimento estrangeiros para a região (NATALI, 2007). Diversas empresas estrangeiras estão construindo novas fábricas de cimento, estações de tratamento de água, aeroportos e estradas. Em sua busca para satisfazer o mercado iraquiano, a região curda se tornou uma porta de entrada para o Iraque como um todo (OOSTLANDER, 2004).

Uma variedade de tecnologia, itens alimentares e materiais de construção da China, Dubai, Arábia Saudita, Kuwait, Jordânia, Síria, Turquia, Irã e sul do Iraque passa regularmente pela zona de trânsito do Curdistão iraquiano através de portos em *Mersin*, *Basrah* e *Aqaba* (SALIH, 2005). Tornam-se particularmente populares entre o grupo emergente de comerciantes internacionais, que compram artigos

¹⁵ Termo usado para se referir ao que seria o Estado curdo ou simplesmente Curdistão, abrangendo as quatro regiões atualmente pertencente à Turquia, Síria, Iraque e Irã que são habitadas pelos curdos.

têxteis e domésticos de baixa qualidade para revenda no Curdistão iraquiano.

Os donos da *Sana Cell* em *Suleymaniya*, por exemplo, criaram um mercado de roupas curdas prontas por uma fração do preço nos mercados locais. As relações cooperativas também surgiram com os Estados regionais (SALIH, 2005).

Nesse ambiente favorável aos negócios, o Governo Regional do Curdistão assumiu compromissos políticos com a Turquia e o Irã como forma de expandir sua economia, apesar das contínuas tensões políticas com o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e do tratamento dos curdos na Turquia. Após anos de negociação com o governo turco sobre os voos aéreos da capital do Governo Regional do Curdistão, Erbil, para Istambul, o governo curdo iraquiano concordou em usar aviões turcos em vez de sua própria companhia aérea, a *Kurdistan Airways* (SALIH, 2005).

Os curdos iraquianos têm ocupado os principais cargos do governo central do Iraque, incluindo Hoshyr Zibari como ministro das Relações Exteriores de 2003 a 2014 e ministro da economia de 2014 a 2016; Jelal Talabani, que sucedeu Saddam Hussein como presidente do Iraque de 2005 a 2014; e Barham Salih como atual presidente iraquiano. Além disso, a constituição iraquiana concedeu aos curdos novos direitos legais para negociar a região de Kirkuk e terras disputadas, bem como outras questões delicadas, como compartilhamento de receita, direitos petrolíferos e finanças (SALIH, 2005).

Em dezembro de 2005, o Governo Regional do Curdistão negociou seu primeiro empreendimento internacional de perfuração de petróleo com uma empresa norueguesa, apesar da oposição de oficiais iraquianos em Bagdá, capital do Iraque. A elite curda também usou esse período de estabilidade para treinar e equipar melhor suas próprias capacidades militares (NATALI, 2007).

Em 2013, um novo oleoduto foi construído ligando Governo Regional do Curdistão à Turquia, que se conectou ao gasoduto Kirkuk – Ceyhan construído no início da década de 1970 (SUMER, 2018). O Governo Regional do Curdistão é mais do que um simples mercado para a Turquia. Fontes de gás podem trazer benefícios para os turcos, que estão tentando se tornar um corredor de energia para a Europa (BARKEY, 2011).

Em março de 2011, a *FDI Magazine*, subsidiária da publicação britânica *Financial Times*, classificou Erbil em quinto lugar entre as principais cidades do Oriente Médio em termos de potencial de investimento direto estrangeiro (IDE). A classificação foi baseada no potencial econômico das cidades, infraestrutura, facilidade de negócios e estratégia de promoção do IDE. Um fato a ser lembrado nesse contexto é que o Irã é o principal rival econômico e político da Turquia em todo o Iraque, incluindo a região curda (GUNTER, 2011).

O Irã investiu muito em suas relações com os xiitas¹⁶ iraquianos e o Governo Regional do Curdistão. Grande parte da liderança xiita iraquiana passou algum tempo no Irã durante seus anos no exílio e continuou a obter apoio crítico de Teerã. Portanto, a influência do Irã é profunda e amplamente baseada, exceto, é claro, com os sunitas¹⁷ iraquianos que tendem a ver os xiitas iraquianos como uma ferramenta dos iranianos. O Irã também espera exportar gás para o Iraque para ajudar na sua escassez de geração de eletricidade (BARKEY, 2011).

Por outro lado, no relacionamento iraquiano-turco, a água permanece como uma das questões mais importante. O imenso projeto da Turquia de 22 represas no Sudeste da Anatólia, o GAP, iniciado em 1980, está causando impacto nos países a jusante: Síria e Iraque (GUNTER, 2011). O problema não é novo, mas ganhou um novo senso de urgência, à medida que o Iraque tenta se recuperar de anos de guerra, sanções e outros fatores, incluindo mudanças climáticas e secas que causaram graves deslocamentos no setor agrícola. A falta de água devastou a pesca de água doce, o gado, as culturas e os bosques de tamareiras que outrora tornaram a área famosa, forçando a migração de dezenas de milhares de agricultores (BARKEY, 2011). Nas áreas curdas, cerca de 100.000 moradores abandonaram suas terras para procurar novos lugares para viver, pois os sistemas de água tradicionais desapareceram. O problema não é atribuível apenas à Turquia ou a fatores externos, como atenção insuficiente à infraestrutura e décadas de má administração, resultando em uma porcentagem significativa da água disponível no Iraque sendo desperdiçada.

¹⁶ Os xiitas consideram Ali, o genro e primo do profeta Maomé, como o seu sucessor legítimo e consideram ilegítimos os três califas sunitas que assumiram a liderança da comunidade muçulmana após a morte de Maomé. Como exemplo de extremistas xiitas pode-se citar o Hesbollah e o houthis.

¹⁷ Os sunitas formam o maior ramo do Islã, cerca de 80% do total dos muçulmanos. A Al-Qaeda, o Estado Islâmico e o Boko Haram, considerados fundamentalistas, são sunitas que descumprem pilares importantes do islamismo, assim como o wahabismo, uma versão extremista dominante na Arábia Saudita.

As severas pressões experimentadas por muitos países da região quando se trata de escassez de água são uma fonte potencial de discórdia, pois os dois principais rios, o Eufrates e o Tigre, se originam na Turquia e depois fluem da Síria para o Iraque (BARKEY, 2011). À medida que a Turquia intensifica sua própria exploração das águas desses dois rios, as condições provavelmente deteriorarão ainda mais a jusante. Além dos problemas hídricos, grande parte da melhoria nas relações com o o Governo Regional do Curdistão depende da capacidade de Ancara de resolver seu próprio problema curdo doméstico, que assumiu um maior senso de urgência à medida que os curdos turcos se organizam e se mobilizam para pressionar por seus direitos (BARKEY, 2011).

Os curdos continuam sendo aliados dos Estados Unidos, enquanto algumas populações iraquianas, principalmente no triângulo árabe sunita e em partes do sul, se revoltam contra a presença estrangeira no Iraque. Além disso, a libertação de Kirkuk encorajou milhares de curdos a retornar às suas terras originais, o que levou a novos conflitos territoriais entre as populações curdas, árabes e turcomanas e ao reforço das reivindicações étnicas curdas à cidade e suas receitas com o petróleo (NATALI, 2007).

Quanto a representações estrangeiras na região curda do Iraque, o site oficial do Governo Regional do Curdistão apresenta as seguintes informações: Áustria e Bulgária têm um escritório comercial em Erbil e a região do Curdistão tem uma representação em Viena. A República Tcheca, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Itália, Holanda, Polônia, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos tem um consulado geral em Erbil. Finlândia, França, Noruega e Eslovênia têm uma presença militar na região do Curdistão. Suécia e Canadá têm um escritório de embaixada em Erbil. A região do Curdistão tem uma representação em Estocolmo. Os curdos iraquianos possuem representação em Paris, Berlim, Roma, Varsóvia, Moscou, Madri, Berna, Londres, Sydney, Estocolmo e Washington.

Sendo assim, pode-se perceber que, desde a autonomia de facto, houve um avanço econômico, social, cultural e político na Região Autônoma do Curdistão iraquiano, como também para o próprio Iraque. Os curdos alcançaram um reconhecimento internacional e chegaram a cargos políticos importantes como a presidência iraquiana.

Nesse capítulo, foram expostas as questões históricas dos acordos feitos desde a Primeira Guerra Mundial até os dias atuais, apresentando os traços culturais, econômicos, sociais e políticos das quatro regiões curdas, tendo como objetivo apresentar a história e a luta desse povo, para que, no próximo capítulo, se possa compreender a configuração dos países do Oriente Médio através de uma seleção conceitual sobre Estado Vestfaliano, Estado-Nação e Estados Falidos. Também apresentará a Questão Curda e o califado do Estado Islâmico como formas alternativas ao sistema de Vestfália, utilizando conceitos de identidade e atores não-estatais.

3 O SISTEMA DE ESTADOS DE VESTFÁLIA: ORIGEM E FORMAS ALTERNATIVAS

Diante da instabilidade que atormentam atualmente a política global, mais especificamente o Oriente Médio, torna-se necessário voltar e reavaliar a história para poder dar início aos estudos atuais sobre a região. Os conflitos latentes que estão presentes hoje são consequências de um passado que precisa ser compreendido. Esse capítulo apresentará a origem do pensamento vestfaliano e sua influência no surgimento dos Estados europeus, bem como apresentará o Califado do Estado Islâmico e a Questão Curda como formas alternativas a Vestfália.

3.1 De Vestfália a Estado-nação

O objetivo desta seção é buscar, na origem da formação dos Estados, uma compreensão sobre como se deu a configuração dos Estados do Oriente Médio. Houve uma formação forçada à moda vestfaliana? Vestfália seria uma solução para os conflitos atuais? Vestfália poderia trazer organização cultural, nacional e religiosa para a região? Esses Estados podem ser considerados Estados-nação? Para responder a essas perguntas também serão expostos o conceito e as características dos Estados nacionais.

3.1.1 Vestfália: paz ou mito?

A Guerra dos Trinta Anos, ocorrida entre 1618 e 1648, foi um período de intensa rivalidade entre católicos e protestantes somada a ambição de príncipes que buscavam conquistar mais poder. Após vários anos de batalha, sem conseguir solução para o impasse, percebeu-se a necessidade de buscar acordos e soluções definitivas por meio de reuniões que resultaram na “Paz de Vestfália”. Os princípios ali apresentados foram importantes na resolução de conflitos entre Estados, permitindo a coexistência entre religiões e unidades políticas (SALOMÃO, 2014).

O sistema de Vestfália contribuiu para o domínio europeu em grande parte do mundo e para o surgimento de ligações comerciais entre países com diferentes filosofias e pensamentos políticos. Vestfália contribuiu para o desenvolvimento dos Estados europeus sem preocupação com os demais, ignorando as atrocidades

mundiais como tráfico de escravos, genocídios e colonialismo (SALOMÃO, 2014). Tal comportamento, conforme argumenta Keene (2002), levou ao enfraquecimento de fronteiras dos países fora da Europa. Enquanto essa se fortalecia e se unia, regiões alheias a ela, em especial o Oriente Médio e a África, observavam seu recorte territorial se fragmentar e sua cultura se diluir em meio a outras. Segundo Krasner (1999), Estados rivais, grandes potências e elites domésticas frequentemente violam e contornam a soberania e a igualdade quando e onde serve a seus interesses.

O sistema moderno de Estados está centrado na soberania absoluta em seu território. Segundo Lebedeva e Marchetti (2016):

- a) Nenhuma autoridade é superior ao Estado;
- b) Igualdade formal de status concedida a cada Estado, com controle de fato sobre o território como o único princípio de legitimidade aceito;
- c) Indiferença das organizações internacionais à organização política doméstica, ou seja, a relação entre cidadãos e Estado é totalmente relegada à lei nacional;
- d) Não-intervenção;
- e) Direito à legítima defesa. Mais tarde, o sistema tornou-se muito mais complicado (com direito internacional, princípio do equilíbrio de poder etc.).

Faz-se necessário atentar para a diferença entre ordem mundial e ordem internacional. Esses termos podem ser vistos como pertencentes a contextos históricos diferentes: ordem internacional refere-se normalmente às relações entre Estados soberanos e territoriais de um sistema de Vestfália. Esse conceito refere-se ao Estado territorial, caracterizado pela soberania interna e externa que surgiu após a Paz de Vestfália. Este sistema internacional está agora em processo de transformação devido a mudanças nos princípios constitutivos básicos nos quais se baseou. Já a ordem mundial refere-se a um mundo pós-Vestefália mais complexo ou a um mundo além da soberania nacional. A ordem mundial é para a humanidade. Trata-se de um conceito mais normativo, enquanto ordem internacional era simplesmente ordem entre Estados (BULL, 1977).

Segundo Lebedeva e Marchetti (2016), no início, Vestfália não era um sistema global, nem mesmo um sistema pan-europeu. Era "o mundo de Vestfália" e "o mundo fora de Vestfália" com outros modelos de organização política, como impérios, califados etc. A ideia de que Vestfália contribuiu para a ordem mundial leva a um entendimento equivocado de que o problema de "anarquia" fora da

Europa foi resolvido. Há quem acredite que seu eurocentrismo é um mito ou uma narrativa que ofusca a realidade das relações internacionais (KAYAOGLU, 2010). No entanto, apenas os princípios de Vestfália existem até os dias de hoje. O sistema vestfaliano evoluiu e tornou-se mais complexo. O princípio da soberania de Vestfália foi repetidamente violado e passou por uma transformação. No entanto, isso não justifica uma substituição do sistema vestfaliano (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016).

A partir de 1945, com a fundação das Nações Unidas, houve a primeira mudança no quadro jurídico internacional. Houve a necessidade de interação entre os Estados na busca da paz internacional promovendo a cooperação e os direitos humanos. As crises subsequentes nas instituições clássicas do direito internacional sobre autodefesa surgiram com a ideia de que a segurança coletiva consiste na expropriação do direito absoluto do Estado de recorrer ao uso da força, passando a ser necessário o aval da ONU (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016).

Outra modificação significativa da prática internacional reside no reconhecimento da supremacia legal da Carta da ONU sobre qualquer outro tratado internacional subsequente (art. 103). Do ponto de vista legal:

O novo sistema gerado por essas mudanças afetou seriamente a autoridade da soberania do Estado. Nas últimas décadas, ocorreu uma mudança significativa na estrutura institucional em relação ao aumento e intensificação substancial dos mecanismos de governança global. A interdependência criou uma necessidade crescente de cooperação internacional mais ampla e profunda, que finalmente levou ao estabelecimento de uma densa rede de organizações híbridas e monofuncionais. Um crescimento constante de normas políticas e disposições legais tornou-se cada vez mais característico do lado institucional da sociedade atual, corroendo a legitimidade do Estado e do direito internacional clássico (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016, p. 3)¹⁸

Em contra partida, tomando caminhos menos conflitivos e mais cooperativos que o sistema vestfaliano clássico, surge o conceito de governança global, que não exige o mesmo nível de centralização e formalização. A governança global é baseada em normas, regras e procedimentos projetados para resolver problemas em nível global, mas não requer uma fonte única de poder (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016).

¹⁸ A tradução desta citação, assim como das demais presentes neste trabalho, são de responsabilidade do próprio autor.

Cinco tendências caracterizam as formas recentes de governança global: 1) a fusão de nacional e internacional; 2) o aumento do papel dos atores não-estatais; 3) o surgimento da governança privada; 4) a mudança para um novo método de conformidade; 5) a crescente complexidade do horizonte institucional (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016, p. 6)

No início do século XXI, segundo Hettne e Odén (2002), quando a Guerra Fria terminou e a União Soviética se desintegrou, a economia mundial floresceu e a democracia constitucional se fortaleceu. Ao contrário dos finais das duas guerras mundiais do século XX, o fim da Guerra Fria não deu origem a demandas populares por reformas globais. Em vez disso, o clima predominante era complacente e totalmente otimista em relação ao futuro, triunfalista no sentido do que precisava ser feito para garantir o bem-estar humano.

George Bush, em 1990–91, despertou interesse e construiu apoio durante a Guerra do Golfo, referindo-se constantemente à possibilidade de estabelecer “uma nova ordem mundial”, pela qual ele quis dizer um processo de segurança coletiva em funcionamento sob os auspícios da ONU. A diplomacia humanitária também foi levada a sério neste período, tanto em relação à proteção da minoria curda no Iraque, quanto à resposta à catástrofe humanitária na Somália e ao esforço para evitar a limpeza étnica na Bósnia. Mas, por razões complicadas demais para discutir aqui, a desilusão se seguiu e as implicações mais promissoras de tais iniciativas nunca se materializaram. Entre as iniciativas mais esperançosas, estava o esforço de Lloyd Axworthy, enquanto Ministro das Relações Exteriores do Canadá, de defender uma mudança de “segurança nacional” para “segurança humana” como base para o papel do Estado soberano. Em vez disso, os Estados Unidos lideraram um retorno à geopolítica de Vestfália em seu caráter mais centralizado no Estado, uma reação contra as Nações Unidas e uma dependência primária da economia mundial para resolver problemas de sofrimento humano (HETTNE; ODÉN, 2002, p. 167).

Essas divergências refletirão em diferentes circunstâncias culturais, carregadas de memórias históricas e agitadas por um ressurgimento da influência religiosa em diferentes formas, muitas vezes intimamente ligadas ao nacionalismo. Ainda segundo Hettne e Odén (2002), os modos de autoridade reguladora de Vestfália já são insuficientes e se tornarão mais ainda no futuro, mas a resistência de Vestfália aos ajustes dos principais centros de poder do Estado permanecerá. Diante dessa realidade, é provável que o movimento pela governança global humana se torne mais forte. Entretanto, pode buscar e aceitar modificações neovestfálicas que realizem os potenciais éticos e legais de um mundo estadista (HETTNE; ODÉN, 2002).

A próxima seção apresentará as características e origem do Estado nacional e sua importância no cenário mundial, trazendo autores importantes que conceituam o debate sobre nação e nacionalismo.

3.1.2 O surgimento do Estado-nação e sua importância à ordem mundial

Vestfália apresenta o Estado soberano como o grande ator internacional. No entanto, os primeiros grandes impulsos a favor da coincidência entre a nação e o Estado só irão ocorrer no final do século seguinte, em 1789, com a Revolução Francesa e com o posterior desenvolvimento do nacionalismo alemão (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016)

O Estado-nação teoricamente desenvolve política em torno da identidade nacional (GLASSMAN, 2017). Difere-se do Estado tradicional por ter um território bem definido, cidades administradas por um governo central e cidadãos com participação na vida política do Estado. O sentimento de nacionalismo é um dos pontos mais característicos de um Estado-nação, atrelado a um conjunto de símbolos e convicções vistos como traços representativos de uma determinada identidade nacional. Línguas em comum, religiosidade e símbolos foram usados como pontos de aglomeração de povos, que passaram a se ver representados por sua nacionalidade (GLASSMAN, 2017).

A nação pode ser definida como uma forma de organização social e política necessária ao dinamismo do capitalismo avançado, caracterizada pela preeminência de um sistema produtivo integrado em todo o mundo e por valores amplamente aceitos. Portanto, a comunidade nacional se consolida na fase em que os meios de comunicação e transporte permitiram a circulação intensiva de capitais, mercadorias, pessoas, invenções tecnológicas, ideias e padrões éticos e morais. A nação não é essencialmente fruto de aspirações exclusivistas, mas o filho preferido da internacionalidade (NETO; MARTINS, 2006). Sem o aparato institucional (político, jurídico, burocrático, militar, educacional e cultural) do Estado nacional, o desenvolvimento do capitalismo seria impensável (NETO; MARTINS, 2006). O ambiente histórico em que a nação emerge é marcado pela crença coletiva na aceleração do tempo histórico. É por isso que a construção da comunidade nacional é um processo sem fim (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016).

Apesar da falta de explicações universalmente aceitas sobre as origens e o processo formativo das nacionalidades, segundo Neto e Martins (2006), é possível estabelecer algumas características universais que distinguem a comunidade nacional de outras formas comunitárias não reconhecidas como modernas:

- a) A nação é organizada com o objetivo de integrar a comunidade global; sua existência pressupõe subordinação ao pacto entre os Estados-nação que produz a ordem internacional. As organizações internacionais assumem um papel crucial na configuração das nacionalidades, pois são as principais responsáveis pela implementação das normas e padrões das políticas públicas na vida moderna. A autodeterminação esperada é necessariamente mantida em uma trela muito curta.
- b) A nação promete a todos direitos iguais; a comunidade nacional é fundada com base na expectativa de relações satisfatórias e respeitadas entre seus membros. Essa aspiração alimenta o desejo dos grupos mais vulneráveis e menos abastados de se integrar à comunidade nacional. Longe de ser o clube exclusivo das elites, a nação também é forjada através da luta dos socialmente discriminados.
- c) A nação é uma comunidade fortemente ligada a um poder político. A legitimidade desse poder deriva de sua capacidade de realizar a vontade do povo e alimentar suas esperanças de uma vida melhor. Sem uma boa parte da comunidade nacional acreditando ser representada pelo governo e tendo suas preocupações consideradas, o Estado nacional não seria capaz de enfrentar desafios internos ou externos.
- d) A nação está envolvida sistematicamente na construção de sinais que possam identificá-la como uma entidade homogênea, embora tenha uma capacidade extraordinária de abraçar a diversidade. O Estado é o principal promotor do que geralmente é designado como "sentimento nacional", mas não o único. Os processos envolvidos na formação desse sentimento refletem a rivalidade entre os diversos interesses presentes na comunidade nacional.

De acordo com Buzan (2012), o Estado-nação é uma criação europeia e surgiu a partir da queda do absolutismo e da ascensão do liberalismo; entre o fim da era medieval e o início dos tempos modernos e desde então se estabeleceu nos demais continentes, num processo de disseminação cultural europeia. Além disso,

como aponta Lawrence Krader (1968), existem diversos modelos estatais de governo além do Estado-nação: cidades-estados, Estados imperiais, autocráticos, tribais, centralizados, descentralizados. As instituições criadas pelas potências colonizadoras tinham como intuito proteger o Estado de seu próprio povo, e tais instituições continuaram a exercer estas funções mesmo após a queda do colonialismo. O preço da descolonização foi a aceitação da forma ocidental de Estado, a associação ao sistema internacional, e a aceitação das fronteiras criadas pelas potências coloniais (HELFONT, 2015). Como afirma Buzan (2012), o resultado da colonização e descolonização foi a criação de Estados superficialmente compatíveis com o formato ocidental, longe da realidade local, impondo-lhes mais desafios que os levou a disputas entre si ao mesmo tempo em que perdiam posição política no sistema internacional. Em muitas partes do mundo, o papel da Vestfália nunca foi cumprido, devido à falta de legitimidade interna e externa e à falta de controle territorial (HETTNE; ODÉN, 2002).

A autodeterminação que os Estados Unidos ofereceram após a Segunda Guerra foi relativa, visto que era pautada de acordo com os próprios interesses norte-americanos, podendo ser deliberadamente instrumental através da privatização e da liberalização, a fim de promover certos interesses no espaço globalizado, como legitimidade externa e acesso ao crédito (HETTNE; ODÉN, 2002). Segundo Hettne e Odén (2002), a retirada do Estado de suas funções históricas vestfalianas, consequência da globalização, implica uma relação alterada entre o Estado e a sociedade civil, promovendo uma política de identidade, pois os interesses estão no processo de transferência da sociedade civil para os grupos particulares e atores não-estatais, competindo por recursos escassos, influência política, etc.

Porém, Öcalan¹⁹ (2016) defende que o Estado-nação tem como objetivo alcançar o monopólio de todos os processos sociais, e para isso, a diversidade e a multiplicidade precisam ser combatidas, pois a ideia de unidade é fundamental para preservar a própria existência desta instituição. Essa busca pela homogeneização dentro do Estado-nação leva à assimilação e ao genocídio, resultando numa identidade artificial. Para Öcalan (2016), o Estado-nação é a forma máxima de poder, o monopólio mais completo e elaborado, através de uma união entre a concentração

¹⁹ Abdullah Öcalan é um teórico político de esquerda curdo de nacionalidade turca, um dos membros fundadores do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e o criador do confederalismo democrático.

de poder do comércio, da indústria, das finanças e das ideias. Para se dar esse monopólio máximo de poder, a ideia de integridade é essencial. Para isso, o Estado-nação, para justificar sua própria existência, precisa elaborar uma forma de homogeneizar os diferentes grupos que habitam seu território.

Contudo, segundo Krader (1970), as sociedades que tenham como organização social o Estado não costumam ser etnicamente homogêneas, já que o Estado é definido através de grandes porções populacionais e territoriais, trazendo grupos diferentes sob um governo comum (KRADER, 1970).

Estamos deixando um mundo em que a violência foi altamente institucionalizada para uma onde é individualizada. As sociedades de estilo ocidental são ao mesmo tempo tolerantes no nível das instituições e grosseiras e violentas no nível do comportamento individual (TOURAINÉ, 1997, p. 443, apud KRYLOV; PIERRE, 2008).

Diante de um paradoxo geopolítico, Morin (2002) destaca que a sociedade mundial em construção precisa dos controles de uma sociedade organizada, com leis e direitos. Já as organizações supranacionais parecem ainda incapazes de fornecer uma expressão democrática de grupos populacionais mundiais com interesses e valores diversos e até mesmo divergentes. O Estado-nação continua a desempenhar um papel importante no cenário mundial, apesar de as realidades estratégicas atuais poderem ser territoriais. O escopo do poder estatal está mudando e novas formas de violência aparecem. Se os países estão envolvidos em um comércio internacional, os indicadores de migração e mobilidade mostram também que a integração econômica não é global e que muitas pessoas permanecem ligadas local ou nacionalmente a seus Estados (KRYLOV; PIERRE, 2008).

Diante da sensação de estar “exposto” pela globalização, os Estados-nação podem formar agrupamentos regionais, em vez de se dissolver, em uma entidade maior que compartilha os benefícios da solidariedade (KRYLOV; PIERRE, 2008).

O tipo mais seguro de dependência pode agora ser encontrado na repercussão transfronteiriça de práticas: não há necessidade de presença física nesses países supostamente independentes, pois existe a condição de influenciar à cultura, às instituições e à atividade econômica destas populações e àqueles que acreditam ter poder. O clientelismo e a importação substituem a ocupação e a colonização: a receita é mais barata e mais segura (BADIE, 1995, apud KRYLOV; PIERRE, 2008).

Segundo Krylov e Pierre (2008), os Estados Unidos declararam-se a base da defesa do mundo livre e promotores do desenvolvimento, através das instituições das Nações Unidas. No entanto, as guerras por procuração, que podem ser percebidas como uma estratégia para evitar conflitos generalizados, rapidamente substituíram o ideal de paz universal, projetando a luta pelo controle dos recursos naturais e do poder político. Os “conflitos periféricos” se multiplicaram em Estados “em desenvolvimento”. O veto das superpotências os coloca acima da lei e livres de sanções. A ONU fornece uma legitimidade aos interesses nacionais através de um sistema de procedimentos diplomáticos codificados: foi criado todo um ritual de reuniões e negociações através de um exército de funcionários internacionais (KRYLOV; PIERRE, 2008). As guerras por procuração contribuíram com sua parte para o surgimento do terrorismo moderno quando os Estados Unidos procuram intervir em todos os lugares para acabar com a ameaça terrorista (KRYLOV; PIERRE, 2008).

Segundo Lebedeva e Marchetti (2016), existem três tipos de Estados: a) Estados pós-modernos (pós-vestfalianos) com linhas confusas entre política externa e política interna, além de controle e integração mútuos; b) Estados modernos (Estados vestfalianos) com integridade territorial e independência de políticas internas e externas; c) Estados pré-modernos (pré-vestfalianos) com soberanos que dispõem o poder de forma essencialmente tradicional e sustentam a dominação baseados na legitimidade teocráticas. A análise de três tipos de Estados leva à conclusão de que o Estado nacional não é uma fórmula universal de construção nacional (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016). Diferentes nações podem se acomodar num mesmo Estado sem que dela advenha automaticamente um conflito violento. A perspectiva dominante, desde século XVIII, assume a nação como única fonte de legitimidade do Estado. Como consequência, cada grupo que se auto identifica como nação pretende instituir o seu próprio Estado, enquanto os membros de um Estado desejam constituir-se como nação, não se limitando à denominação neutra de população (LEBEDEVA; MARCHETTI, 2016).

A República Islâmica do Irã, por exemplo, dá origem a uma ideologia que desafia as estruturas do sistema internacional, rejeitando o Estado secular e a jurisdição do direito internacional. No país, distingue-se o reino, no qual a lei vem de Deus, do restante do mundo, que deve ser convertido por uma Guerra Santa [*Jihad*]. Portanto, nenhum critério legal é capaz de definir a Nação e nenhum tribunal é capaz de protegê-la (KRYLOV; PIERRE, 2008).

A respeito de algumas definições sobre nação e nacionalismo, faz-se necessário uma breve comparação entre alguns autores:

- a) George P. Gooch (1920) afirma que o nacionalismo é o amor da comunidade. Ele não vê o nacionalismo como uma doutrina, mas sim como uma emoção instintiva. A linhagem e a linguagem não têm nada a ver com o senso de nacionalismo, exceto o sentimento por ele. Portanto, qualquer pessoa que possa sentir amor ou simpatia no termo de nação não precisa realmente estar relacionada a essa nação com linhagem de sangue, parentesco ou mesmo antecedente histórico.
- b) Ernest Gellner (1983) identifica nação e nacionalismo com base em princípios políticos. Para o autor, o nacionalismo é uma teoria da legitimidade política e nação é uma imposição de uma alta cultura na sociedade. Ele ainda afirma que o nacionalismo cria a nação.
- c) Anthony D. Smith (1991) afirma que não se pode entender as nações e o nacionalismo simplesmente como uma ideologia ou forma de política, mas também tratá-los como fenômenos culturais. O autor relaciona o nacionalismo à identidade nacional como um conceito multidimensional, linguagem, sentimentos e simbolismo.
- d) Habermas (1992) afirma que os Estados-nação emergem de três maneiras diferentes: o primeiro começa com os grupos étnicos que se espalharam para as comunidades vizinhas; o segundo é formado pelos grupos de pessoas que foram oprimidas, marginalizadas e assimiladas nos novos Estados; o terceiro diz respeito aos Estados-nação etnocêntricos que mantiveram as minorias étnicas sob extrema opressão ou as forçaram a se exilar.
- e) A teoria marxista define nação como resultado da evolução histórica, emergida com guerras, invasões e dissolução. O conceito de nação fica sendo uma ferramenta da opressão capitalista, localizado no centro da divisão de classes. No que diz respeito ao conceito de nacionalismo, é entendido como a existência de uma entidade política baseada em fronteiras nacionais.
- f) Hans Wicker (2004) sugere que, nos séculos XIX e XX, o poder que emerge nas nações vem de três conceitos básicos. Pensamento republicano: sua implementação está ligada a uma administração pública e a uma área definida cujas normas democráticas estão à disposição dos cidadãos; Capitalismo: fornece avanços tecnológicos, desenvolve novas indústrias e garante a questão das

habilidades de acumulação de capital; Nação: formada como resultado da interação entre capitalismo e Estado.

- g) Benedict Anderson (2008) define nação como uma comunidade política imaginada. Imaginada, pois seus membros nunca conhecerão todos os demais; na mente de cada indivíduo reside a imagem da comunidade da qual faz parte. Ela seria limitada, pois a nação é limitada em suas fronteiras por outros territórios; Também seria soberana, pois o surgimento do nacionalismo, segundo Anderson, está relacionado ao declínio dos sistemas tradicionais de governabilidade, como a monarquia na Europa ou a administração colonial na Ásia e nas Américas, e à construção de uma nacionalidade baseada na identificação étnica, racial e cultural. Por fim, seria uma comunidade, pois uma nação é concebida enquanto estrutura horizontal na sociedade. Ou seja, é possível que os membros de diferentes classes sociais ocupem um mesmo âmbito nacional e estejam vinculados por um projeto em comum.

Em meio a essas discussões sobre os conceitos de nação e nacionalismo, a identidade nacional dos curdos acaba se tornando uma questão interessante de análise. Conforme menciona Yilmaz (2016), colocar os curdos fora dessa categoria não seria sensato.

De acordo com essas definições, pode-se afirmar que uma nação não precisa estar relacionada a um Estado-nação para completar sua identidade nacional. O povo curdo, embora viva em diferentes regiões, está relacionado culturalmente, linguisticamente e historicamente, logo, está na categoria certa de “nação” (YILMAZ, 2016). Para corroborar com esse pensamento, a seção seguinte trará, de forma sintética, a história da formação dos Estados no Oriente Médio e a influência externa que contribuiu para a evolução dessa história, apenas para familiarizar o leitor com o contexto.

3.2 Formação dos Estados nacionais no Oriente Médio e a influência externa

Essa seção apresentará informações históricas sobre o processo de formação dos Estados nacionais no Oriente Médio e como os Estados extrarregionais, principalmente os Estados europeus, contribuíram para essa formação; se foi de forma organizada, respeitando a cultura e a identidade da

população local, ou não.

De acordo com Geng (2019), o Estado territorial moderno não é original do Oriente Médio, região onde a maioria dos Estados só conquistou a independência no século passado. Alguns estudiosos afirmam que a região é incompatível com o sistema de Estado-nação pois o Islã defende um Estado populacional formado por todos os muçulmanos do mundo, a *Umma*. Esse pensamento parece estar em conflito com os Estados territoriais da Vestfália. Alguns afirmam que os conflitos na região são resultado das fronteiras forçadas de Sykes-Picot, pois não levaram em conta o desejo da população (GENG, 2019).

No entanto, o estudo dos Estados-nação, no sentido territorial, permanece relevante para compreender a situação do Oriente Médio atualmente. A fim de aumentar a estabilidade do regime e melhorar o bem-estar do povo, as mudanças mais significativas são implementadas de maneira mais apropriada no nível dos Estados-nação (GENG, 2019).

Críticos de Sykes-Picot afirmam que o acordo impôs fronteiras artificiais à região, ignorando as composições étnicas e religiosas e negando à maioria das pessoas qualquer contribuição. Esses críticos ainda adotam uma perspectiva intervencionista para tentar solucionar os problemas em relação à região, propondo soluções como renegociar as fronteiras com a intervenção das grandes potências. Por outro lado, o Estado Islâmico, o mais recente desafiador da ordem dos Estados-nação do Oriente Médio, declarou, em 2014, "o fim de Sykes-Picot" (BILGIN, 2016). O que os críticos entendem e o Estado Islâmico defende é uma artificialidade das fronteiras, que as torna ilegítimas (GENG, 2019).

No entanto, as fronteiras determinadas em Sykes-Picot não eram totalmente aleatórias, algumas inclusive obedeceram a algumas das fronteiras do período otomano. As províncias de Mosul, Bagdá e Basra, no Iraque, por exemplo, já estavam funcionando econômica e militarmente de forma integrada; portanto, não havia alternativa além de agrupá-las sob o novo Estado do Iraque (DANFORTH, 2013).

Interessante notar que, segundo Geng (2019), o único país com fronteiras totalmente arbitrárias é a Jordânia, que é composta por terras áridas doadas pela Grã-Bretanha ao rei Abdullah; e que mesmo com uma vizinhança turbulenta, o país permaneceu relativamente pacífico, provavelmente devido à falta de recursos cobiçados.

Além disso, para alguns estudiosos há uma noção de que as fronteiras naturais devem separar perfeitamente diferentes grupos étnicos, evitando assim sérios conflitos internos. Mas a noção de que a separação de diferentes grupos étnicos é obrigatória para evitar conflitos é problemática e perigosa. Historicamente, a busca pela pureza étnica levou a muitos crimes abomináveis contra a humanidade (GENG, 2019).

Segundo Strömblad e Adman (2010), a afiliação a organizações étnicas nem sempre leva a uma maior integração cívica e política, ou seja, nem todos os membros de uma organização étnica terão as preocupações de seus próprios grupos. Além disso, organizações étnicas exclusivistas contribuem para a segregação e a discórdia social.

Para Rotberg (2004), existem três diferentes níveis de Estado: fraco, falido e colapsado. Estados fracos geralmente apresentam conflitos entre facções, que ainda não estão na fase extrema de violência, apresentando alto nível de crimes urbanos. Apresenta carência de bens políticos, principalmente na saúde e educação, instabilidade econômica, e perseguição a sociedade civil.

No segundo nível, os Estados falidos, apresentam situações de conflito e guerra civil com rebeldes armados geralmente contrários ao governo e instigada por diferenças étnicas, religiosas, linguísticas. Outras características são a perda de controle das fronteiras; aumento da violência, incapacidade de ação da polícia; e o surgimento de atores não estatais ocupando o espaço deixado pelos Estado. O executivo passa a ser a instituição com maior força, onde a democracia já não mais funciona. O Estado perde sua legitimidade (ROTBURG, 2003).

Já, no terceiro nível, os Estados colapsados são casos mais extremos e mais raro, em que atores privados detêm os bens políticos; não há autoridade; o território é dominado por Senhores da Guerra²⁰; o Estado perde o controle e a violência domina o local (ROTBURG, 2003).

Segundo Zartman (2017), pode-se utilizar duas categorias para analisar a soberania e as fronteiras no Oriente Médio: Estados falidos e Estados fortes. Enquanto os Estados fortes são caracterizados por participação e responsabilidade, os Estados falidos buscam autoproteção em troca de apoio.

Fukuyama (2005,124) também utiliza o termo falido, citando o exemplo do

²⁰ Senhor da Guerra é um tipo de ator que domina uma determinada área, sendo independente de qualquer autoridade superior e possuindo um exército privado (GIUSTOZZI, 2003).

Afeganistão. O autor afirma que o Estado estava tão enfraquecido que sucumbiu a um ator não-estatal, a Al-Qaeda, e que a única estratégia para vencer esse ator é o investimento na reconstrução dos Estados fracos ou falidos, como forma de combater a ameaça à segurança internacional que tais Estados representam.

Geng (2019) apresenta o conceito de comunalismo²¹ para explicar os interesses locais que buscam unir religião e política. O comunalismo islâmico, ou seja, o comunalismo religioso, é citado como uma ameaça ao sistema de Estado-nação no Oriente Médio. Para Zubaida (1993), o campo político molda os interesses e sentimentos dos subgrupos comunalistas e étnicos, e suas lutas internas são confinadas pelas regras estabelecidas pelo campo político. A doutrina islâmica não constitui princípios para fins políticos, servindo apenas para obter legitimidade dos grupos islâmicos, dando-lhes noção de superioridade. O Islã é invocado como uma identidade da mesma maneira que a identidade nacional é usada para diferenciar aqueles que pertencem ou não a nação. Diante disso, os comunalistas islâmicos acabam se mantendo ligados ao campo político dos Estados-nação, mesmo almejando o oposto. Os elementos administrativos, propícios à formação do Estado-nação, são inevitáveis, dada a demanda por conveniências modernas. Grupos políticos islâmicos não têm escolha a não ser adotar a forma do Estado territorial, explicando que as fronteiras físicas são apenas para conveniência administrativa (ZARTMAN, 2017).

O pan-arabismo como ideologia também foi questionado por sua legitimidade, já que havia sido mal utilizado como pretexto para políticas intervencionistas que violam a soberania de outros Estados. Barnett (1993) afirma que o pan-arabismo é o culpado por atuar como uma força desestabilizadora na política do Oriente Médio. O pan-arabismo, em vez de propor uma alternativa viável ao sistema de Vestfália, provoca a instabilidade do regime, corroendo a legitimidade estatal.

Os Estados falidos e a falta de legitimidade propiciam a descrença no sistema de Estado-nação. Porém, este não poderia ser culpado por essas falhas, uma vez que os verdadeiros responsáveis são as grandes potências que projetam

²¹ Termo usado tanto para o campo religioso – defende a unidade política e os interesses de uma pequena comunidade religiosa, como as primeiras comunidades cristãs, as reduções jesuíticas no Brasil, os *kibbutz* de Israel e as práticas de monges budistas etc. – como para o campo político – visa criar espaços e comunidades autônomas, cujo objetivo principal é demonstrar a possibilidade do anarquismo nas prática cotidiana, porém sem necessariamente ter alguma relação religiosa (REXROTH, 1974)

uma ordem neoliberal no mundo e o tornam dependente (GENG, 2019).

Um Estado falido, segundo a ONU (RESOLUTION..., 2005), são entidades políticas que demonstram pouca ou nenhuma capacidade de fornecer segurança básica a seus cidadãos. Esses Estados sofrem com pelo menos três falhas fundamentais: um governo fraco, que não tem legitimidade e não goza de monopólio dos meios de violência; extrema fragmentação política e social; e severa fraqueza econômica. A estes pode-se acrescentar a falta de correlação entre nação e Estado, especialmente quando vários grupos nacionais ou étnicos aspiram à independência ou se consideram pertencentes a um Estado vizinho. Esse fenômeno é particularmente destacado no Oriente Médio contemporâneo, onde os acordos pós- Primeira Guerra Mundial dividiram o extinto Império Otomano em Estados artificiais que agrupavam diversos grupos étnicos, religiões rivais e, em alguns casos, falantes de diferentes idiomas.

Para Zartman (1995), normalmente o processo de falha do Estado é gradual e prolongado. Ele observa que os Estados que sofrem de desintegração interna, muitas vezes por causa da política de identidade, seja religiosa, étnica etc., são caracterizados como instituições fracas, podendo se tornar Estados falidos. Nesses Estados, o fracasso se intensifica em uma espécie de círculo vicioso: a fraqueza do Estado reforça a fragmentação, que por sua vez enfraquece ainda mais as instituições e a legitimidade.

Para Geng (2019), apesar dos Estados falidos, do pan-arabismo e do Estado Islâmico, a consciência nacional manteve-se forte. Contudo, essa coletividade não é suficiente para evitar a relação centro-periferia, em que as nações ricas do centro extraem recursos das nações periféricas. Economicamente, há uma ausência de um Estado forte que possa executar estratégias eficazes de desenvolvimento sem depender de tecnologias estrangeiras importadas e exportação barata de bens primários. Enquanto isso, as elites aproveitam as políticas de liberalização para obter ganhos pessoais. Segundo Geng (2019), dizer que os países do Oriente Médio são impróprios para serem Estados-nação funcionais é uma conspiração que ajuda as grandes potências a explorar ainda mais a região e culpar as vítimas por suas dificuldades.

Segundo o primeiro-ministro israelense Binyamin Netanyahu, está na hora de reavaliar se o modelo moderno que temos de soberania e soberania irrestrita é aplicável em qualquer lugar do mundo (NETANYAHU...,2017). Netanyahu, cita a Palestina como exemplo. Antes de se pensar em um Estado palestino, seria

importante refletir sobre os acontecimentos ocorridos no Oriente Médio nos últimos anos. Ele ainda expressou uma preocupação mais ampla e aprofundada com as consequências de longo prazo das revoluções que vêm acontecendo no Oriente Médio. Essas revoluções derrubaram vários regimes e desestabilizaram vários Estados, além de questionar o sistema árabe de um século, baseado em Estados-nação territoriais, acelerando processos que estão em operação há muito tempo e transformando muitas dessas entidades em Estados falidos. Neste contexto, inclui-se a Autoridade Palestina também como uma entidade falida.

As últimas duas décadas mostram que a maioria dos conflitos ativos de hoje, incluindo o terrorismo internacional, emana de Estados falidos, que não podem controlar a propagação de problemas domésticos ou procuram exportá-los, na tentativa de reduzir a ameaça interna. São os maiores geradores de crises humanitárias, pessoas deslocadas e refugiados; põem em risco a estabilidade do regime nos estados vizinhos; eles permitem o acesso a armas sofisticadas roubadas de instalações militares em colapso e constituem solo fértil para o advento de grupos extremistas e terroristas. No contexto do Oriente Médio, eles incentivam atividades subversivas entre comunidades muçulmanas nos países ocidentais de uma maneira que possa desestabilizar a ordem social desses países (ZARTMAN, 1995). Esses efeitos estão tendo um impacto global, já que a comunidade internacional tem uma capacidade limitada de intervir em Estados falidos, de suprimir as violentas forças rebeldes que operam neles ou de apoiar a estabilização dos Estados-nação e do sistema regional. Esses limites são o produto da falta de vontade política necessária para intervir em áreas de conflito; a fraqueza conceitual e operacional inerente às missões de manutenção da paz e de construção do Estado; e a compreensão de que há uma vida útil limitada para intervenção nessas áreas, com base na experiência principalmente negativa com essas missões passadas. A estes devem ser adicionados os problemas resultantes da competição entre organizações de ajuda e dificuldade de coordenação entre missões que operam simultaneamente em regiões de conflito. Esses obstáculos reduzem ainda mais as chances de sucesso e podem até agravar a situação. (COOKE; DOWNIE, 2015)

Muitas vezes, por isso, os Estados Unidos identificam os Estados falidos como uma ameaça à segurança nacional. Interessante ressaltar que o Relatório de Desenvolvimento Humano Árabe da ONU (AHDR), publicado em novembro de 2016, identificou o mundo árabe como a região que sofreu o aumento mais rápido de guerras

e conflitos violentos na última década e determinou que o Oriente Médio agora abrange o maior número de países que se tornaram Estados falidos (MICHAEL; GUZANSKY, 2018).

Segundo Michael e Guzansky (2018), todo esse histórico remonta à criação do sistema de Estado-nação territorial pós-Primeira Guerra Mundial, que consistia em entidades artificiais com identidades fracas e territórios que eram pouco adequados para suas populações. A maioria dos Estados árabes falhou em moldar um *ethos* nacional sólido e sua governabilidade e estabilidade relativa dependiam exclusivamente da mão de ferro com a qual eram governadas. São tentativas inúteis de obter legitimidade por meio de ideologias sociopolíticas, como o pan-arabismo baathista ou o socialismo nasserita²², além de narrativas históricas fabricadas, como os iraquianos serem descendentes dos babilônios; os palestinos serem descendentes dos cananeus; os iranianos serem descendentes dos persas etc. (MICHAEL; GUZANSKY, 2018).

Os profundos conflitos religiosos, étnicos e nacionais que assolam as sociedades locais continuaram a apodrecer e provavelmente continuariam a fazê-lo por décadas a mais, se não houvesse uma convergência única de desenvolvimentos, incluindo a rápida globalização, o colapso do bloco soviético, o advento de grupos *jihadistas* e o aprofundamento das condições econômicas nos Estados árabes, que se combinaram para desencadear os levantes árabes. Estes, por sua vez, aceleraram o processo fracassado do sistema de Estado-nação árabe. Vários desses Estados - Iêmen, Líbia e, em certa medida, a Síria não existem mais como Estados coerentes, com governos centrais capazes de impor autoridade na maior parte de seu território, tornando-se arenas de conflitos violentos e sangrentos (MICHAEL; GUZANSKY, 2018).

A fraqueza de seus governos centrais e a perda de controle sobre a violência organizada levaram à expansão de periferias não-governadas. Essas regiões se tornaram incubadoras de organizações terroristas e atores não-estatais e

²² Tanto o Baathismo - uma ideologia política árabe, com base nas ideias do Partido Baath do Iraque e da Síria que mistura socialismo, nacionalismo e pan-arabismo - quanto o Nasserismo - ideologia política nacionalista árabe baseada nos pensamentos do antigo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser e que influenciou os movimentos pan-Arábicos e autonomistas na década de 1950 e 1960 - propõem um Estado nacionalista, moderno e pan-arabista, além de elementos socialistas. Entretanto, o Baathismo reconhece o Estado como secular, em que as crenças e leis religiosas devem permanecer separadas de suas leis e ideais. Já o Naasserismo reconhece a presença do islã no Estado, porém não persegue segmentos minoritários e outras religiões, ou seja, não se trata de um Estado laico, mas há liberdade de expressão religiosa.

servem como seus "locais de lançamento" para o restante da região. Eles realizam essa expansão estabelecendo continuidades territoriais ou criando uma estrutura de rede sem essa continuação (ZARTMAN, 1995). O autoproclamado Estado Islâmico, por exemplo, criou uma combinação de continuação territorial, como na Síria e no Iraque, e expansão da rede na Península do Sinai e na Líbia por meio de organizações como *Ansar Bait al-Maqdis* no Sinai, que jurou lealdade ao Estado Islâmico e seu líder (MICHAEL;GUZANSKY, 2018). Durante sua existência, o Estado Islâmico desenvolveu e ampliou sua rede para todos os continentes, e hoje, após sua extinção territorial, ainda é capaz de operar sua rede e inspirar muitos indivíduos ao terrorismo, onde quer que estejam.

Essa seção buscou explicar os conflitos atuais no Oriente Médio a partir da formação territorial dos Estados regionais, mostrando que a influência europeia com o pensamento vestfaliano de Estado se chocou com importância que a cultura e religião têm para aquela região. Na seção seguinte será apresentada duas formas de organização política que se apresentaram como alternativas ao sistema de Vestfália no Oriente Médio, a Questão Curda e o Califado Islâmico.

3.3 A disputa por uma nova forma de organização política: curdos x Estado Islâmico

Essa seção apresentará as formas de governo defendidas pelo Estado Islâmico e pela Questão Curda, bem como quais eram suas reivindicações na região. Também buscará apresentar os curdos como uma alternativa internacional para controlar o crescimento *jihadista* na Síria e no Iraque.

A desintegração do Estado implica em um não desenvolvimento. Por outro lado, novas análises no campo econômico sugerem um quadro mais complexo das economias emergentes, desconectadas do controle estatal, dirigidas por um novo tipo de empreendedor, utilizando conexões internacionais (HETTNE; ODÉN, 2002).

Projetos políticos rivais não são mais necessariamente projetos nacionais de Estado-nação, mas sim competição econômica por meios violentos ou a continuação da economia por outros meios. É interessante notar que os novos empreendedores às vezes racionalizam seu comportamento de acordo com a ideologia liberal hegemônica (HETTNE; ODÉN, 2002).

O Estado permanece um ator importante, mas em termos funcionais não é mais o mesmo tipo de instituição: algumas de suas funções tradicionais são transferidas para novas instituições em vários níveis sociais, como a segurança:

Atualmente, existe um discurso sobre intervenção chamado intervenção humanitária, que implica um envolvimento coercitivo de potências externas em uma crise doméstica com o objetivo de evitar abusos dos direitos humanos. O foco recente na segurança humana e não na segurança dos Estados é significativo para entender a mudança na segurança e no discurso do desenvolvimento, fundamental à soberania (HETTNE; ODÉN, 2002. p 12).

Atores não-estatais surgiram no cenário, crescendo em importância social, econômica e política desde a década de 70. Alguns exemplos: empresas multinacionais, organizações regionais, cartéis comerciais, organismos financeiros multilaterais, organizações internacionais, grupos terroristas etc. Tal situação foi chamada por Hedley Bull (1977) como o novo medievalismo. Esses atores vêm ampliando seu escopo e continuam a desenvolver novos papéis que impactam radicalmente a soberania dos Estados, como organismos multilaterais, movimentos religiosos, organizações comerciais, redes criminais, organizações não-governamentais (ONGs) etc. que impactam e são impactados pela globalização. O que Bull (1977) considerava com preocupação agora foi acomodado como parte da condição moderna.

Foi essa condição intermediária, em que os Estados não estão completamente integrados nem totalmente desintegrados, que forneceu a ameaça real à soberania (BULL, 1977). Estados se tornam uma das muitas organizações que reivindicam legitimidade. Na medida em que avança à metáfora de um medievalismo secular, o princípio da soberania é minado e esvaziado (HETTNE; ODÉN, 2002).

Ao contrário das normas interestaduais do passado, as novas guerras são internas aos Estados ou tecem-se para lá e para cá através das fronteiras para formar sistemas regionalizados de instabilidade; não são guerras estatais no sentido tradicional (BOUTROS-GHALI, 1995). Além disso, ao contrário das lutas de libertação nacional de ontem, os partidos em guerra têm agora maior probabilidade de perseguir interesses sectários estreitos, incluindo os criminosos, em vez de causas políticas populares ou legítimas (COMISSÃO CARNEGIE, 1997; HETTNE; ODÉN, 2002).

Essa desordem durável, segundo Bull (1977), surge da paralisia do Estado diante de dilemas de segurança não-convencionais. Denota uma situação em que, através do gerenciamento constante de crises, o colapso sistêmico total é evitado,

mas os problemas de raiz nunca são efetivamente abordados. Surgiu uma nova possibilidade para alcançar a segurança, na qual as organizações não-estatais agora fornecem formas inovadoras de mobilização, meios de intervenção e sistemas de recompensa material no interesse da governança global; mais especificamente, no interesse da governança liberal global (DILLON; REID, 2001).

Outra característica frequentemente descrita desses novos conflitos é seu efeito sobre os civis. Em contraste com as estipulações das Convenções de Genebra, os civis agora se encontram alvos deliberados da violência organizada e são mortos, abusados e roubados impunemente. Além de serem vítimas, as partes em guerra também exploram cinicamente sua vulnerabilidade. Deslocados em massa, os civis se tornam ferramentas de desestabilização regional, além de fornecer iscas para atrair assistência humanitária (HETTNE; ODÉN, 2002).

No que tange ao Oriente Médio, novas entidades conseguiram surgir dos Estados falidos. Por serem mais do que organizações, mas também não serem Estados, esses atores podem ser chamados de não-estatais híbridos (MICHAEL; GUZANSKY, 2018)

Apesar de toda a ideologia expansionista islâmica, o *Hezbollah*²³ libanês e os *houthis*²⁴ iemenitas, que efetivamente dominam seus respectivos Estados, pararam de contestar a legitimidade destes. No entanto, eles se esforçaram para reformular a ordem regional: o *Hezbollah* através de seu forte envolvimento na guerra civil síria e os *houthis* combatendo os sauditas. Eles fizeram isso a pedido de um Irã ressurgente, que, embora seja um Estado-nação territorial por muito mais tempo do que os países árabes, rejeitou a ordem internacional baseada no Estado-nação territorial desde sua transformação em 1979 na República Islâmica (KARSH, 2016).

Isso também se aplica ao *Hamas*²⁵ palestino que subordina seu objetivo de criar um Estado palestino nas ruínas de Israel ao objetivo mais amplo de estabelecer o califado. Segundo o líder do *Hamas*, Mahmoud al-Zahar, a visão islâmica e tradicional rejeita a noção de estabelecer um Estado palestino independente. O

²³ Organização política e paramilitar fundamentalista islâmica xiita do Líbano. É responsável por diversos serviços sociais, além de operar escolas, hospitais e serviços de agricultura.

²⁴ Movimento Xiita do Iêmen que afirma que suas ações são para a defesa de sua comunidade e contra a discriminação por parte do governo.

²⁵ Movimento islamista sunita da Palestina, constituído de uma entidade filantrópica, *dawa*, um braço político e um braço armado. Atua especialmente em Gaza.

principal objetivo é estabelecer um grande Estado islâmico, seja pan-árabe ou pan-islâmico, conforme o *slogan* do movimento: *Allah* é seu objetivo; o Profeta, seu modelo; o Alcorão, sua Constituição; a *Jihad*, seu caminho; e a morte, por *Allah*, sua mais sublime crença. (MICHAEL e GUZANSKY, 2018)

Para Michael e Guzansky (2018), à medida que os Estados-nação no Oriente Médio continuam a se desintegrar, é provável que o poder de tais atores não-estatais híbridos aumente. As revoltas árabes demonstraram que as ameaças mais sérias ao sistema de Estado-nação territorial são internas, não externas. Foram principalmente os opositores domésticos que resistiram às ditaduras dominantes de longa data e aos novos regimes que tentaram estabelecer sua legitimidade. Foi o caso da Síria, Líbia, Iraque, Iêmen, Autoridade Palestina e, em certa medida, Egito.

Michael e Guzansky (2018) também incluem o Estado Islâmico como um desses atores. Essas entidades desenvolvem identidades supranacionais e operam em nome de uma ideologia universal. Eles rejeitam o modelo de Estado-nação árabe e não reconhecem fronteiras, comprometendo a estabilidade regional e global. Seu objetivo político é criar um califado islâmico em toda a região e, posteriormente, além dela. Eles usam a violência extensivamente para intimidar os oponentes e também fazem uso eficiente das redes sociais.

A probabilidade de que novos regimes consigam se estabelecer, apesar de seus muitos oponentes, continua sendo influenciada por vários fatores. Infelizmente, até agora, essa combinação de fatores levou a uma maior violência e à intensificação de conflitos intraestaduais (KARSH, 2016). Portanto, é razoável supor que não haverá nenhuma melhoria rápida na situação dos Estados fracos e falidos no Oriente Médio e no norte da África. Além disso, pode-se prever que, a curto e médio prazo, a instabilidade se espalhe para mais Estados e se aprofunde em Estados que já são instáveis. Essa tendência não é boa para a segurança da região e pode afetar negativamente a ordem internacional (GUZANSKY; BERTI, 2013).

As duas seções seguintes referem-se a busca do Estado Islâmico e dos curdos pela soberania, mostrando-os como formas alternativas ao sistema vestfaliano que molda os Estados modernos.

3.3.1 O califado do Estado Islâmico

O objetivo dessa seção é relatar algumas particularidades importantes do Estado Islâmico. Não será extenso e nem aprofundado, por não ser o objeto principal da pesquisa, mas é importante e necessário para entender o contexto em que os curdos estão inseridos.

O termo Estado Islâmico passou por uma evolução em sua denominação: já foi conhecido como Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) e Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL). Atualmente também pode ser chamado de *Daesh* pelos que não aceitam utilizar os termos “Estado” ou “islâmico”. Para este trabalho foi escolhido o termo Estado Islâmico para facilitar o entendimento dos que desconhecem as demais denominações e para aludir a um dos assuntos abordados no trabalho, a formação estatal.

Para Acharya (2015), após o 11 de setembro, a “Guerra ao Terror” questionou a coerência da característica mais importante do sistema de Vestfália: a soberania do Estado. Primeiro, pelos meios e ambições da Al-Qaeda de fundar um califado global; e segundo, pelas mudanças na política externa dos Estados Unidos, que buscou justificar a ruptura da soberania de certos Estados suspeitos de abrigar terroristas para garantir a soberania dos Estados considerados “bem ordenados” (ACHARYA, 2015).

Já em 2014, a declaração de califado do Estado Islâmico intensificou esse debate e com ele surgiu um novo senso de urgência para tratar a questão. O Estado Islâmico reformulou indiscutivelmente a agenda estratégica e intelectual da região, apresentando um intrigante desafio ideacional às normas de soberania do Estado subjacentes à sociedade internacional (LYNCH, 2015).

Ikenberry (2014), afirma que há três características para estabelecer uma ordem mundial: poder, legitimidade e funcionalidade. Analisando a evolução do Estado Islâmico, nota-se o poder na transição de um grupo terrorista para um proto-estado, incluindo um governo, administração central e forças militares capazes de se “expandir” (IKENBERRY, 2014).

Por outro lado, era uma representação titular da bem-sucedida aquisição de territórios nas fronteiras do leste da Síria e do oeste do Iraque. Para muitos no mundo árabe, apagar as fronteiras de forma simbólica, ou não tão simbólica, é um objetivo político e religioso (GORDNER, 2017). Nem mesmo os líderes árabes mais poderosos, como o egípcio Gamal Abdel Nasser, puderam apagar as fronteiras

coloniais de Sykes-Picot, e desde o Império Otomano nenhum grupo muçulmano reivindicou o "verdadeiro" Islã, muito menos um califado, apesar de alguns terem manifestado esse desejo. O Estado Islâmico, portanto, se posicionou como o ponto focal para organizações *salafi-jihadistas* e alguns muçulmanos que, apesar de abominarem a violência, compartilham alguma afinidade com o projeto de (re) estabelecer uma política islâmica transnacional, e isso se enquadra na legitimidade proposta por Ikenberry (2014).

Mapa 6: Regiões que o Estado Islâmico pretendia conquistar até 2020



Fonte: Empire of Fear: Inside the Islamic State. Disponível em: <https://zap.aeiou.pt/estado-islamico-preve-controlar-portugal-e-espanha-ate-2020-78173> Acesso em 04 abr. 2020.

O mapa acima, criado para o livro “O Império do Medo: Dentro do Estado Islâmico”, do jornalista da BBC Andrew Hosken (2016), mostra os territórios que o Estado Islâmico pretendia ocupar até 2020, dominando parte da Ásia, todo o norte de África e boa parte da Europa, incluindo Portugal e Espanha (HOSKEN, 2016). Assim também é possível notar os nomes dados às regiões que seriam ocupadas.

E por funcionalidade, percebe-se o modelo fornecido pelo Estado Islâmico, que, em menor grau, sugere um meio de estabelecer uma alternativa à Vestfália; uma ordem "islâmica" que traz a religião de volta ao redil como um princípio orientador e autoritário na política (GORDNER, 2017). Seria mais uma forma de comunalismo islâmico ameaçando o sistema de Estado-nação no Oriente Médio (ZUBAIDA, 1993).

Quanto mais o Estado islâmico realmente se assemelhar a um Estado, com suas provisões de segurança e instituições reguladoras, menos atores internacionais serão capazes de destruir o grupo sem também atingir às funções fundamentais do Estado. O que provavelmente levará à anarquia, que geralmente traz consequências profundamente negativas (MECHAM, 2015).

Segundo Gordner (2017), culpar somente os muçulmanos pelos problemas ligados à falta de segurança e à instabilidade é ignorar o papel dos atores internacionais como responsáveis direta ou indiretamente pelo surto de ações cada vez mais violentas. Afinal é a aplicação desigual e incoerente da mistura da Vestfália e pós-Vestfália que produziu as condições estruturais para que o Estado Islâmico produzisse um proto-estado. As queixas centrais expressas pelo Estado Islâmico e seus apoiadores indicam uma profunda consciência das injustiças regionais e internacionais baseadas em uma história de colonialismo, lideranças árabes corruptas e contínuo apoio ocidental a elas: militar, econômica, política ou todas as anteriores. Embora o tipo de violência que eles usam para se opor a essas queixas sejam brutais e contrárias à paz regional e internacional, é importante reconhecer que suas críticas à ordem internacional e seus desequilíbrios não são equivocados (GORDNER, 2017). Para Michael e Guzansky (2018), apesar de sua ideologia universal, o Estado Islâmico é um ator não-estatal híbrido baseado em território, pelo menos na fase inicial. Por mais de três anos, o Estado Islâmico controlou um vasto território no Iraque e na Síria, que considerou como parte de um califado em constante expansão, e não como um Estado-nação comum. O Estado islâmico seria um Estado falido, semelhante aos Estados árabes que procurava dominar.

Segundo Michael e Guzansky (2018), após sete anos de revoltas, o mundo árabe mudou imensamente, com muitos de seus membros em um processo acelerado de fracasso estatal. Embora seja prematuro anular o sistema nacional do Oriente Médio, é improvável que Estados-chave como Síria e Iraque, Líbia e Iêmen, todos com atividade do Estado Islâmico, mantenham suas estruturas passadas, principalmente porque nenhum deles desenvolveu uma identidade nacional coerente e todos sofrem profundos abalos sociopolíticos. A única chance de sobrevivência de cada Estado é provavelmente dentro de uma federação frouxa, na qual tribos e minorias étnicas e religiosas desfrutam de ampla autonomia, ou como Estados menores e mais coerentes que se adaptam mais estreitamente aos seus componentes demográficos, religiosos e sociopolíticos. O Iraque, por exemplo, poderia ser dividido em três: xiitas, sunitas e curdos - enquanto a Síria poderia ser dividida em Estados alauitas²⁶, sunitas e curdos (MICHAEL; GUZANSKY, 2018).

²⁶ Os alauitas são um grupo étnico-religioso presente sobretudo na Síria, cerca de 15% da população, que segue o xiismo. Não devem ser confundidos com a minoria religiosa Alevita da Turquia, nem com a dinastia alauita do Marrocos.

3.3.2 A Questão Curda

Essa seção tem por objetivo apresentar a história e desenvolvimento da Questão Curda, ou seja, a luta dos curdos pela formação de seu próprio país ou por maior autonomia.

O nacionalismo pode ser visto como um produto da formação do Estado-nação pós-Primeira Guerra, quando esse modelo foi imposto pelas potências ocidentais. Assim, o nacionalismo adota uma postura mais defensiva e é mais voltado a fatores externos do que propriamente fatores internos, como a cultura e a identidade étnica (DELANTY; O'MAHONY, 2002).

É justamente nesse período que nasce a questão de identidade curda. Ainda que os curdos sempre tenham existido, a palavra “curdos” só ganha um caráter étnico no século XX, não podendo falar em nacionalismo curdo antes da formação dos Estados-nação. Ainda que revoltas com denominação curda possam ser identificadas desde o século anterior, elas não podem ser compreendidas como movimentos nacionalistas, mas sim de oposição ao governo central (OCALAN, 2008). Neste período, todas as minorias eram homogeneizadas em uma única nação: o Islã (GUNTER, 2002). Suas revoltas e levantes eram de caráter religioso, em busca da construção de um Califado, e não por uma nação (MCDOWALL, 2004).

Ao chegar ao fim da Primeira Guerra, com o consentimento da Liga das Nações, o mapa do Oriente Médio foi efetivamente redesenhado, com base no acordo Sykes-Picot, após a assinatura do Tratado de Sèvres em 1920, assinado pelos Aliados e o Império Otomano, objetivando, além de outros assuntos, a independência dos curdos (FARHAT, 2017). O tratado reconhecia a criação de uma Comissão nomeada pela França, Itália e Reino Unido que deveria, num período de seis meses, depois do Tratado entrar em vigor, organizar uma autonomia local das áreas curdas a leste do Eufrates, a sul da Armênia e norte da Síria e Mesopotâmia. Se após um ano de implementação do Tratado, a maioria da população curda desejasse a independência, a reivindicação deveria ser submetida à aprovação do Conselho da Liga das Nações (FARHAT, 2017). De fato, a reivindicação foi feita, mas não foi atendida. Isso levou ao surgimento de Estados com fronteiras que, na maioria dos casos, foram impostas pelos colonizadores, resultando em fronteiras artificiais e vulneráveis.

Mapa 7: Fronteira da área curda proposta à Liga das Nações com base no Tratado de Sèvres



Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50012988> Acesso em: 12 abr. 2019.

Em 1922, Ataturk venceu uma revolta de três anos e declarou a independência da Turquia, dando início a um enfraquecimento do que foi proposto no Tratado de Sèvres. Diante disto, um novo tratado foi elaborado, o Tratado de Lausanne (1923) que reconheceu internacionalmente a nova República da Turquia como sucessora do extinto Império Otomano e anulou o que havia sido estipulado no Tratado de Sèvres no que diz respeito a autonomia curda (GUNTER, 2009). Desde então, o Reino Unido, a França e a Rússia determinaram as fronteiras e os governos para a região com consequências desastrosas para os curdos, que foram divididos em quatro países distintos, considerados minorias étnicas que viriam a sofrer perseguições políticas, étnicas e culturais.

Na Turquia, quando os curdos apoiaram Ataturk, a intenção era a formação de um Estado mulçumano. Todavia, como Ataturk mostrou-se a favor de um Estado-nação aos moldes europeus, os curdos fizeram revoltas para se livrarem do controle de Ataturk e reestabelecer um califado (GUNTER, 2009).

Na Síria, os curdos depararam-se com outro problema. Os árabes queriam uma independência árabe aos moldes de um califado muçulmano, enquanto os curdos objetivavam a descentralização, apoiados pelo mandato francês que os possibilitava relativa autonomia (YILDIZ, 2005a). Contudo, após a independência da Síria, os curdos começaram a sofrer assimilação e exclusão. O governo sírio passou a negar que existisse uma Questão Curda, afirmando que os curdos no país seriam imigrantes turcos e adotou um processo de “arabização” (YILDIZ, 2005b).

No Iraque, os curdos puderam alcançar mais autonomia durante o período de mandato britânico. Porém, não era uma relação pacífica, os curdos sempre estiveram em conflito com o governo central, pois seus direitos não eram de fato alcançados. Isso só mudou com a constituição de 1958, que estipulava que curdos e árabes fazem parte de uma mesma nação. O que não impediu que os curdos entrassem em conflito com Bagdá pelos territórios com petróleo (GUNTER, 2009)

Já no Irã, o governo investiu na afirmação de que os curdos locais possuem uma origem persa. O que facilitou sua assimilação e integração à sociedade iraniana (IZADY, 2005), mas o governo central levou os curdos a submissão (MCDOWALL, 2004), sendo reprimido como um subgrupo étnico dentro do Irã (OCALLAN, 2008).

As políticas de assimilação falharam em fabricar uma identidade árabe ou turca para os curdos, ainda que no Irã houvesse uma boa percepção dos curdos regionais como parte do povo persa. Diante dessa negação da identidade cultural e nacional curda surgiu uma sociedade altamente politizada, que se transformou em uma das forças mais notáveis do Oriente Médio. A resistência à assimilação e à exterminação foi o grande impulso para que no século XX houvesse a ascensão do nacionalismo curdo, também conhecido como *Kurdayeti* (IZADY, 2005). Percebe-se que quanto maior a repressão por estes Estados, mais agressivo é o *Kurdayeti*. Esse nacionalismo tornou-se uma reação à homogeneidade exigida pelo modelo europeu de Estado-nação, instituído no Oriente Médio por meio da colonização e do imperialismo.

Contudo, o nacionalismo curdo levou o povo a reivindicar autonomia, território e, até mesmo, um Estado, como os curdos do Iraque. Porém, esse Estado almejado pelos curdos iraquianos seguiria um sistema de governo parlamentar, estando, entretanto, baseado em clãs familiares. Os curdos da Síria e Turquia lutam por maior autonomia e respeito sociocultural, baseando-se no comunalismo político. Já os curdos xiitas do Irã possuem participação no governo iraniano e não desejam separação do governo central. A Questão Curda, lidada de diferentes formas, resultou em movimentos de resistência também diferentes.

Em 1960 uma identidade curda passou a emergir nas grandes cidades, resultado da expansão democrática promovida pela nova constituição do país e do acesso à educação. O principal líder deste movimento é Abdullah Öcalan, que veio a fundar o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) em 1973 (ÖCALAN, 2008).

O grupo é considerado terrorista pelo governo da Turquia, Estados Unidos e União Europeia. Contudo o movimento inflama o senso de nacionalismo nas demais partes do Curdistão, tornando impossível a negação da própria existência étnica curda, mesmo com o governo turco e sírio afirmando o oposto desde as suas independências (GUNTER,2009).

Na Síria, o *Kurdayeti* pode ser visto como uma extensão dos movimentos curdos da Turquia. Desse modo, o PKK foi também o principal ator do *Kurdayeti* nesse país, visto que o governo sírio usou do movimento como forma de enfraquecer a Turquia, por meio de uma certa aliança estratégica que permitia o PKK manter suas bases em território sírio para atacar regiões turcas.

No Iraque, as lideranças curdas, similares a sistemas de clãs familiares, como a família Barzani, que governa a região do Curdistão iraquiano até os dias atuais, eram extremamente divididas e disputavam o poder entre si, o que impediu uma coesão nacionalista curda nas primeiras décadas após o fim da Primeira Guerra Mundial. A constituição iraquiana de 1958 passou a garantir, o reconhecimento da nacionalidade curda dentro do país, apesar disso, curdos e árabes envolveram-se em frequentes conflitos desde então. O principal deles foi o genocídio da população curda iraquiana, conhecido com Operação Anfal, praticado por Saddam Hussein em 1980, que proporcionou maior autonomia do Curdistão iraquiano no início dos anos 1990 (MCDOWALL, 1996).

No Irã, a partir de 1920, o governo iraniano buscou assimilar os curdos à identidade persa quando deslocou e reassentou essa porção da população com o objetivo de enfraquecer o movimento nacionalista curdo do Irã, além de exilar os chefes tribais curdos, conhecidos como aghas, combateu todas as tentativas de organização do povo curdo, contando inclusive com o apoio em determinados momentos da Turquia e do Iraque, visto que o ganho de poder dos curdos em um determinado país poderia incentivar um levante nos demais (GUNTER, 2009).

O *Kurdayeti* é uma resposta a esta repressão e não tem cessado, cada vez mais ganhando espaço e voz no cenário internacional, o que pode ser essencial para a ampliação do debate acerca de uma solução para este impasse na segurança internacional e do Oriente Médio.

Esse capítulo abordou a formação dos Estados desde Vestfália até o sistema de Estados modernos, mostrando como esses sistemas evoluíram e influenciaram outras regiões fora da Europa. O objetivos foi tentar apresentar a formação dos

Estados do Oriente Médio e se Vestfália conseguiria solucionar os conflitos na região, uma vez que o sistema moderno de Estados-nação está sendo falho, ao ponto de permitir que formas alternativas de soberania sejam buscadas.

O capítulo seguinte buscará observar aspectos que legitimem ou deslegitimem Questão Curda durante ao combate ao Estado Islâmico, através dos discursos a favor ou contra os curdos nas coalizões internacionais.

4 COALIZÕES INTERNACIONAIS DE COMBATE AO ESTADO ISLÂMICO: UMA OPORTUNIDADE DE LEGITIMAÇÃO DA QUESTÃO CURDA?

Neste capítulo, buscar-se-á entender a legitimação ou deslegitimação da Questão Curda em meio ao combate ao Estado Islâmico (2014 – 2019), explorando o campo discursivo em relação ao reconhecimento da ação curda neste período, dentro do universo da autonomia e independência estatal, nos quais serão analisados os discursos a favor ou contra os curdos nas coalizões internacionais contra o Estado Islâmico lideradas por: Estados Unidos, Rússia, França e Arábia Saudita, bem como os discursos dos quatro países diretamente envolvidos. O objetivo é verificar a possibilidade de legitimação da soberania curda através desses discursos no contexto em que surge a oportunidade de os curdos receberem visualização internacional. Para isso, será realizada a análise narrativa.

4.1 O posicionamento curdo nas coalizões Internacionais contra o Estado Islâmico

Essa seção apresentará os conceitos de coalizões intra e interétnicas e como os curdos operaram junto aos atores estatais e receberam apoio e armamentos durante o conflito.

A palavra coalizão significa, segundo o dicionário de língua portuguesa, uma liga momentânea entre elementos com interesses antagônicos, que se juntam para um determinado fim. Gamson (1964) argumenta que uma situação de coalizão é comparada a um jogo de pessoas com motivações diferentes, baseando-se na teoria dos jogos analisado por Schelling (1958), que organiza essas estratégias em três modelos de jogos: a) Jogo de coordenação - como em um jogo de futebol, em que os jogadores devem cooperar entre si para o melhor resultado; b) Jogo de conflito ou de soma nula – como em um jogo de xadrez, em que o resultado negativo para um representa o resultado positivo para outro. Tornando o jogo muito mais competitivo; c) Jogo misto - como em uma trapaça em um jogo de pôquer, em que a manipulação do resultado é vantajosa, deixando um ou outro ganhar com o objetivo de controlar o jogo. Segundo Zeitlin (1975), essas situações podem se assemelhar a uma conjuntura política, em que será exigida das partes uma maior coordenação para conseguir proteção e proveitos.

Para começar essa seção, convém esclarecer em que consiste uma coalizão minoritária, que pode ser classificada como intra ou interétnicas. A intraétnica representa um mesmo grupo étnico por critério de filiação. Já a interétnica representa grupos étnicos diferentes, em sistema de coligação (PUTNAM, 2000). Ambas podem variar entre os níveis local e transnacional. Normalmente, busca-se aliados internacionais quando não há uma comunicação entre os atores domésticos e o Estado. Podem ser de cima para baixo, quando organizadas por iniciativa do próprio Estado ou organizações internacionais, ou de baixo para cima, quando são de origem popular (CORREIA, 2018). Como exemplo de uma coalizão minoritária intraétnica local pode ser citada a afiliação do Partido de União Democrática (PYD) e a União de Proteção Popular (YPG), ambos são partidos curdos da Síria. Um exemplo de coalizão minoritária intraétnica internacional é a afiliação do Partido de União Democrática (PYD) da Síria ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) da Turquia. Ambos exemplos têm origem popular, ou seja, de baixo para cima.

Um dos principais problemas enfrentados pelas minorias é a carência de recursos financeiros cujo recursos próprios não são suficientes para sua manutenção. Precisam contar com doações privadas e públicas, apoio estatal, de parentesco e de organizações internacionais (CORREA, 2018). Essa falta básica é o principal motivo do enfraquecimento dessas organizações, que de certa forma, ficam sujeitos à ideologia e manipulação inadequada por parte de seus doadores financeiros, deixando-os em posição inferior. Um exemplo de doação de parentesco é o caso do Conselho Nacional Curdo (CNC) da Síria que recebe financiamento e apoio da Região Autônoma do Curdistão iraquiano.

Essas coalizões necessitam do reconhecimento do Estado-nação e organizações internacionais, portanto, precisam da legitimação por parte dos mesmos, principalmente da sociedade internacional (CORREA, 2018). O Estado-nação normalmente não as reconhece, o que leva essas minorias a tornar internacional essa questão doméstica, um dos principais impulsionadores das coalizões transnacionais, como é o caso da afiliação do PYD e de PKK citado anteriormente. Quando esses grupos minoritários são recusados pela comunidade internacional, são capazes de resistir e se tornarem mais coesos internamente (CORREA, 2018).

Podem receber incentivo de instituições internacionais para redefinir as relações entre coalizões transnacionais e seus respectivos Estados. Esses incentivos podem favorecer a conexão horizontal entre atores com reivindicações semelhantes e oferecer recursos que podem ser usados em conflitos intranacionais e transnacionais, reconhecimento das identidades e legitimação das atividades (TARROW, 2001). Exemplo de incentivo, recursos e conexões internacionais são as duas universidades norte-americanas no Curdistão iraquiano, a Universidade Americana do Iraque, inaugurada em 2007, e a Universidade Americana do Curdistão, de 2014.

Como exemplo de coalizão interétnica transnacional, pode-se citar a maior coalizão formada recentemente, após o avanço do Estado Islâmico no norte do Iraque, em junho de 2014: a Coalizão Global de combate ao Estado Islâmico, que somava a coalizão liderada pelos Estados Unidos com 68 países; a coalizão liderada pela França, com 26 países; e a coalizão das nações muçulmanas liderada pela Arábia Saudita, com 34 países. Além delas, também somou esforços, a coalizão liderada pela Rússia, com quatro países. Todas tinham o objetivo de reduzir a ameaça crescente que o Estado Islâmico representava para a segurança internacional (GLOBAL... 2019). Por meio de uma abordagem robusta, os membros dessas coalizões formaram grupos diversificados, nos quais cada líder buscava contribuir com esforço civil e militar, procurando parceiros locais e apoiando a estabilização dos territórios tomados. Segundo Global... (2019):

1. Os países que integraram a coalizão liderada pelos Estados Unidos foram: Reino Unido, França, Alemanha, Canadá, Austrália, Turquia, Itália, Albânia, Áustria, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Croácia, Chipre, Estônia, Finlândia, Geórgia, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Kosovo, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, República da Macedônia, Moldávia, Montenegro, Nova Zelândia, Portugal, Dinamarca, Turquia, Coreia do Sul, Romênia, Sérvia, Singapura, Eslováquia, Eslovênia, Suécia, Taiwan, Ucrânia, Bélgica, República Checa, Japão, Países Baixos, Noruega, Espanha, Bélgica, República Checa, Japão, Noruega, Espanha, Marrocos e Nova Zelândia.
2. A coalizão liderada pela França somava: Bahrain, Bélgica, Canadá, China, República Tcheca, Dinamarca, Egito, França, Alemanha, Iraque, Itália, Japão, Jordânia, Kuwait, Líbano, Holanda, Noruega, Omã, Catar, Rússia, Arábia Saudita, Arábia, Espanha, Turquia, Emirados Árabes Unidos, Reino Unido,

Islâmico, para posteriormente tentar responsabilizá-los pelos piores crimes internacionais cometidos na atualidade, como genocídios e crimes contra a humanidade (UN... 2016).

Os parceiros das coalizões também focaram em desmontar a presença online que o Estado Islâmico manteve para fortalecer e aumentar sua organização global através de redes e apoiadores ao redor do mundo. As coalizões trabalharam para aumentar a parceria e a capacidade de compartilhar informações com agências multinacionais como a INTERPOL e a EUROPOL e agências nacionais como as unidades de Inteligência Financeira (GLOBAL... 2019).

Foram aproximadamente 80 países que integraram a Coalizão Global, cooperando de diferentes maneiras para destruir as células do Estado Islâmico na Líbia, Nigéria e Afeganistão, como também, o autoproclamado califado Islâmico no Iraque e na Síria. Contudo, como esse trabalho enfatiza os curdos sob a ameaça do Estado Islâmico, destacam-se as regiões da Síria e do Iraque. Com o intuito de melhor apresentar a cooperação internacional nesses dois territórios, é apresentado o quadro abaixo, que ilustra a ajuda de maior relevância²⁷ fornecida pelos países das coalizões:

Quadro 1: Contribuição dos países das coalizões de combate ao Estado Islâmico

Países		No Iraque	Na Síria	Países		No Iraque	Na Síria
Albânia				Jordânia			
Austrália				Kuwait			
Áustria				Libano			
Bahrain				Luxemburgo			
Bélgica				Marrocos			
Bósnia e Herzegovina				Países Baixos			
Bulgária				Nova Zelândia			
Canadá				Noruega			
Croácia				Polônia			
República Checa				Qatar			
Dinamarca				Rússia			
Arábia Saudita				Estônia			
Singapura				França			
Eslováquia				Alemanha			
Eslovênia				Grécia			
Coreia do Sul				Hungria			
Espanha				Indonésia			
Suécia				Irã			
Síria				Iraque			
Turquia				Irlanda			
Emirados Árabes Unidos				Israel			
Reino Unido				Itália			
Estados Unidos				Japão			

 Militar	 Armamentos e equipamentos	 Inteligência	 Ajuda humanitária
--	---	---	---

Fonte: Autoria própria.

²⁷ Para maiores informações, consultar os sites: <https://edition.cnn.com/2014/10/09/world/meast/isis-coalition-nations/index.html> <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/whos-who-in-the-fight-against-isis/> <https://foreignpolicy.com/2014/11/12/who-has-contributed-what-in-the-coalition-against-the-islamic-state/>

Alguns membros da coalizão muçulmana limitaram-se ao combate ao Estado Islâmico apenas em território africano e afegão. Os países que combateram no Iraque e/ou na Síria foram: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Kuwait, Líbano, Marrocos, Qatar, Irã e Turquia. Entre esses atores, podem existir divergências no aspecto religioso (sunitas e xiitas), étnico, econômico e político. Para melhor elucidar esses posicionamentos, foi configurado o quadro abaixo:

Quadro 2: Relação entre os povos muçulmanos que agiram na Síria e Iraque

Países	Arábia Saudita	Turquia	Síria	Iraque	Irã	Qatar	Emirados Árabes	Kwait	Líbano	Marrocos
Arábia Saudita		Hostil	Tolerável	Tolerável	Hostil	Hostil	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Ótimo
Turquia	Hostil		Hostil	Hostil	Hostil	Ótimo	Hostil	Tolerável	Ótimo	Tolerável
Síria	Tolerável	Hostil		Tolerável	Ótimo	Tolerável	Hostil	Tolerável	Hostil	Tolerável
Iraque	Tolerável	Hostil	Tolerável		Hostil	Tolerável	Ótimo	Tolerável	Ótimo	Tolerável
Irã	Hostil	Hostil	Ótimo	Hostil		Ótimo	Hostil	Hostil	Hostil	Hostil
Qatar	Hostil	Ótimo	Tolerável	Tolerável	Ótimo		Hostil	Ótimo	Ótimo	Tolerável
Emirados Árabes	Ótimo	Hostil	Hostil	Ótimo	Hostil	Hostil		Ótimo	Ótimo	Ótimo
Kwait	Ótimo	Tolerável	Tolerável	Tolerável	Hostil	Ótimo	Ótimo		Ótimo	Tolerável
Líbano	Ótimo	Ótimo	Hostil	Ótimo	Hostil	Ótimo	Ótimo	Ótimo		Tolerável
Marrocos	Ótimo	Tolerável	Tolerável	Tolerável	Hostil	Ótimo	Ótimo	Tolerável	Tolerável	

■ Ótimo
 ■ Tolerável
 ■ Hostil

Fonte: Autoria própria.

Observa-se pelo quadro que, mesmo havendo hostilidade entre alguns desses países, estes se uniram à mesma coalizão para enfrentar um mal maior, o Estado Islâmico. Nem todos os atores acima fizeram parte da coalizão muçulmana, como é o caso do Irã, xiita, uma vez que a coalizão é de maioria sunita, entretanto ele é citado com um dos principais atores que participou do combate ao Estado Islâmico, apoiando o governo sírio de Assad por meio da aliança com o Hezbollah e a coalizão liderada pela Rússia (COLIGAÇÃO... 2015).

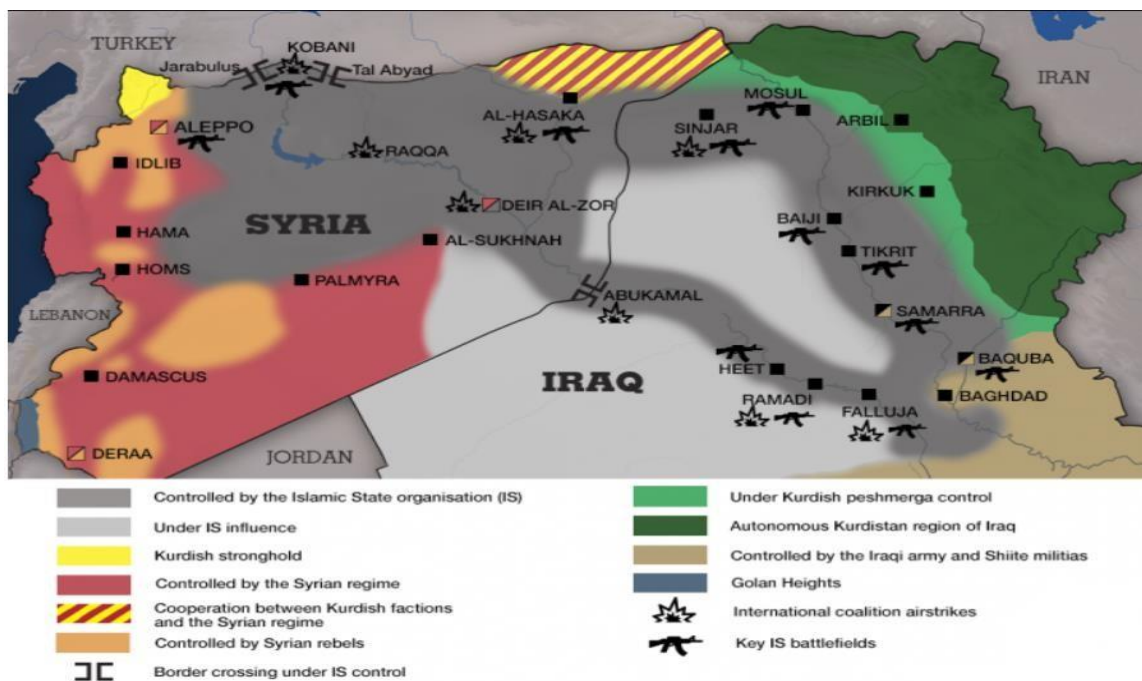
Entretanto, antes desses atores internacionais notarem o problema que estava surgindo no Oriente Médio, os curdos já estavam tentando controlá-lo. O Estado Islâmico desejava, além do petróleo e do gás, os recursos hídricos do crescente fértil²⁸, principalmente a região próxima aos rios Tigre e Eufrates, que abrangem parte da Síria e do Iraque, habitadas em grande parte pelos curdos, o

²⁸ Uma região que compreende os atuais estados da Palestina, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano e Chipre, bem como partes da Síria, do Iraque, do Egito, do sudeste da Turquia e sudoeste do Irã. Está localizada entre os rios Tigre, Eufrates, Jordão e Nilo, tem um formato que se assemelha ao de uma lua crescente.

que contribuiu para que o Estado Islâmico os atacasse, além, obviamente, da diferença religiosa existente entre eles (IGNATIEV, 2017).

No mapa abaixo pode ser visto o território que o Estado Islâmico dominou na pretensão de formar um califado e as áreas curdas da Síria e do Iraque que ainda conseguiram ser protegidas. Pode-se perceber as zonas de ação dos curdos, das milícias islâmicas anti-extremistas e dos militares das coalizões internacionais. Os curdos agiram principalmente no norte da Síria, impedindo o Estado Islâmico de se expandir em direção a Turquia, e no norte do Iraque, criando uma barreira na fronteira com o Irã. Comparando ao mapa 2 da página 38, pode-se perceber que o Estado Islâmico invadiu boa parte da região anteriormente habitada pelos curdos.

Mapa 9: Território tomado pelo Estado Islâmico



Fonte: Defesanet. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/17473/Opinioao--Acha-que-Siria-e-Iraque-nao-existem-mais--Voce-tem-opcao-melhor-/> acesso em: 04 jun. 2019.

No Iraque, quando o Estado Islâmico começou as ações violentas e a tomada de territórios em 2014, o Exército iraquiano abandonou os locais diante da invasão *jihadista* e o governo do Governo Regional do Curdistão, no Iraque, enviou suas forças *Peshmerga*²⁹. No mesmo ano, houve um ataque surpresa pelos *jihadistas*, obrigando os *Peshmerga* a recuarem em diferentes áreas. Várias minorias religiosas foram atacadas pelo Estado Islâmico, principalmente os *yazidis*, resultando em mortes,

²⁹ Exército do Governo Regional do Curdistão no Iraque.

capturas e tráfico de mulheres e crianças para exploração sexual. Como consequência, os *Peshmerga* receberam ajuda militar e suporte estratégico da coalizão liderada pelos Estados Unidos, que lançou ataques aéreos no norte do Iraque. Além dos *Peshmerga*, o YPG, da Síria, e o PKK, da Turquia, também ajudaram no combate (DOMINGOS, 2018).

Kobane, região curda na Síria, sofreu ataque islâmico em 2014, forçando a fuga dos habitantes pela fronteira da Turquia, sendo que o governo deste inicialmente não participou do combate ao Estado Islâmico e nem permitiu que os curdos turcos fossem em auxílio aos curdos de Kobane. A batalha resultou em muitas mortes e, em 2015, os curdos sírios recuperaram a região de Kobane (COCKBURN, 2018). Em seguida, expulsaram os *jihadistas* de uma vasta região no nordeste da Síria e passaram a controlar uma extensa região na fronteira com a Turquia, conhecida como Rojava. Para tanto, contaram com milícias árabes locais sob a bandeira da aliança das Forças Democráticas da Síria e com o auxílio das coalizões internacionais. Segundo Drennan (2014) e Global... (2019), em relação à ajuda internacional dada aos curdos sírios e/ou iraquianos, pode-se destacar:

Albânia: enviou armas e munições para as forças curdas no Iraque, incluindo 22 milhões de cartuchos de balas AK-47 de 7,62 milímetros, 15.000 granadas de mão e 32.000 cartuchos de artilharia de diferentes calibres. Além de servir como ponto de decolagem às aeronaves australianas que entregavam armas para caças curdos no Iraque.

Austrália: enviou consultoria e cerca de 150 toneladas de munição para armas leves aos combatentes curdos. Também enviou pelo menos US \$ 5 milhões em ajuda humanitária de emergência ao norte do Iraque.

República Checa: enviou cerca de 500 toneladas de munição para combatentes curdos no Iraque.

França: entregou armas aos combatentes curdos e enviou conselheiros para treiná-los.

Alemanha: enviou cerca de 40 paraquedistas ao Iraque para fornecer treinamento em armas aos combatentes curdos. Forneceu 16.000 rifles de assalto, centenas de armas antitanque e veículos blindados. Treinou cerca de 30 combatentes curdos no sul da Alemanha. Enviou posteriormente mais armas suficiente para cerca de 4.000 combatentes curdo no norte do Iraque, além de equipamentos de remoção de minas, granadas de mão, óculos de visão noturna, cozinhas de campo e tendas.

Grécia: enviou contribuições humanitárias e militares, incluindo balas para rifles Kalashnikov para combatentes curdos.

Itália: enviou 280 tropas ao Iraque para treinar combatentes curdos, assim como treinou alguns no território italiano; também enviou drones para vigilância da região e enviou especialistas para ajudar a treinar pilotos de caças curdos. Enviou US \$ 2,5 milhões em armamento, incluindo 600 metralhadoras, 2.000 granadas com propulsão a foguetes e quase um milhão de cartuchos de munição.

Turquia: Permitiu que combatentes curdos iraquianos cruzassem sua fronteira e treinou funcionários curdos da segurança iraquiana, uma vez que a Turquia tem boas relações com a Região Autônoma do Curdistão no Iraque. O mesmo não acontece com os curdos da Síria.

Reino Unido: Treinou combatentes curdos. Enviou metralhadoras pesadas e munições que custam cerca de US \$ 2,6 milhões, além de equipamentos não-letais aos combatentes curdos e ajudou a enviar munições e equipamentos de outras nações.

Estados Unidos: enviou armas para caças curdos, milhões de dólares em equipamentos e militares.

Arábia Saudita: inicialmente, enviou facções sauditas para o Iraque e para a Síria, mas essas facções foram destruídas pelo Estado Islâmico, forçadas a uma coalizão com a Al-Qaeda ou derrotadas pelo governo sírio. Em 2018, a Arábia Saudita perdeu todos os seus principais representantes na Síria, o que a levou aos Curdos, uma vez que estes formam um grupo de esquerda, que serve aos interesses sauditas na Síria, na medida em que se opõe aos representantes turcos do Exército Livre da Síria e a Assad, que é apoiado pelo Irã (adversário da Arábia Saudita). Assim, ao financiar e apoiar os curdos, a Arábia Saudita pôde obter ganhos contra seus concorrentes na luta pelo controle no Oriente Médio.

Ao mesmo tempo em que os Emirados Árabes, o Kuwait, o Marrocos e o Qatar forneceram apoio financeiro, de inteligência e ajuda humanitária aos curdos, principalmente da Síria.

Em 2017, as Forças Democráticas da Síria conseguiram dominar Raqqa, até então considerada a "capital" do Estado Islâmico. Em seguida, avançaram para Deir al-Zour, o último ponto de apoio dos *jihadista* na Síria (DOMINGOS, 2018). Em 2019, chegaram à vila de Baghouz, tomando o último reduto do território mantido pelo Estado Islâmico. A mídia noticiou na época como sendo a "eliminação total" do

califado islâmico, mas os curdos alertaram que o Estado Islâmico é formado por células *jihadistas* adormecidas e que a ameaça ao mundo continuava (SOMMERVILLE, 2019).

Os Estados Unidos defenderam a repatriação dos estrangeiros suspeitos de serem militantes do Estado Islâmico, que foram capturados nos últimos anos do conflito, entre eles milhares de mulheres e crianças. Porém, a maioria dos países não aceitou a repatriação (SOMMERVILLE, 2019).

A porta-voz do Pentágono, Dana W. White, classificou a missão da Coalizão Global como bem-sucedida por meio da ação dos curdos da Força Democrática da Síria (SDF) com o apoio de seis Estados que agiram ativamente na região: Estados Unidos, França, Rússia, Reino Unido, Austrália e Canadá. Ainda, segundo a porta-voz, em setembro de 2018, 36 alvos de alto valor foram eliminados e mais de 700 combatentes terroristas estrangeiros do Estado Islâmico, de mais de 40 países, estão sob custódia dos curdos do SDF (DEFENSE, 2018).

Depois do fim do califado islâmico, os curdos passaram a enfrentar mais um inimigo, o governo turco, que pretende criar uma zona de segurança de 120 km ao norte da Síria para reassentar os refugiados sírios que vivem na Turquia. O objetivo era a criação de uma área entre a Turquia e as zonas controladas pelos curdos da Síria. Algumas ações que prejudicam os curdos depois do fim do califado foram: o ataque turco às áreas controladas pelos curdos onde estão presos os membros do Estado Islâmico, facilitando fugas de *jihadistas*; a retirada das tropas americanas da região, que deixa os curdos vulneráveis e propensos a buscar apoio da Rússia; e a pretensão do governo sírio de retomar o controle do território da Síria sob controle curdo (QUEM... 2019).

Esta seção mostrou a atuação dos curdos e o apoio prestado à Coalizão Global. Foram coalizões diversificadas em um esforço civil e militar que buscava parceiros locais e apoiavam a estabilização dos territórios tomados. Após a atuação curda ser notoriamente relevante para desmanchar o califado islâmico, os curdos passaram a ser atacados pela Turquia, mesmo enquanto as prisões com os terroristas estavam sob sua vigilância.

A próxima seção explicará a metodologia e fará um aparato dos discursos que foram coletados sobre os curdos durante o período de conflito. Discursos esses que podem não pertencer aos países escolhidos para análise, mas que servirão para organizar o cenário e ajudarão a entender os discursos analisados posteriormente.

4.2 Um posicionamento discursivo

Esta seção conceituará a análise narrativa e explicará por que ela foi escolhida para lidar com os discursos selecionados. Também apresentará alguns posicionamentos discursivos de outros Estados, como Israel, que não entrará na análise narrativa, por não ser um dos países líderes das coalizões, mas possui grande relevância para ajudar a compreender o cenário.

A geopolítica crítica, segundo Dalby (1970), entende a geografia política como um desdobramento da teoria social em uma área de investigação importante e sugestiva; entende a relação de poder no conhecimento geopolítico, desconstruindo os discursos hegemônicos. Os discursos não são tomados como verdades absolutas, mas percebidos como representações das noções geográficas e políticas internacionais (TUATHAIL, 2005). Representa um assunto específico de um momento histórico. Simplesmente, é uma produção de sentido através de uma linguagem (HALL, 2005). Nesse sentido, a geopolítica crítica tem uma abordagem muito mais ampla e profunda em comparação à geopolítica clássica, em que o Estado soberano é o resultado de discursos de soberania, segurança e identidade. Assim, as práticas de política externa dos Estados constroem sua identidade e interesse.

A geopolítica clássica está associada a noção vestfaliana de fronteiras, na qual o poder estatal está ligado ao seu território. Porém, com a colonização, criou-se demarcações territoriais sem respeitar a distribuição étnica e tribal, criando identidades artificiais, pela dinâmica dos padrões nas linhas sociais e espaciais, que conseqüentemente levou a conflitos muita das vezes associadas a mistura de membros de grupos locais e globais, concentrando-se em um entendimento estático da geografia sobre a política.

Para os apoiadores da geopolítica crítica, o impacto da geografia sobre a política é discursivo, construído e não natural, em que os discursos políticos norteiam a percepção territorial dos envolvidos e atualizam a geografia em uma nova interpretação, priorizando uns territórios sobre outros. Diante disso, essa seção abordará os discursos sobre os curdos e a legitimação ou não de uma construção territorial de um Estado curdo. Para tanto, a Análise de Discurso (AD) será utilizada para identificar padrões em uma formação discursiva específica, identificando a formação ideológica que é fundamentada pelo discurso. Envolve mais do que saber o

que é dito, envolve saber quem fala, de quem se fala, com quem fala, como fala, onde fala, pois o discurso pode ter inúmeras funções e significados (ORLANDI, 2003).

O processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias). O suporte teórico que embasa este texto refere-se à AD da linha francesa, que articula o linguístico com o social e o histórico, na qual a linguagem é estudada não apenas como forma linguística, mas também como forma material da ideologia. Além de que é no contato do histórico com o linguístico, que se constitui a materialidade específica do discurso (ORLANDI, 2003).

Quando se analisa a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos são importantes para AD: as formações discursivas e as formações ideológicas. Os dois conceitos estão interligados. Enquanto as formações ideológicas representam o conjunto de modos de pensar; as formações discursivas representam o conjunto de discursos que materializam as formações ideológicas (ORLANDI, 2003).

A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio-histórico; e a linguagem é a materialidade do texto, gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar (CAREGNATO, 2016).

A AD não trata da língua ou da gramática, embora ambas estejam atreladas a ela. Trata do discurso de maneira interpretativista, estudando o objeto de investigação em seu contexto, levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem, considerando os efeitos de memória, história, ideologias e heterogeneidades (ORLANDI, 2003).

Segundo Faria (2001), o discurso se desenvolve por meio do intradiscurso e interdiscurso, de modo complementar. Fiorin (2003) destaca a interdependência entre os níveis intra e inter discursivos, mostrando que o discurso só existe enquanto processo de articulação, uma vez que é expresso singularmente pelo indivíduo, o que remete à noção de intradiscurso. O interdiscurso surge a partir da memória social. O enunciador não tem controle sobre o seu discurso, pois este não é novo, ou seja, faz parte de um contexto do discurso coletivo já existente e dito anteriormente

(CAREGNATO, 2016). Pode constituir discursos antagônicos em relação a outros de um mesmo Universo Discursivo, sendo essa oposição a principal forma analítica (FARIA, 2001).

De acordo com Kubo (2003), é possível destacar três principais instâncias de análise do interdiscurso: Universo, Campo e Espaço discursivos, que possibilitam um melhor recorte conceitual para delimitar o objeto de análise.

O Universo Discursivo pode ser entendido como o conjunto de todos os discursos coexistentes de um amplo assunto, que poderia ser inviável para uma análise, por conta de ser muito vasto, necessitando de um recorte mais preciso: o Campo Discursivo (MAINGUENEAU, 1997). O Campo Discursivo delimita o discurso e a posição enunciativa na qual se quer pesquisar, colocando-os em oposição a outros Campos Discursivos. Esse recorte parte do assunto escolhido e das hipóteses formuladas pelo analista (MAINGUENEAU, 1997). Entretanto também é preciso delimitar o Campo Discursivo em Espaços Discursivos: instância de identificação do movimento semântico da ideologia de discursos predominante e, também, dos discursos reprimidos (KUBO, 2003). O Espaço Discursivo conecta assuntos com os quais o pesquisador se preocupa e utiliza na sua análise discursiva. Para exemplificar, o tema do presente trabalho está esquematizado na ilustração abaixo:

Quadro 3: Universo, campo e espaço discursivos



Fonte: Autoria própria.

Já o intradiscurso, segundo Faria (2001), é a materialidade do discurso, ou seja, a formulação do discurso. Está ligado aos elementos próprios que são capazes de manifestar uma identidade. É da interação de dois intradiscurtos, que possuem elementos distintos e muitas vezes contraditórios, que o interdiscurso pode ser analisado (KUBO, 2003).

Em resumo, pela análise do interdiscurso, verifica-se a influência do meio no discurso estudado. Enquanto o intradiscurso expõe a identidade e o posicionamento do enunciador. Lembrando que ambos, inter e intradiscurtos, se coadunam.

O estudo dos fatores históricos é importante para a interpretação que deverá ser feita com base na interação do interdiscurso e do intradiscurso buscando o posicionamento do enunciador por meio das manifestações linguísticas. É importante lembrar que o analista também sofre influência de seus afetos e crenças. Sendo assim, sua interpretação também produzirá um sentido, que não é completamente nulo de um posicionamento (CAREGNATO, 2016).

4.2.1 O discurso referente aos curdos durante o combate ao Estado Islâmico

Esta seção apresentará as falas e opiniões de autoridades e acadêmicos de diferentes países com o objetivo de esclarecer o contexto do qual serão retirados os discursos que servirão de objeto de análise na próxima seção. Essa etapa serve para auxiliar a compreensão do nível macro do discurso político e geopolítico em que a Questão Curda está inserida, sendo apresentado em ordem cronológica desde o início ao final do autoproclamado califado islâmico, ou seja, de 2014 até 2019.

A citação apresentada a seguir é de Lawrence A. Franklin, um coronel da reserva da Força Aérea dos Estados Unidos, que serviu como adido militar em Israel:

Como Israel, o Curdistão é mais democrático que qualquer um de seus vizinhos. Como Israel, o Curdistão está cercado de inimigos que não querem que ele exista. Como Israel, o Curdistão dirige seus olhos para o Ocidente. E como Israel, o Curdistão tem mantido o equilíbrio ainda que o mundo inteiro o traia (FRANKLIN, 2014).

Com essas palavras, Franklin faz referência a algumas semelhanças entre a reivindicação curda por um Estado próprio e o Estado de Israel, autônomo desde 1948. Assim como foi prometido aos curdos, durante a Primeira Guerra, também foi

prometido aos judeus um Estado próprio³⁰, o Lar Nacional Judeus na Palestina³¹, desde que os judeus ajudassem a derrotar o Império Otomano. Com o fim da guerra, também tiveram, segundo Franklin (2014), sua esperança frustrada com a partilha do território otomano entre a França e Inglaterra. A região da Palestina ficou sob administração britânica entre 1920 e 1948, fase conhecida como o Mandato Britânico da Palestina³².

A diferença é que, em 1947, a recém-criada Nações Unidas, a pedido da Inglaterra, criou um plano para a partição da Palestina³³(IZADY, 1992). O plano aprovava a criação de um Estado Árabe e outro judeu. Israel conseguiu sua independência em 1948 e foi admitido como membro das Nações Unidas em 1949.

Para ilustrar o posicionamento internacional sobre a Questão Curda no momento atual, vale ressaltar o plebiscito de independência do governo autônomo do Curdistão iraquiano realizado em 2017, em pleno combate ao Estado Islâmico, que contou com a aprovação de mais de 90% da população curda local (O CURDISTÃO...,2017). A declaração do vice-presidente do Iraque, Nouri Al-Maliki, foi que a independência do Curdistão seria um fator ainda mais desestabilizante no Oriente Médio pelo fato de poder se tornar um “segundo e indesejado Israel” (O CURDISTÃO...,2017). O único a apoiar o pleito curdo na região foi Israel. O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, disse que Israel apoia os esforços legítimos do povo curdo para alcançar seu próprio Estado. Indo na mesma linha de pensamento, o ex-vice-chefe do exército israelense, Yair Golan, disse em uma conferência em Washington que quando se olha para o Irã ao leste, quando se olha para a instabilidade na região, uma entidade curda estável e unificada no meio desse pântano não é uma má ideia (HEARST, 2017).

Enquanto Israel apoiava o pleito curdo, recebeu críticas internacionais, como a do presidente turco Erdogan que ameaçou “encerrar o processo de normalização diplomática” (DERSHOWITZ, 2017, p. 32), caso Israel não retire o apoio curdo. Segundo Dershowitz, Erdogan apoia a criação de um Estado para aos palestinos, mas não apoia um Estado para os curdos. Inclusive, os próprios palestinos não apoiam a independência curda (DERSHOWITZ, 2017).

³⁰ Por meio da Declaração Balfour em 1917.

³¹ Para maior informação, ver em: <http://www.morasha.com.br/historia-de-israel>

³² Para maior informação, ver o site no item 23.

³³ Para maior informação, ver o site no item 23.

Além de Israel, outro país que apoiou o referendo curdo foi a Arábia Saudita. O rei Salman enviou uma série de emissários secretamente para incentivar Barzani, presidente da Região Autônoma do Curdistão iraquiano, em seu projeto a dividir o Estado iraquiano e questionar a integridade territorial da Turquia e do Irã (HEARST, 2017).

Um deles era Anwar Eshki, general maior aposentado das forças armadas sauditas, que foi explícito sobre o raciocínio do reino: trabalhar para a criação de um Curdistão maior por meios pacíficos reduziria as ambições sírias, iranianas, turcas e iraquianas. Isso reduziria um terço do território de cada país em favor do Curdistão. Ele disse que acredita que os curdos têm o direito de ter um Estado próprio.

Abdullah al-Rabiah, consultor da Corte Real Saudita, disse que o Curdistão iraquiano tinha um alto potencial econômico, cultural, político e militar. Rabiah disse que o Curdistão tinha os fundamentos necessários para a independência e a defesa de sua existência. (HEARST, 2017).

O presidente da França, Emmanuel Macron, reuniu-se em dezembro de 2017, em Paris, com o atual presidente do Governo Regional do Curdistão iraquiano, então primeiro-ministro, Nechirvan Barzani, em meio a um impasse político e militar entre a região autogovernada e Bagdá. Na ocasião, o presidente francês afirmou que ajudará a preservar a unidade do Iraque, bem como os direitos dos curdos iraquianos (MACRON, 2017).

Figura 2: Primeiro-ministro do Governo Regional do Curdistão com o Presidente da França



Fonte: DW. Disponível em: <https://www.dw.com/en/french-president-emmanuel-macron-backs-iraq-talks-after-kurdish-concessions/a-41629317> acesso em: 02 mar. 2019.

Na foto anterior, é possível observar o presidente do Governo Regional do Curdistão, à esquerda, com o presidente francês, à direita. Na reunião, Barzani defendeu o pleito pela independência, enquanto Macron manteve uma postura neutra em relação ao assunto. Ao fazer uma análise da imagem, pode-se observar as bandeiras do Iraque, do Governo Regional do Curdistão, da União Europeia e da França posicionadas lado a lado, evidenciando uma evolução nas relações internacionais dos curdos iraquianos. Como também pode ser visto na imagem a seguir de um encontro entre Barzani e o presidente norte-americano Donald Trump:

Figura 3: Primeiro-ministro do Governo Regional do Curdistão com o presidente Trump



Fonte: washingtonpost. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2020/01/23/trump-appears-confuse-kurds-syria-iraq-meeting-with-president-iraqi-kurdistan/> acesso em: 03 abr. 2019.

Diante disso surgem algumas reflexões: Será que a luta contra o Estado Islâmico contribuiu para esse cenário favorável? Será que os curdos da Síria, Turquia e Irã seguirão o mesmo caminho? Será o início do tão almejado reconhecimento internacional dos curdos?

A imagem abaixo também ilustra essa evolução da Questão Curda iraquiana, por ocasião da visita presidencial de Barzani ao Papa Francisco em 2017. Segundo Lupion (2020), essas reuniões com o Papa podem reforçar a imagem internacional de atores políticos ao conferir maior legitimidade. "É um reconhecimento de sua figura pública. O papa não é só chefe da Igreja Católica, ele é também um chefe de Estado. Não é todo mundo que consegue uma audiência com o papa" (LUPION, 2020).

Figura 4: Visita do Primeiro-ministro do Governo Regional do Curdistão ao Papa Francisco.



Fonte: institutkurde. Disponível em: <https://www.institutkurde.org/info/pm-barzani-meets-with-pope-francis-in-the-vatican-1232551196> Acesso em: 14 abr. 2019.

Em 2020, durante outra visita oficial ao Vaticano, o primeiro-ministro da região do Curdistão, Masrour Barzani, se reuniu com o Papa Francisco e o atualizou sobre os últimos desenvolvimentos no Iraque e na região, observando o papel crítico que o Governo Regional do Curdistão desempenhou na proteção das minorias na região do Curdistão, incluindo os cristãos. (NAWZAD, 2020).

O Papa Francisco agradeceu ao primeiro-ministro o papel de liderança que o Governo Regional do Curdistão assumiu no apoio a refugiados que fogem de conflitos na Síria e no Iraque, proporcionando um refúgio de convivência para todas as religiões. Ele também elogiou o Governo Regional do Curdistão por demonstrar uma cultura de tolerância e compreensão em relação a todos os grupos étnicos e religiosos (NAWZAD, 2020).

Barzani presenteou o pontífice com uma exibição emoldurada contendo os restos carbonizados de uma antiga Bíblia, que havia sido queimada por militantes do Estado Islâmico em uma vila cristã e depois cuidadosamente recuperada pelas forças curdas *Peshmerga*. Barzani disse que todos os cidadãos têm direito à liberdade de culto e isso permanecerá central nos planos do Governo Regional do Curdistão (NAWZAD, 2020).

Em contra partida, o Departamento de Estado americano, declarou estar desapontado com o pleito dos seus aliados curdos iraquianos e a Casa Branca chamou de “provocativa e desestabilizadora” (DERSHOWITZ, 2017, p. 34). Para Dershowitz, a comunidade internacional recorre a duas justificativas para não apoiar a reivindicação curda:

A independência curda causará um efeito desestabilizador num frágil Iraque que pode reverberar em Estados vizinhos com populações curdas e o esforço pela

independência desviará a atenção do esforço maior: a derrota do Estado Islâmico, que está sendo combatido em grande parte pelas forças *Peshmerga* (DERSHOWITZ, 2017).

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, ligou para os presidentes turco e iraniano para discutir o referendo de independência da região do Curdistão iraquiano, disse um porta-voz do *Kremlin*, Dmitry Peskov, ao explicar que não houve mudança na posição da Rússia em relação ao referendo da Região Autônoma e às ambições de Estado, acrescentando que Moscou quer um Iraque unificado. Putin e Erdogan enfatizaram a importância da integridade territorial do Iraque e da Síria. A Rússia não divulgou uma declaração pública após a votação histórica da independência da região do Curdistão iraquiano, mas continua enfatizando a importância da integridade territorial do Iraque (SULAIVANY, 2017).

O primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, recusa-se a considerar a independência curda, citando sua própria experiência em dois referendos de Quebec para explicar por que o Canadá não pressiona pela independência da população curda do Iraque. O Canadá teme que o equipamento militar e o treinamento canadense no Iraque acabem sendo usados para outros propósitos além de combater o Estado Islâmico (BERTHIAUME, 2017).

Autoridades canadenses alertaram exatamente sobre isso em uma nota a Trudeau em novembro de 2015, dizendo que a guerra com o Estado Islâmico havia permitido que os curdos expandissem em território disputado no norte do Iraque, incluindo a cidade de Kirkuk, rica em petróleo. Se a ameaça do Estado Islâmico retroceder, Bagdá terá que enfrentar uma série de disputas de terra com os curdos, bem como forças curdas iraquianas fortalecidas, que receberam treinamento e equipamentos de membros da coalizão, incluindo o Canadá (BERTHIAUME, 2017).

Segundo Magnier (2018), atribuir aos curdos o título de os melhores combatentes surgiu principalmente na década de 1990, quando os Estados Unidos usaram os curdos para garantir um ponto de apoio no Iraque durante a era Saddam Hussein. Viram nos curdos uma “ponte” para o Oriente Médio, que lhes permitiu fixar naquela área uma fortaleza militar e de inteligência para os norte-americanos e israelenses (MAGNIER, 2018). Atualmente, segundo Magnier (2018), os Estados Unidos apostaram no desejo curdo por um Estado próprio, e assim contar com forças locais que representassem os norte-americanos. A intenção era estabelecer bases no Iraque e na Síria.

Figura 5: Soldado americano cumprimentando curdos sírios



Fonte: dw. Disponível em: <https://www.dw.com/en/brawls-between-kurds-and-turks-injure-several-across-germany/a-50863715> Acesso em: 14 abr. 2019.

Na imagem acima, pode-se notar algumas características representativas da proximidade dos soldados norte-americanos com os combatentes curdos: a bandeira dos Estados Unidos ao fundo, que corrobora a presença norte-americana da região; o posicionamento da mão direita sobre o peito e a expressão do curdo ao olhar para o norte-americano; a postura altiva do soldado norte-americano em contraste com a postura quase tímida do combatente curdo à direita; e o emblemático aperto de mãos que reafirma o entrosamento e o apoio.

Nesse contexto, a posição da Turquia, segundo Yilmaz (2018), não só representa uma preocupação com o separatismo curdo, como também possui um largo histórico de conflitos contra estes, principalmente com o PKK. Com o avanço do Estado Islâmico na Rojava (Síria), a Turquia se viu em um empasse: de um lado os fundamentalistas atuando perto de suas fronteiras e de outro, seu antigo inimigo, o PKK, combatendo esses extremistas (YILMAZ, 2018). Nesse cenário, a Turquia temia o surgimento de uma Rojava independente após o fim do Estado Islâmico (YILMAZ, 2018). Em 2014, o governo turco optou por agir contra os curdos e bombardear alvos do PKK ao invés de atacar o Estado Islâmico. É provável que, para a Turquia, tenha pesado o fato de a Questão Curda representar um risco maior à estabilidade do país, uma vez que a região curda na Turquia conta com uma população de 14 milhões de curdos (YILMAZ, 2018).

A próxima seção apresentará a análise narrativa dos discursos selecionados, tendo o objetivo de observar pensamentos que podem trazer legitimação a Questão Curda durante o combate ao Estado Islâmico.

4.3 A (des)legitimação da Questão Curda através do discurso: uma análise narrativa.

O objetivo dessa seção é identificar e compreender os mecanismos discursivos que se hegemonomizam a ponto de reestruturar a geopolítica mundial, através dos discursos dos líderes das quatro coalisões, bem como o discurso dos líderes dos quatro Estados diretamente envolvidos.

Atualmente, com a facilidade da comunicação através dos meios eletrônicos, alguns líderes mundiais utilizam desses meios para opinar a respeito de assuntos nacionais e internacionais. Como tal, os que aqui serão estudados também fizeram seus pronunciamentos através desses meios, mais precisamente via plataformas digitais como Youtube e Twitter.

Os discursos serão agrupados de acordo com o seu respectivo enunciador, onde serão analisados e apoiados por informações adicionais encontradas no material empírico coletado. Os discursos passarão por duas análises: (1) levantamento dos modos de predicação e pressuposição de cada discurso, conforme o modelo de Lynn-Doty (1993) e (2) análise de posicionamento e identificação dos esquemas actanciais da estrutura narrativa de todos os discursos simultaneamente, conforme a semiologia de Greimas (1983, 1987).

4.3.1 Análise de predicação e pressuposição

A predicação envolve a vinculação de certas qualidades a assuntos específicos através do uso de predicados, advérbios e adjetivos que os modificam (MILLIKEN, 1990). Um predicado afirma uma qualidade, atributo ou propriedade de uma pessoa ou coisa.

A análise de pressuposição é fundamental para descobrir ideologias naturalizadas e examinar funções manipulativas do discurso que tornam cognitivamente mais difícil perceber suposições ideológicas. A pressuposição cria as premissas de existência de sujeitos, objetos e relações, que constrói um contexto

particular em que certas coisas são reconhecidas como verdade (MILLIKEN, 1990). O destinatário que lê ou escuta um discurso precisa compartilhar informações relevantes para que haja entendimento e uma perfeita acomodação dos pressupostos. Por exemplo, a frase “Marta conseguiu terminar aquilo”, permite a pressuposição de que Marta tentou terminar algo, através da utilização do verbo implicativo “conseguiu”, como também permite a pressuposição de mudança de estado pela utilização do verbo “terminar”. Ambas interpretações possuem uma acomodação perfeita de pressupostos, porque o destinatário consegue compreender sem informações adicionais. O que não acontece com o gatilho pressuposto “aquilo”. Para que o destinatário compreenda a informação, é preciso que haja um outro discurso antecedente informando o que é “aquilo”.

Os discursos coletados para este trabalho estão em inglês, francês, russo e árabe. Como os textos precisam ser trabalhados e interpretados no idioma de origem, estes serão mantidos em sua originalidade no corpo do trabalho, mas as respectivas traduções serão apresentadas como nota de rodapé.

4.3.1.1 Estados Unidos

Em dois twitters do dia 13 de janeiro de 2019, Trump escreveu:

Figura 6: Twitter de Donald Trump de 13 de janeiro de 2019, 8:53 PM ³⁴



Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1084584259510304768>. Acesso em: 12 fev. 2020.

³⁴ Começando a retirada muito atrasada da Síria, enquanto atingimos de muitas direções o pequeno califado territorial do Estado Islâmico remanescente. Vamos atacar novamente a partir de base existente nas proximidades se o Estado Islâmico se reformar. Vamos devastar a Turquia economicamente se eles atingiram os curdos. Crie 20 milhas de zona segura....

Figura 7: Twitter de Donald Trump de 13 de janeiro de 2019, 9:02 PM³⁵

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1084586625672376322>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Quadro 4: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

<i>Pullout</i>	<i>Long overdue</i>
<i>ISIS territorial caliphates</i>	<i>The little/ remaining/ hit hard by the US/ attacked again if it reforms/ attacked from many directions</i>
<i>Kurds</i>	<i>Provoke Turkey</i>
<i>Turkey</i>	<i>Devastated economically if they hit Kurds/ create 20 miles safe zone</i>
<i>Russia, Iran and Syria</i>	<i>Biggest beneficiaries of the long-term US policy in Syria</i>
–	<i>Hit the ISIS territorial caliphate/ attack from many directions/ attack from nearly base / Go back troops/ devastate economically</i>
<i>We</i>	<i>also benefit</i>
<i>Troops</i>	<i>Our (americans) / Back home</i>
<i>Wars</i>	<i>Endless</i>
<i>long-term US policy</i>	<i>Benefits Russia, Iran, Syria and we (USA)</i>

Fonte: Autoria própria.

³⁵ Da mesma forma, não quero que os curdos provoquem a Turquia. Rússia, Irã e Síria têm sido os maiores beneficiários da política de longo prazo dos EUA para destruir o Estado Islâmico na Síria - inimigos naturais. Também nos beneficiamos, mas agora é hora de trazer nossas tropas de volta para casa. Pare as guerras sem fim!

Nas características predicativas de descrição, adjetivação, adverbialidade e capacidades atribuídas aos vários sujeitos extraídos dos discursos de Trump, pode-se perceber que os americanos receberam características que representam a valentia, o altruísmo e o heroísmo nos trechos em que Trump os coloca como sendo capazes de enfrentar o califado territorial do Estado Islâmico; atacar de uma base próxima em muitas direções; capaz de devastar economicamente a Turquia em caso de ataque aos curdos; tem poder de retirar suas tropas como bem quiser; e que se beneficiou da ação na Síria. O mesmo não se pode observar sobre os curdos, que, nesse discurso, recebem apenas a característica de provocadores da Turquia, sem maiores menções ou detalhes. Não são posicionados nem como heróis, nem como vítimas. Tal posicionamento que, à primeira vista, pode ser considerado neutro, pode atribuir aos curdos uma ação, a ação de provocar um país. Logo, não são neutros, tampouco insignificantes. A Turquia é descrita como um sujeito que pode ser devastado economicamente pelos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que pode criar uma zona segura. Trump se refere ao que restou dos remanescentes do califado islâmico, após o último reduto ser capturado pelos curdos e pelas tropas americanas, como sendo pequeno, que pode ser atacado de várias direções pelos Estados Unidos. Rússia, Síria e Irã são descritos como os grandes beneficiados da política de longo prazo dos Estados Unidos na Síria.

No que tange à análise de pressuposição, nota-se que o discurso de Trump nega paridade ao Estado Islâmico, ao não o compreender como sendo o mal, ou seja, ele não o reconhece como um adversário que está no mesmo patamar. Logo, não há uma oposição do bem contra o mal, porque o Estado Islâmico não é visto como um ator que carrega as características de um opositor, ou seja, ele não é visto como o “outro lado da moeda” em relação aos Estados Unidos. Então os atributos localizados no discurso de Trump não demonstram uma oposição do bem e do mal, mas sim, do forte e do fraco.

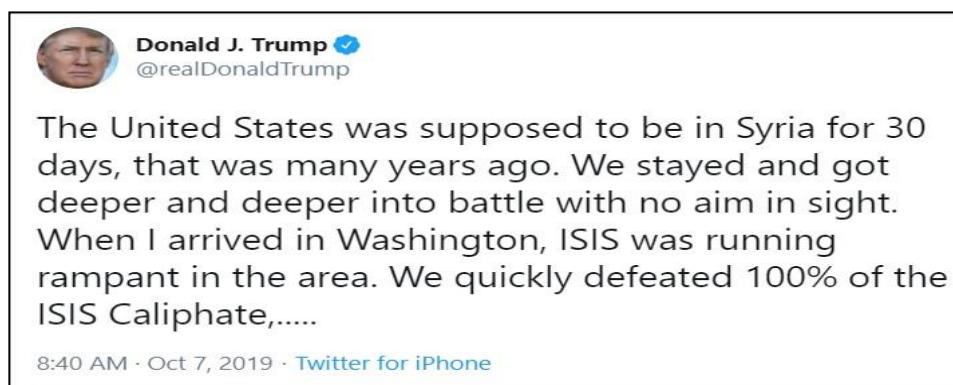
Trump também se utiliza de objetificação e sujeitificação de alguns termos: o Estado Islâmico é descrito como um ator que pode ser atacado pelos Estados Unidos, ou seja, pode ser um objeto de ataque. Assim como Rússia, Irã e Síria, que são posicionados em um mesmo objeto nesse discurso ao receberem a característica de beneficiados pela política de longo prazo norte-americana na Síria.

Em relação aos curdos, estes não são compreendidos como objeto, mas sim como sujeito ao serem advertidos quanto a sua conduta de provocar a Turquia, ou seja, eles recebem uma ação, mesmo que reprobatória.

A Turquia ora é posicionada como objeto, ora como sujeito, pois ela tem a capacidade de atingir os curdos ao mesmo tempo que pode ser devastada pelos Estados Unidos, ou seja, ela pratica a ação ao mesmo tempo que recebe.

No dia 7 outubro de 2019, às 8:40 AM, Trump escreveu:

Figura 8: Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM³⁶



Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1181172457811697664>. Acesso em: 14 fev. 2020.

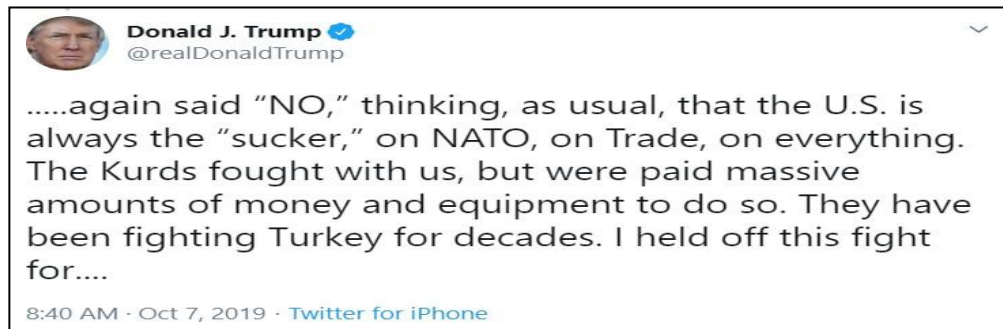
Figura 9: Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM³⁷



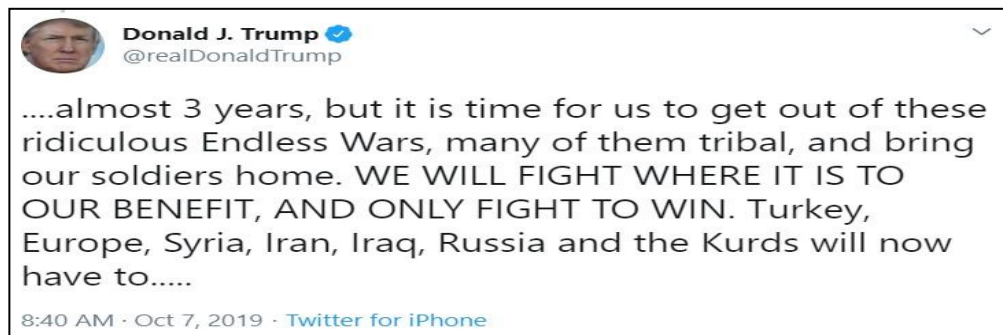
Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1181172459325800448>. Acesso em: 14 fev. 2020.

³⁶ Os Estados Unidos deveriam estar na Síria por 30 dias, isso foi há muitos anos. Ficamos e nos aprofundamos cada vez mais na batalha, sem objetivo à vista. Quando cheguei a Washington, o Estado Islâmico corria desenfreado na área. Derrotamos rapidamente 100% do califado do ISIS...

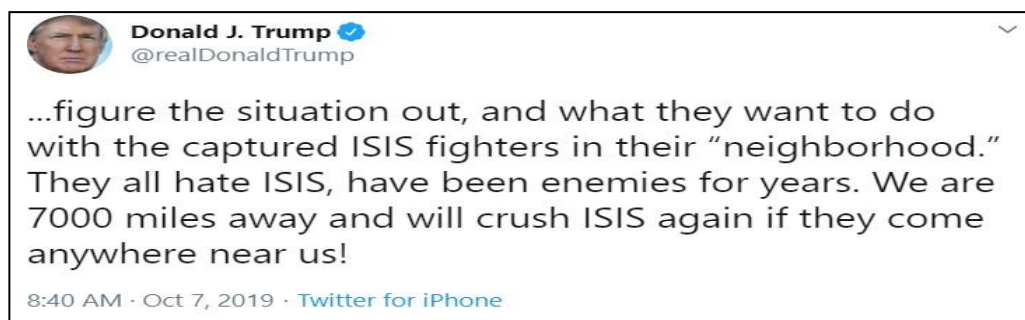
³⁷ ... incluindo a captura de milhares de combatentes do ISIS, principalmente da Europa. Mas a Europa não os queria de volta, eles disseram: que você os guarde, EUA! Eu disse: "NÃO, fizemos um grande favor a você e agora você quer que a gente os prenda nas prisões dos EUA a um custo tremendo. Eles são seus para julgamento. Eles....."

Figura 10: Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM³⁸

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1181172462291243008>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 11: Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM³⁹

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1181172465772482563>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 12: Twitter de Donald Trump de 7 de outubro de 2019, 8:40 AM⁴⁰

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1181172467676565505>. Acesso em: 14 fev. 2020.

³⁸.....disseram novamente "NÃO", pensando, como sempre, que os EUA são sempre os "otários" da OTAN, do Comércio, de tudo. Os curdos lutaram conosco, mas receberam enormes quantias de dinheiro e equipamentos para isso. Eles lutam contra a Turquia há décadas. Eu segurei essa luta por

³⁹.....quase três anos, mas é hora de sairmos dessas ridículas guerras sem fim, muitas delas tribais, e levar nossos soldados para casa. LUTAREMOS ONDE É NOSSO BENEFÍCIO, E SOMENTE LUTAREMOS PARA VENCER. Turquia, Europa, Síria, Irã, Iraque, Rússia e curdos agora terão que

⁴⁰ resolver a situação e o que eles querem fazer com os combatentes do Estado Islâmico capturados em sua "vizinhança". Todos eles odeiam o ISIS, são inimigos há anos. Estamos a 7000 milhas de distância e esmagaremos o Estado Islâmico novamente se eles chegarem perto de nós! (Tradução nossa)

Quadro 5: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

United States	<i>was supposed to be in Syria for 30 days, that was many years ago/ stayed and got deeper and deeper into battle with no aim in sight/ quickly defeated 100% of the ISIS Caliphate including capturing thousands of ISIS fighters, mostly from Europe/ it is time for us to get out of these ridiculous Endless Wars and bring our soldiers home/ WILL FIGHT WHERE IT IS TO OUR BENEFIT, AND ONLY FIGHT TO WIN/ We are 7000 miles away and will crush ISIS again if they come anywhere near us!</i>
I (Trump)	<i>when arrived in Washington, ISIS was running rampant in the area/ said "NO, we did you [Europe] a great favor and now you want us to hold them [ISIS fighters] in U.S. prisons at tremendous cost. They are yours for trials."/ I held off this fight for almost three years</i>
Kurds	<i>fought with us [USA], but were paid massive amounts of money and equipment to do so. They have been fighting Turkey for decades.</i>
Turkey, Europe, Syria, Iran, Iraq, Russia and the Kurds	<i>will now have to Figura the situation out, and what they want to do with the captured ISIS fighters in their "neighborhood."/ all hate ISIS, have been enemies for years</i>
ISIS	<i>hated by Turkey, Europe, Syria, Iran, Iraq, Russia and the Kurds/ hated by everyone/ will crushed again if they come anywhere near us [USA]</i>
ISIS caliphate	<i>The ISIS Caliphate was defeated 100% by USA</i>
Europe	<i>did not want them [European ISIS fighters] back/ said you keep them [European ISIS fighters] USA!/ again said "NO,"[Responding to Trump about repatriation] thinking, as usual, that the U.S. is always the "sucker," on NATO, on Trade, on everything.</i>
Endless Wars	<i>Ridiculous/ many of them tribal</i>

Fonte: Autoria própria.

Nas características predicatoria, Trump atribui aos Estados Unidos uma permanência maior que a planejada, ao afirmar que deveria ter ficado apenas 30 dias na Síria, mas ficou por anos, aprofundando-se na batalha sem um objetivo à vista. Derrotou totalmente o califado do Estado Islâmico, incluindo a captura de milhares de combatentes, muitos vindos da Europa. Ele afirma que é a hora de sair da guerra e a classificou como *ridiculous*, *endless* e *tribal*, além de afirmar que está na hora de levar os soldados americanos para casa. Logo depois afirma que os soldados lutarão onde está o benefício para os Estados Unidos e que será para vencer. Lembra que estão a 7 mil milhas de distância e que esmagarão o Estado Islâmico novamente caso ele se aproxime dos Estados Unidos.

Segundo Trump, quando ele chegou a Washington, o Estado Islâmico estava “correndo solto” na área de conflito e que ele aguentou a guerra por três anos. Afirma que a atuação dos Estados Unidos foi um favor para a Europa e que ela ainda espera que os Estados Unidos arquem com a responsabilidade de manter os rebeldes do Estado Islâmico nas prisões americanas. Fato que, segundo ele, possui um custo muito elevado. Trump fala que os prisioneiros europeus são da Europa e que cabe a ela julgá-los.

Em relação aos curdos, afirma que lutaram com os Estados Unidos, mas foram pagos com grande quantidade de dinheiro e equipamentos para isso. Diz que os curdos lutam contra a Turquia há décadas.

Depois ele afirma que Turquia, Europa, Síria, Irã, Iraque, Rússia e curdos odeiam o Estado Islâmico e são inimigos há anos e que eles terão que resolver a situação referente aos prisioneiros capturados em sua “vizinhança”.

Trump afirma que a Europa não queria de volta os rebeldes do Estado Islâmico de origem europeia e que disseram: vocês que os mantenham, EUA! Segundo Trump, eles negaram a repatriação por acharem que os Estados Unidos, como de costume, são o *sucker* da OTAN, do comércio, de tudo.

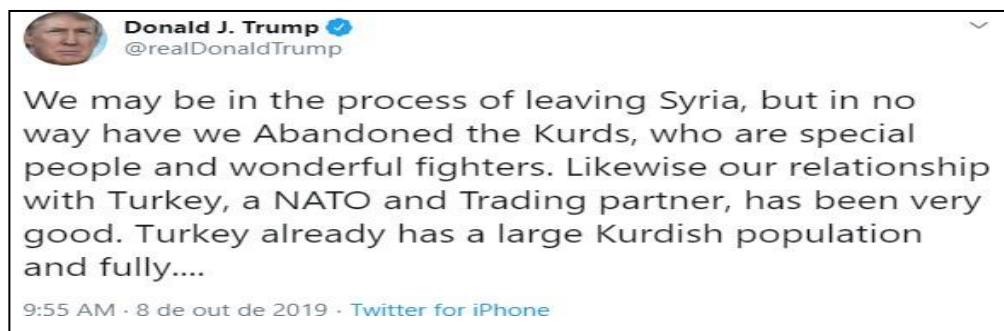
Na análise de pressuposto, pode-se perceber que Trump destaca em letras maiúsculas o trecho “*WILL FIGHT WHERE IT IS TO OUR BENEFIT, AND ONLY FIGHT TO WIN*”, ressaltando o objetivo dos Estados Unidos de lutar em benefício próprio, sem se preocupar em agradar os outros atores e correr o risco de aumentar a insegurança mundial. O que pode ser percebido também quando diz a Europa que não vai arcar com o custo de manter os prisioneiros rebeldes e que ela faça o julgamento dos seus.

Em “*when arrived in Washington, ISIS was running rampant in the area*”, percebe-se que Trump critica a postura do governo de Barack Obama frente ao conflito no Oriente Médio, ao mesmo tempo em que valoriza o seu próprio governo.

Trump ressalta a animosidade já existente entre curdos e Turquia, e, diante disso, afirma que os curdos lutaram com os Estados Unidos, mas que foram remunerados em dinheiro e equipamentos, dando a entender que não possui nenhuma dívida com os curdos, ao mesmo tempo em que não precisa prolongar sua permanência na região, pois a rivalidade local já é antiga. Diante disso, ainda passa a responsabilidade para Turquia, Europa, Síria, Irã, Iraque, Rússia e curdos resolverem o problema do que ele chamou de “vizinhança”, dando a entender que eles estão mais próximos, enquanto os Estados Unidos estão a 7000 milhas.

Por Twitter às 9:55 da manhã do dia 8 de outubro de 2019, Trump escreveu:

Figura 13: Twitter de Donald Trump de 8 de outubro de 2019, 9:55 AM⁴¹



Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1181553630354259968>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 14: Twitter de Donald Trump de 8 de outubro de 2019, 9:55 AM⁴²



Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1181553636444426240>. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁴¹ Podemos estar no processo de deixar a Síria, mas de maneira alguma abandonamos os curdos, que são pessoas especiais e combatentes maravilhosos. Da mesma forma, nosso relacionamento com a Turquia, um parceiro da OTAN e Comercial, tem sido muito bom. A Turquia tem uma grande população curda e...

⁴² ... entende completamente que, enquanto tivermos apenas 50 soldados remanescentes naquela região da Síria, e eles estão sendo removidos, qualquer combate não forçado ou desnecessário da Turquia será devastador para sua economia e sua moeda muito frágil. Estamos ajudando os curdos financeiramente / armas!

Quadro 6: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

<i>Kurds</i>	<i>Special people/ wonderful fighters/ Receive weapons and financial helping from the USA</i>
<i>Kurdish in Turkey</i>	<i>A large population</i>
<i>US</i>	<i>Turkey trading partner/ had 50 soldiers remaining in that section of Syria</i>
<i>We</i>	<i>Leaving Syria/ in no way have abandoned the Kurds/ are helping the Kurds financially and weapons</i>
<i>Soldiers</i>	<i>50 remaining in that section of Syria/ have been removed</i>
<i>Turkey</i>	<i>NATO partner / US trading partner/ has a large Kurdish population / fully understands that any unforced or unnecessary fighting will be devastating to their economy and their very fragile currency</i>
<i>Unforced and unnecessary turkish Fight</i>	<i>Will be devastating to turkish economy and their very fragile currency</i>
<i>Turkish currency</i>	<i>Very fragile</i>
<i>Relationship between US and Turkey</i>	<i>Has been very good</i>

Fonte: Autoria própria.

Nas características predicativas, Trump atribui aos Estados Unidos a ação de não abandonar os curdos, de ajudá-los financeiramente, e de devastar a Turquia economicamente se ela atacar a Síria, enquanto os 50 soldados americanos remanescentes estiverem na região. Os curdos, segundo Trump, são pessoas especiais e lutadores maravilhosos. No caso dos curdos da Turquia, o presidente norte-americano os descreve como uma grande população. A Turquia é classificada como sendo parceira da OTAN e, comercialmente, dos Estados Unidos. Além de entender perfeitamente que qualquer luta não forçada ou desnecessária será devastadora para sua economia e sua frágil moeda. O relacionamento entre Estados Unidos e Turquia é classificado como sendo muito bom.

Pode-se pressupor então que mais uma vez há uma relação de oposição entre forte e fraco. Os Estados Unidos exercendo a função do país que ajuda e que também pode prejudicar outros atores, sejam eles estatais ou não-estatais. Em nenhum momento os Estados Unidos são colocados como objeto no discurso de Trump, mas só como aquele que executa as ações.

Quando o presidente norte-americano se refere à Turquia no trecho “Turkey already has a large Kurdish population and fully...understands that while we only had 50 soldiers remaining in that section of Syria, and they have been removed, any unforced or unnecessary fighting by Turkey will be devastating to their economy and to their very fragile currency”, ele expressa a ideia de que a Turquia não poderá atacar o território sírio enquanto os soldados americanos remanescentes estiverem por lá. O que representa o “while”? Evidencia uma intenção do presidente de “lavar as mãos” após a retirada das tropas norte-americanas? A Turquia poderia atacar o território sírio após essa retirada? O gatilho de pressuposto “while” é um advérbio que constrói uma oração temporal. Geralmente esse tipo de oração carrega a informação secundária ou de pano de fundo, sendo a oração principal a de maior relevância. No caso do trecho acima, o peso maior cai sobre a informação de que Turquia será atacada, caso não espere a retirada da tropa americana, corroborando para tal interpretação. Apesar de Trump elogiar e afirmar que não abandonará os curdos.

Os curdos, diferente do discurso anterior, assumem agora o lugar de objeto ao não ser abandonados e ao receber ajuda norte-americana. Apesar dos elogios “*Special people*” e “*wonderful Fighters*”, Trump não os liga a uma ação efetiva.

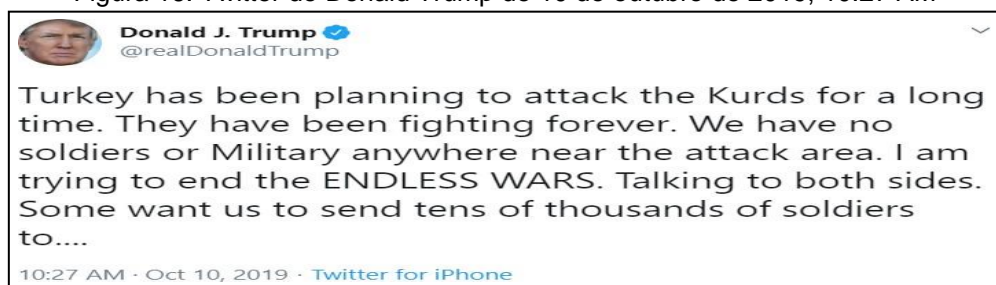
Em 10 de outubro de 2019, às 1:16 AM, Trump disse:

Figura 15: Twitter de Donald Trump de 10 de outubro de 2019, 1:16 AM⁴³

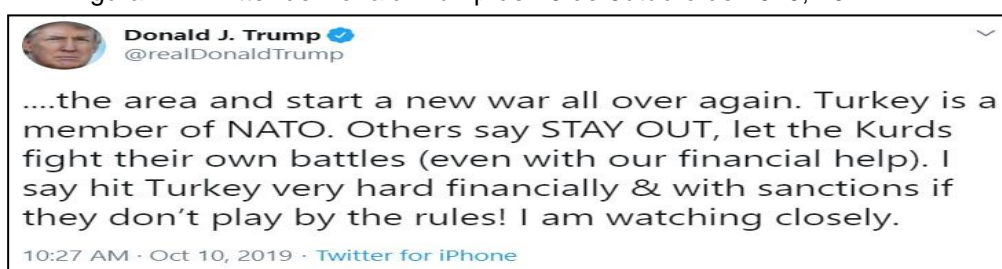


Fonte: Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1182147895371472896>. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁴³ Caso os curdos ou a Turquia percam o controle, os Estados Unidos já levaram os dois militantes do Estado Islâmico vinculados a decapitações na Síria, conhecidos como Besouros, para fora desse país e para um local seguro controlado pelos EUA. Eles são os piores dos piores!

Figura 16: Twitter de Donald Trump de 10 de outubro de 2019, 10:27 AM⁴⁴

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1182286411501838337>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 17: Twitter de Donald Trump de 10 de Outubro de 2019, 10:27 AM⁴⁵

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1182286414353981440>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Quadro 7: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

<i>United States</i>	<i>has already taken the 2 ISIS militants tied to beheadings in Syria out of that country and into a secure location controlled by the U.S./ have no soldiers or Military anywhere near the attack area</i>
<i>I [Trump]</i>	<i>am trying to end the ENDLESS WARS Talking to both sides/ say hit Turkey very hard financially & with sanctions if they don't play by the rules! / am watching closely.</i>
<i>ISIS militants</i>	<i>tied to beheadings in Syria / taked by USA/ known as the Beetles/ are the worst of the worst!</i>
<i>Turkey</i>	<i>has been planning to attack the Kurds for a long time/ is a member of NATO</i>
<i>Turkey and Kurds</i>	<i>have been fighting forever</i>
<i>Some</i>	<i>want us to send tens of thousands of soldiers to the area and start a new war all over again</i>
<i>Others</i>	<i>say STAY OUT/ let the Kurds fight their own battles</i>

Fonte: Autoria própria.

⁴⁴ A Turquia planeja atacar os curdos há muito tempo. Eles lutarão para sempre. Não temos soldados ou militares perto da área de ataque. Estou tentando terminar as guerras sem fim. Conversando com os dois lados. Alguns querem que mandemos dezenas de milhares de soldados para ...

⁴⁵ ... a área e começar uma nova guerra. A Turquia é membro da OTAN. Outros dizem: fique fora, deixe os curdos travarem suas próprias batalhas (mesmo que com a nossa ajuda financeira). Eu digo que atingiremos a Turquia financeiramente e com sanções se não cumprir as regras! Eu estou assistindo de perto.

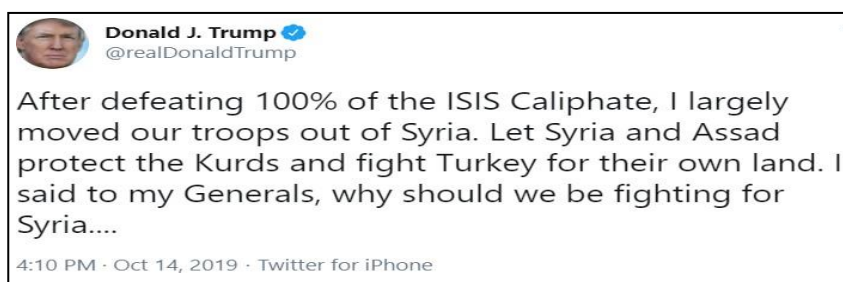
Pela análise predicativa, percebe-se que Trump afirma que os Estados Unidos já retiraram da Síria os dois militantes do Estado Islâmico, conhecidos como besouros, que estão ligados a decapitações, e os levou para um lugar seguro controlado pelos Estados Unidos. Disse que não tem soldados ou militares próximos às áreas de ataque da Turquia.

O presidente americano relata que está tentando terminar com as guerras sem fim e que conversa com os curdos e com a Turquia, mas imporá sanções financeiras a esta se não seguir as regras. Ele ainda avisa que está observando de perto.

Quanto a Turquia, Trump ressalta que é um membro da OTAN. O país planeja atacar os curdos há muito tempo e essa luta durará para sempre. Trump ainda menciona que alguns querem que os Estados Unidos enviem milhares de soldados para recomeçar uma nova guerra, enquanto outros querem que eles fiquem de fora, deixando os curdos lutarem suas batalhas.

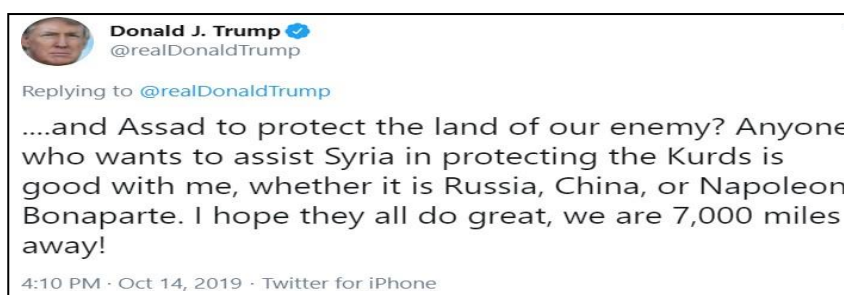
Pela análise de pressuposição, percebe-se que Trump se coloca como um mediador entre os curdos e a Turquia ao dizer que conversa com os dois lados na tentativa de acabar com a guerra. Ele alerta que alguns querem que sejam mandados muitos soldados para começar uma nova guerra, mas Trump lembra que a Turquia é um membro da OTAN, e como tal deve ser tratada, ou seja não pode ser tomada uma medida mais severa por parte dos outros membros da OTAN. Enquanto outros dizem para os Estados Unidos saírem e deixarem os curdos com suas próprias guerras, mas Trump alerta que está observando a situação de perto e que imporá sanções financeiras à Turquia caso haja uma quebra das regras estabelecidas junto com o Estados Unidos de não atacar os curdos, respeitando o tempo a saída destes da “zona Segura”. Nesse discurso Trump dá a entender que está em uma situação frágil, com muitas opiniões divergentes, mas que deseja acabar com as “*endless wars*”. Ele também mostrou a preocupação com o caso de os curdos ou da Turquia perderem o controle das prisões, e que por isso já antecipou a retirada dos militantes do Estado Islâmico ligados às decapitações, considerados os piores dos piores pelo presidente americano.

Em um tweet do dia 14 de outubro de 2019, Trump escreveu:

Figura 18: Twitter de Donald Trump de 14 de outubro de 2019, 4:10 PM⁴⁶

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em:

<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1183822488192671745>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 19: Twitter de Donald Trump de 14 de outubro de 2019, 4:10 PM⁴⁷

Fonte: Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em:

<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1183822494031065088>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Quadro 8: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

<i>Kurds</i>	<i>Can be protected by Syria and Assad.</i>
<i>ISIS Caliphate</i>	<i>Defeated 100%</i>
<i>US</i>	<i>Why should be fighting for Syria and Assad?</i>
<i>I (Trump)</i>	<i>Moved the troops out of Syria</i>
<i>Syria and Assad</i>	<i>Can protect the kurds / can fight Turkey for their own land / land of our enemy</i>
<i>Anyone who wants to assist Syria in protecting the kurds</i>	<i>Is good with me (Trump)</i>

Fonte: Autoria própria.

Nas análises predicativas, Trump atribui aos curdos a característica de poder ser protegido pela Síria e Assad. Afirma que o Estado Islâmico foi derrotado 100%.

⁴⁶ Depois de derrotar 100% do califado do ISIS, mudei nossas tropas para fora da Síria. Deixe a Síria e Assad protegerem os curdos e lutarem contra a Turquia por sua própria terra. Eu perguntei aos meus generais, por que deveríamos estar lutando pela Síria...

⁴⁷ ... e Assad para proteger a terra do nosso inimigo? Quem quiser ajudar a Síria a proteger os curdos será bom para mim, seja Rússia, China ou Napoleão Bonaparte. Espero que todos se saiam bem, estamos a 12.000 quilômetros de distância!

Síria e Assad podem lutar contra a Turquia para proteger suas terras e os curdos. Trump questiona os generais americanos sobre a razão de os Estados Unidos lutarem pelas terras de seus inimigos, referindo-se a Síria, enquanto atribui a si a responsabilidade de mover as tropas americanas fora da região. Trump ainda diz que qualquer um que queira ajudar a Síria a proteger os curdos será bom para ele (Trump). O presidente termina lembrando que os Estados Unidos estão a 12.000 km de distância da região de conflito.

Na análise de pressuposição, percebe-se a mudança de pensamento de Trump quando comparado aos discursos anteriores, em que ele dizia que não abandonaria os curdos. Ao dizer “*Let Syria and Assad protect the Kurds [...]*”, o presidente norte-americano utiliza o gatilho de pressuposição “*let*”, no qual o sentido está em deixar algo acontecer, que mostra a posição de Trump ao se colocar com autoridade para poder permitir a mudança de algo. Pode haver uma mudança de estado nesse “deixe proteger”, no sentido de que no momento do discurso, Assad e Síria poderiam não estar protegendo os curdos e só passariam a fazer ou não após a retirada dos Estados Unidos. Novamente os curdos são posicionados como objeto no discurso, ao não receber uma ação, mas apenas uma característica de ser protegido pela Síria e Assad. Enquanto esses dois últimos recebem a ação de poder lutar contra a Turquia por suas terras.

Trump dá a Rússia e a China, dois países com quem os Estados Unidos mantêm uma certa precaução, além da França, chamada por Trump de “*Napoleon Bonaparte*”, a possibilidade de auxiliar a Síria a ajudar os curdos, mostrando que não se importa com a atuação desses países na região.

Em outro tweet do dia 18 de outubro de 2019, Trump escreveu:

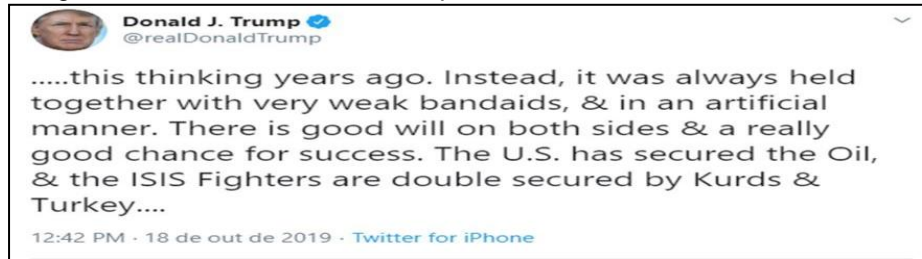
Figura 20: Twitter de Donald Trump de 18 de outubro de 2019. 12:42 PM⁴⁸



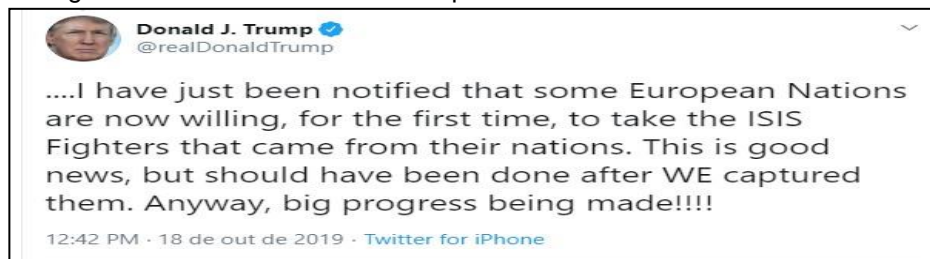
Fonte: Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em:

<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1185219641972539392>. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁴⁸ Acabei de falar com o Presidente @RTErdogan da Turquia. Ele me disse que havia pequenos disparos de atiradores e morteiros que foram rapidamente eliminados. Ele deseja muito que o cessar-fogo, ou pausa, funcione. Da mesma forma, os curdos querem que a solução definitiva aconteça. Pena que não havia...

Figura 21: Twitter de Donald Trump de 18 de outubro de 2019. 12:42 PM⁴⁹

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1185219642668867585>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 22: Twitter de Donald Trump de 18 de outubro de 2019. 12:42 PM⁵⁰

Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1185219643432230913>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Quadro 9: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

<i>I (Trump)</i>	<i>Spoke to Erdogan of Turkey</i>
<i>He (Erdogan)</i>	<i>Very much wants the ceasefire, of pause, to work</i>
<i>Kurds</i>	<i>Want the ultimate solution to happen/ secure the ISIS</i>
<i>The ultimate solution / ceasefire</i>	<i>Too bad there wasn't thinking years ago/ Held together with very weak bandaids/ in an artificial manner</i>
<i>US</i>	<i>Has secured the Oil</i>
<i>We</i>	<i>Captured the ISIS Fighters</i>
<i>ISIS fighters</i>	<i>Double secured by Kurds and Turkey</i>
<i>Some European Nations</i>	<i>are now willing to take the ISIS Fighters that came from their nations</i>
<i>To take the ISIS Fighters that came from their nations</i>	<i>Good News / big progress/ should have been done after WE captured them</i>

Fonte: Autoria própria.

⁴⁹ ...esse pensamento anos atrás. Em vez disso, sempre foi realizada em conjunto com *bandaids* muito fracos e de maneira artificial. Existe boa vontade de ambos os lados e uma boa chance de sucesso. Os EUA têm assegurado o petróleo, e os lutadores do Estado Islâmico são duplamente mantidos pelos curdos e pela Turquia

⁵⁰ Acabei de ser notificado de que algumas nações europeias estão agora dispostas, pela primeira vez, a levar os combatentes do Estado Islâmico que vieram de suas nações. Esta é uma boa notícia, mas deveria ter sido feita depois que NÓS os capturamos. Enfim, um grande progresso está sendo feito!!!!

Na análise de predicação, os Estados Unidos são colocados como aquele que conseguiu assegurar o petróleo e capturar os combatentes do Estado Islâmico. Os curdos são os que asseguram o Estado Islâmico e desejam que uma solução definitiva aconteça. Os combatentes do Estado Islâmico estão duplamente mantidos pelos curdos e pela Turquia. Algumas nações europeias estão agora dispostas a repatriar alguns membros do Estado Islâmico, o que, segundo Trump, é uma boa notícia e um grande progresso, mas deveria ter sido feito logo após a captura dos terroristas pelos Estados Unidos. Erdogan deseja que o cessar-fogo ou pausa funcione. E, segundo Trump, esse cessar-fogo deveria ter sido feito desde o início, mas em vez disso sempre foi feito de forma artificial.

Na análise de pressuposição, percebe-se que Trump demonstra, desta vez, uma preocupação em dar uma justificativa do que estava acontecendo na região de conflito, dando mais força as ações de outros atores, como os curdos e a Turquia, que neste discurso recebem a ação de garantir o controle dos prisioneiros do Estado Islâmico nas prisões curdas, assim pode-se notar que Trump coloca os curdos e a Turquia em um mesmo nível, em que ambos, um ator não estatal e outro estatal, são mencionados como exercendo a mesma função no que se refere ao controle dos terroristas na região. Isso também pode ser percebido na questão do cessar-fogo, em que tanto os curdos quanto Erdogan são caracterizados pelo desejo de que essa ação aconteça. Em contra partida, os combatentes do Estado Islâmico são posicionados como objeto da sentença ao receberem a característica de serem mantidos pelos curdos e pela Turquia nas prisões e serem repatriados por algumas nações europeias, não recebendo uma ação concreta e uma maior relevância.

Algumas nações europeias, segundo Trump, estão pela primeira vez assumindo a responsabilidade por seus compatriotas, que ingressaram no Estado Islâmico e que estão mantidos pelos curdos. Trump classifica essa ação como boa notícia e um grande progresso, mas se utiliza disso para mais uma vez ressaltar sua força, ao afirmar que essa repatriação deveria ter sido feita logo depois que “*WE captured them*”. Nota-se aqui o destaque que Trump deu a palavra “*WE*”. Trump refere-se a nós (EUA), ou a nós (EUA e curdos)? Percebe-se a ambiguidade de seu posicionamento, porém quando ele destaca em letras maiúsculas o pronome, sugere uma provocação e uma superioridade em relação aos outros membros da coalizão, demonstrando que existe uma distância entre o NÓS e vocês ou entre NÓS e eles, excluindo algum desses atores.

Na questão da repatriação dos terroristas, Trump acusou seus aliados na Europa de não fazerem o suficiente na gestão de prisioneiros detidos, e que estes estão sob responsabilidade curda em várias prisões espalhadas na região síria próxima à fronteira com a Turquia, e que as autoridades curdas pediram repetidamente à Europa que retire seus cidadãos detidos nestas prisões, mas até então não foram bem-sucedidas (ESTADO... 2019).

Dia 24 de outubro de 2019, às 12:48 PM, Trump escreveu:

Figura 23: Twitter de Donald Trump de 24 de outubro de 2019. 12:48 PM⁵¹



Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1187395521805275137> Acesso em: 14 fev. 2020.

Quadro 10: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

<i>General @MazloumAbdi</i>	<i>appreciates what we [USA] have done</i>
<i>I [Trump]</i>	<i>appreciate what the Kurds have done</i>
<i>Kurds</i>	<i>Perhaps it is time to start heading to the Oil Region</i>

Fonte: Autoria própria.

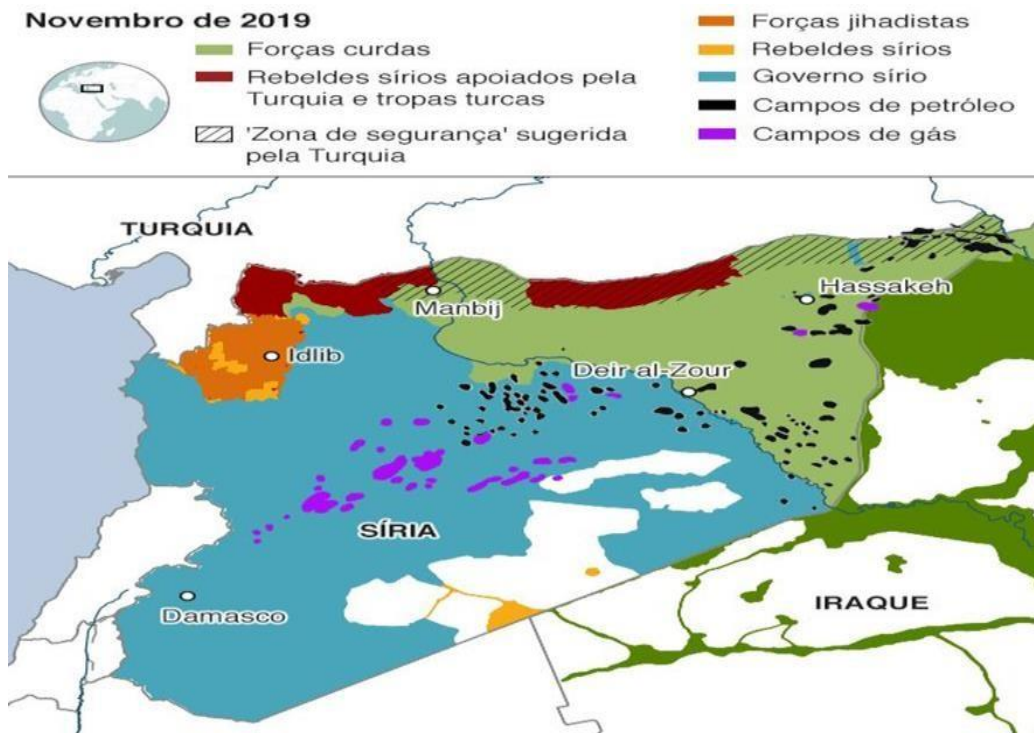
Na análise de predicação, observa-se que Trump afirma apreciar o que os curdos fizeram ao mesmo tempo em que diz que um líder curdo das Forças Democráticas da Síria, Mazloum Abdi, elogia a atuação dos Estados Unidos. Trump ainda sugere que talvez esteja na hora de os curdos irem para a região onde estão localizados os poços de petróleo.

Na análise de pressuposição, percebe-se que Trump utiliza de um curto discurso para introduzir uma questão que até então não havia sido citada, um deslocamento curdo para o leste da Síria, com o propósito de proteger os poços de petróleo.

⁵¹ Gostei muito da minha conversa com o General @MazloumAbdi. Ele aprecia o que fizemos e eu aprecio o que os curdos fizeram. Talvez seja a hora dos curdos começarem a ir para a região petrolífera!

Não fica claro se Trump estava se referindo a um deslocamento somente dos combatentes das Forças Democráticas da Síria, ou a um deslocamento de toda população curda do Norte para o Leste do país, uma região que pode ser vista no mapa abaixo. Se o presidente americano estiver se referindo a essa última possibilidade, poderia implicar em algumas alterações geopolíticas locais, como o afastamento dos curdos de uma área historicamente importante para eles, separando-os dos outros três regiões curdas da Turquia, do Irã e do Iraque. O que leva a questionamentos do tipo: isso poderia enfraquecer politicamente e financeiramente alguma dessas regiões curdas? Trata-se de uma forma de agradar a Turquia, por retirar seus antigos inimigos da fronteira? Esse deslocamento seria uma estratégia de formar uma comunidade na área de petróleo semelhante à Região Autônoma do Curdistão iraquiano, onde os Estados Unidos investem em infraestrutura e educação ao mesmo tempo em que mantêm seus aliados protegendo o petróleo? Uma justificativa dada a essa intenção de levar os curdos para proteger o petróleo seria a de proteger uma das principais fontes de recurso visada pelo Estado Islâmico, tornando-se uma prevenção a um possível ressurgimento deste.

Mapa 10: Poços de petróleo na Síria



Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50514276> Acesso em: 24 abr. 2019

Em outro tweet, no dia 25 de outubro de 2019, Trump escreve:

Figura 24: Twitter de Donald Trump de 25 de outubro de 2019. 9:32 AM⁵²



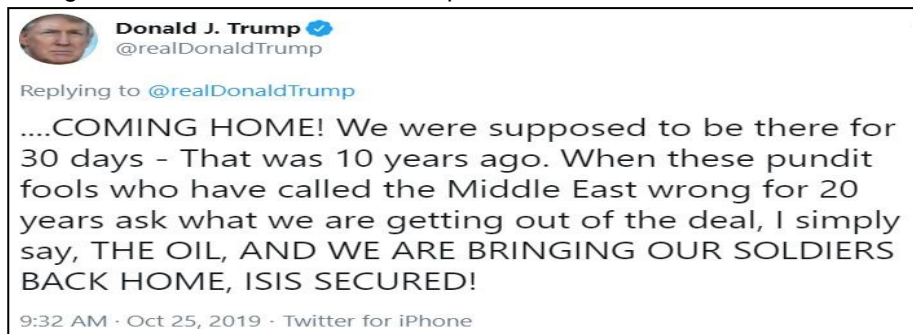
Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1187708410579603461>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 25: Twitter de Donald Trump de 25 de outubro de 2019, 9:32 AM⁵³



Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1187708411309375488>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 26: Twitter de Donald Trump de 25 de outubro de 2019, 9:32 AM⁵⁴



Fonte: Twitter. @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1187708412685107200>. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁵² A Turquia entende totalmente que não deve atirar nos curdos, pois eles deixam o que será conhecido como zona segura para irem para outras áreas relativamente próximas. Não preciso repetir que sanções em larga escala serão impostas por violações. Pois bem! Estado Islâmico mantidos pelos curdos com a Turquia pronta como reforço...

⁵³ Os EUA ganharam trilhões de dólares em riqueza desde novembro de 2016. Todos os outros estão abaixo. Nosso poder é econômico antes de ter que usar nossos militares recém-reconstruídos, uma alternativa muito melhor. O petróleo está protegido. Nossos soldados partiram e estão saindo da Síria para outros lugares e então...

⁵⁴ ...VOLTAM PARA CASA! Deveríamos estar lá por 30 dias - isso foi há 10 anos. Quando esses idiotas que criticam o Oriente Médio há 20 anos perguntam por que estamos saindo do acordo, eu simplesmente digo: o petróleo, e estamos trazendo nossos soldados de volta para casa, Estado Islâmico garantido!

Quadro 11: Pressuposição e predicação da fala de Donald Trump

<i>Turkey</i>	<i>Fully understands not to fire on the kurds / ready as backup</i>
<i>Kurds</i>	<i>Secure ISIS / leave the safe zone for other fairly nearby areas</i>
<i>US</i>	<i>Has gained trillions of Dollars in wealth</i>
<i>Trump</i>	<i>Imposes sanctions for violations / say the oil is saved/ soldiers back home and ISIS secured</i>
<i>We</i>	<i>Supposed to be for 30 days but was 10 years ago</i>
<i>ISIS</i>	<i>Secured by kurds</i>
<i>US power</i>	<i>Economic / a much better alternative</i>
<i>Oil</i>	<i>Secured</i>
<i>American Soldiers</i>	<i>Left/leaving Syria for other places/ come home</i>

Fonte: Autoria própria.

Na análise de predicados, Trump atribui aos curdos a segurança e manutenção do Estado Islâmico e a ação de deixar a área de zona segura, enquanto a Turquia entende que não deve atirar contra os curdos e está pronta para substituí-los na região. Trump pode impor sanções caso violações aconteçam, diz que o petróleo está salvo e que está trazendo os soldados de volta para casa. Os Estados Unidos ficariam 30 dias na região, mas ficaram 10 anos. O poder norte-americano é econômico, o que na opinião de Trump, é a melhor alternativa. O Estado Islâmico está mantido pelos curdos. O petróleo está seguro pelos Estados Unidos. E os soldados americanos estão saindo da Síria para outros locais e depois retornarão para casa.

Na análise de pressuposição, percebe-se que Trump novamente retoma uma postura que mostra uma superioridade ao colocar-se como quem pode impor sanções a outro país. Além de expressar claramente sua preocupação com o petróleo na região de conflito. Trump também demonstra que, para ele, os Estados Unidos ficaram mais tempo do que era previsto e que já fizeram o bastante na região.

Os curdos recebem a ação de manter os terroristas do Estado Islâmico nas prisões, ao mesmo tempo em que é afirmado o deslocamento dos curdos para outras regiões. Vale lembrar que os terroristas e seus familiares, incluindo crianças, estão espalhados por prisões na área denominada “zona segura” ou “zona de segurança” da qual os curdos estão sendo obrigados a se retirar. Aí surge a dúvida, a Turquia vai assumir essas prisões repletas de combatentes do Estado Islâmico em território sírio? Segundo o próprio discurso de Trump, sim.

Ele afirma ao dizer “*ISIS secured by Kurds with Turkey ready as backup*”, em que deixa claro que para ele a Turquia irá substituir os curdos nesta gestão. Não se sabe ao certo se a Turquia realmente adotará essa responsabilidade. A preocupação tanto curda quanto de outros países é que, naquela área, todos são considerados inimigos da Turquia, seja *jihadista*, curdo ou sírio. Por isso o receio da Turquia dominar a região e a sensação de desamparo por parte dos curdos com a saída das tropas americanas. Brett McGurk, ex-enviado presidencial dos Estados Unidos à coalizão internacional acredita que a Turquia não tem intenção, desejo ou capacidade de lidar com as prisões. Além das ameaças à segurança, também há preocupações humanitárias com os detidos (ESTADO... 2019).

Mapa 11: Ofensiva turca na Síria



Fonte: Isto é dinheiro. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/mais-de-100-mil-pessoas-fogem-de-bombardeios-turcos-no-norte-da-siria/> Acesso em: 04 de abril de 2020

4.3.1.2 França

Em uma entrevista concedida à imprensa no dia 5 de outubro de 2017, durante uma visita do Primeiro-ministro iraquiano, Haider al-Abadi, Macron diz o seguinte:

La France a toujours été extrêmement sensible et préoccupée par la situation des Kurdes, mais je l'ai rappelé avant comme après ce référendum. Nous

*voulons la stabilité de l'Irak, l'intégrité territoriale de l'Irak et un Etat fort en Irak. Il est donc indispensable que dans les prochaines semaines et les prochains mois, il puisse y avoir un dialogue respectueux de l'unité, de l'intégrité et de la souveraineté de l'Irak. Et nous plaidons afin que, dans le cadre de la Constitution, la reconnaissance des droits des Kurdes puisse se faire.*⁵⁵ (Macron, 2017b)

Quadro 12: Pressuposição e predicação da fala de Macron

<i>France / nous</i>	<i>A toujours été extrêmement sensible et préoccupé par la situation des kurdes (sempre foi extremamente sensível e preocupada com a situação dos curdos)/ Nous voulons la stabilité de l'Irak l'intégrité territoriale de l'Irak et un état fort en Irak Plaidons afin que, dans le cadre de la constitution, la reconnaissance des droits des kurdes puisse se faire.</i>
<i>Dialogue</i>	<i>respectueux de l'unité, de l'intégrité et de la souveraineté de l'Irak</i>
<i>Reconnaissance des kurdes</i> <i>droits des</i>	<i>Puisse se faire dans le cadre de la constitution de l'Irak</i>

Fonte: Autoria própria.

Na análise de predicação, é possível perceber as características que Macron atribui à França, de sempre estar preocupada e sensível com a situação dos curdos e desejar a estabilidade, integridade territorial e um Estado iraquiano forte. Ainda diz que a França apela para que os curdos tenham seus direitos reconhecidos dentro da constituição. Macron diz que um diálogo respeitoso pela unidade, integridade e soberania do Iraque é essencial.

Na análise de pressuposição, percebe-se que o presidente francês se referiu aos curdos do Iraque ao mencionar o referendo pela independência da Região Autônoma do Curdistão que ocorreu em 2017.

Macron usa o verbo “*Plaidons*”, que significa pedir, apelar, implorar, mostrando que a França se preocupa com o reconhecimento dos direitos dos curdos a ponto de se posicionar como um conciliador entre estes e Bagdá. Além de afirmar que deve haver um diálogo que respeite a unidade do Iraque. Percebe-se aqui que o presidente francês espera um equilíbrio entre os atores, sem se posicionar a favor de somente um dos lados.

⁵⁵ A França sempre foi extremamente sensível e preocupada com a situação dos curdos, mas eu reiterarei isso antes e depois deste referendo. Queremos a estabilidade, a integridade territorial e um Estado forte no Iraque. É, portanto, essencial que nas próximas semanas e meses possa haver um diálogo que respeite a unidade, a integridade e a soberania do Iraque. E apelamos para que, no âmbito da Constituição, o reconhecimento dos direitos dos curdos pode ser alcançado.

Diferente do anterior, o próximo discurso está relacionado com a situação dos curdos da Síria, em que Macron, durante uma reunião com chanceler alemã, Angela Merkel, concedeu uma entrevista à imprensa no dia 13 de outubro de 2019, dizendo:

L'offensive turque en Syrie, bien évidemment, est au cœur de nos préoccupations. Nous avons eu l'occasion l'un et l'autre, ces dernières heures, d'échanger avec le président Trump qui, avec le président Erdogan, est de pouvoir passer des messages clairs, notre volonté commune que cette offensive cesse. Notre conviction, je crois pouvoir le dire à l'un et l'autre, que cette offensive prend le risque, d'une part, et nous le constatons d'ores et déjà sur le terrain, de créer des situations humanitaires insoutenables et, d'autre part, d'aider Daesh à réémerger dans la région.⁵⁶

Quadro: 13: Pressuposição e predicação da fala de Macron

<i>Macron</i>	<i>croit pouvoir le dire à Trump et Erdogan sur les risques de l'offensive</i>
<i>Macron et Trump</i>	<i>ont un volonté commune que cette offensive cesse</i>
<i>Offensive turque en Syrie</i>	<i>est au cœur des préoccupations de la France / prend le risque, d'une part, de créer des situations humanitaires insoutenables et, d'autre part, d'aider Daesh à réémerger dans la région</i>

Fonte: Autoria própria.

O presidente francês começa afirmando que a ofensiva turca na Síria está no centro das preocupações do governo francês. Ele atribuiu a Trump a característica de conseguir trocar mensagens com o presidente turco Erdogan e enviar mensagens sobre a vontade comum de terminar com a ofensiva na Síria. Macron acredita que possa alertar aos outros dois presidentes que a ofensiva pode criar situações humanitárias insustentáveis, ao mesmo tempo em que pode ajudar o Estado Islâmico a ressurgir na região.

É possível perceber que Macron reconhece uma proximidade de Trump com Erdogan ao afirmar que o primeiro pode enviar mensagens claras sobre a preocupação da França e da Alemanha com a ofensiva liderada pelas tropas de Erdogan no norte da Síria. Demonstra o interesse em pôr fim ao conflito na região ao mesmo tempo em que alerta aos governos sobre o risco à situação humanitária e de um possível ressurgimento do Estado Islâmico. "Nossa vontade comum é que essa

⁵⁶ A ofensiva turca na Síria, é claro, está no centro de nossas preocupações. Nas últimas horas, tivemos a oportunidade de trocar pontos de vista com o Presidente Trump, que, com o Presidente Erdogan, pôde enviar mensagens claras sobre nossa vontade comum de que essa ofensiva termine. Nossa convicção, acredito que posso dizer aos dois, que essa ofensiva corre o risco, por um lado, e já a estamos vendo no terreno, de criar situações humanitárias insustentáveis e, por outro lado, de ajudar o *Daesh* a ressurgir na região.

ofensiva pare", disse Emmanuel Macron, referindo-se a "iniciativas a serem tomadas nas próximas horas e dias" no nível franco-alemão para conter as ambições turcas.

Segundo uma reportagem no 20 Minutes Monde (OFFENSIVE... 2019), a França está preocupada após a fuga de 800 parentes de *jihadistas* estrangeiros do Estado Islâmico de um campo para pessoas deslocadas no norte da Síria, perto dos combates entre forças curdas e pró-turcas e mais uma vez pede à Turquia que encerre sua intervenção o mais rápido possível contra os curdos, disse uma porta-voz do governo, que lembrou que o governo francês teve a oportunidade de trocar informações com Donald Trump para lembrá-lo de quais eram as preocupações francesas e a condenação unânime por parte União Europeia em relação a essa ofensiva unilateral em solo sírio. A França solicitou primeiro uma reunião do Conselho de Segurança na ONU, depois uma reunião dos membros da coalizão internacional.

4.3.1.3 Rússia

Em 14 abril 2016, o presidente russo, Vladimir Putin, falou durante uma entrevista:

Что же можно сказать? Надо говорить... Курды очень мужественный народ, если не сказать героический. И я знаю что я говорю. Курды воюют очень самоотверженно. Не жалея себя. Весьма эффективно. И это очень серьезная сила в борьбе с терроризмом на ближнем востоке и в частности в сирии. Как известно с ними активно с курдскими подразделениями активно работают соединенные штаты. Но и наши военнослужащие также находятся в контакте с вооруженными отрядами курдов в том числе и под алеппо где в настоящее время террористы джабхат ан-нусры и ДАИШ пытаются вытеснить их с занимаемых ими позиций. Мы это видим и будем их поддерживать.⁵⁷ (PUTIN, 2016a)

⁵⁷ O que pode ser dito? Eu devo dizer... Os curdos são um povo muito corajoso, se não heroico. E eu sei o que estou dizendo. Os curdos estão lutando muito obstinadamente. Não se poupando. Muito efetivo. E essa é uma força muito séria na luta contra o terrorismo no Oriente Médio e, em particular, na Síria. Como você sabe, os Estados Unidos trabalham ativamente com eles em unidades curdas. Mas nossos militares também estão em contato com unidades curdas armadas, inclusive em Aleppo, onde os terroristas *Jabhat Al-nusra* e *Daesh* estão atualmente tentando expulsá-los de suas posições. Vemos isso e os apoiaremos.

⁵⁸ Considerando que os textos obtidos estão no alfabeto cirílico, optou-se por apresentar os quadros de análise com a tradução em português, somente com a finalidade de facilitar a leitura.

Quadro 14: Pressuposição e predicação da fala de Putin⁵⁸

[Putin]	[Não se arrepende de ajudar os curdos]
[curdos]	[Pessoas orgulhosamente muito corajosas] [que busca algo heroicamente] [muito eficaz] [força muito importante na luta contra o terrorismo no Oriente Médio]
[Jabhat al-Nusra]	[tenta expulsar os curdos da ocupação]
[Estado Islâmico]	[tenta expulsar os curdos da ocupação]
[terrorismo]	[Está sendo combatido pelos curdos]
[nossos soldados – russos]	[Estão em contato com unidades curdas, inclusive em Aleppo]
[Estados Unidos]	[estão trabalhando ativamente com eles com unidades curdas]

Fonte: Autoria própria.

Para Putin, os curdos são corajosos e heroicos. Estão lutando obstinadamente sem se poupar e de maneira efetiva. Diz que os curdos formam uma força muito séria de combate ao terrorismo no Oriente Médio, principalmente na Síria. O presidente ainda confirma que os Estados Unidos estão trabalhando com as unidades curdas na região, e aproveita para reafirmar que os militares russos também estão ajudando os curdos, inclusive em Aleppo. Putin ainda diz que é nessa região que os terroristas da *Jabhat Al-nusra*, ou Frente *Al-nusra*, e do Estado Islâmico estão tentando expulsar os curdos. O presidente afirma que a Rússia vê o que acontece e que apoiará os curdos.

Nota-se uma certa semelhança entre os elogios de Putin e os elogios de Trump aos curdos. Os dois presidentes descrevem os curdos com uma ideia de heroísmo. Poderia representar uma cópia discursiva? Esse paralelo entre Washington e Moscou pode ser confirmado no trecho em que Putin afirma que os militares russos também estão em contato com os curdos. Observa-se também que ao citar a cidade de Aleppo, a região em que os curdos estavam sendo atacados fortemente pelos terroristas, Putin procura demonstrar e reiterar sua preocupação com os curdos.

No próximo discurso, em 23 de dezembro 2016, Putin refere-se ao referendo de independência dos curdos Iraquianos:

Всегда были очень добрые особые отношения с курдским народом курдского народа своя очень сложная судьба. Мы видим что происходит сейчас в регионе ближнего востока. Могу подтвердить и

констатировать что курдские боевые подразделения ведут себя в борьбе с терроризмом международным очень мужественно и воюет эффективно. Что касается вопросов связанных с суверенитетом независимостью тех или иных частей того или иного государства то исхожу из того что мы все будем действовать в рамках международного права и, в конечном, итоге права курдского народа законные права будут обеспечены. Но в каких формах и как это будет сделано это зависит от ирака и от самого курдского народа. Мы до сих пор были в контакте и остаемся в контакте и будем в контакте и с багдадом и с кремлем. Но вмешиваться во внутренние иракские процессы мы не собираемся.⁵⁹ (PUTIN, 2016b)

Quadro 15: Pressuposição e predicação da fala de Putin

[Nós]/ [Rússia]	[sempre tivemos relações muito gentis e especiais com os povos curdos] [Vemos o que está acontecendo na região do Oriente Médio] [Entrará em contato com Bagdá] [Não interferirá no processo interno do Iraque]
[destino dos curdos]	[muito difícil]
[Putin]	[confirma e afirma que as unidades de combate curdas são muito corajosas na luta contra o terrorismo internacional e estão lutando efetivamente pelo que diz respeito às questões relacionadas à soberania e à independência de certas partes do Estado] [procede da suposição de que todos agiremos dentro da estrutura do direito internacional e, em última instância, do direito do povo curdo]
[Curdos]	[são muito corajosos na luta contra o terrorismo internacional] [estão lutando efetivamente pelo que diz respeito às questões relacionadas à soberania e à independência de certas partes do Estado]
[os direitos do povo curdo]	[depende do Iraque e do povo curdo]

Fonte: Autoria própria

⁵⁹ Sempre houve relações especiais e muito gentis com o povo curdo. Vemos o que está acontecendo agora no Oriente Médio. Posso confirmar e afirmar que as unidades de combate curdas se comportam com muita coragem e lutam efetivamente contra o terrorismo internacional. No que diz respeito a questões relacionadas à soberania da independência de certas partes de um Estado, é do meu conhecimento que todos atuaremos de acordo com o direito internacional e, em última análise, que os direitos do povo curdo serão salvaguardados. Mas em que forma e como isso será feito, cabe ao Iraque e ao próprio povo curdo. Temos estado em contato e manteremos o contato entre Bagdá e o Kremlin. Mas não vamos interferir nos processos internos do Iraque.

Putin afirma que sempre houve relações especiais e gentis com os curdos e que a Rússia pode ver o que está acontecendo no Oriente Médio. Diz que é de seu conhecimento que todos atuarão sob o direito internacional e que, em última análise, os direitos do povo curdo serão salvaguardados. Elogia novamente os curdos pela coragem e ação efetiva no combate contra o terrorismo internacional. Putin diz que manterá contato com Bagdá sobre a questão do direito dos curdos, mas que não vai interferir nos processos internos do Iraque.

Putin usa elogios que carregam ideias semelhantes ao se referir aos curdos da Síria no discurso anterior e ao se referir aos curdos do Iraque neste discurso, mas no que tange à questão da independência, diz que não irá interferir no Iraque, ao mesmo tempo em que afirma que todos atuarão de acordo com o direito internacional e que os direitos dos curdos devem ser preservados. O presidente russo deixa a responsabilidade para o governo iraquiano e os curdos decidirem a situação da independência. Percebe-se aqui uma postura semelhante a do presidente francês, Emmanuel Macron, ao dizer que manterá contato com a capital iraquiana para acompanhar a questão, mas que isso deve ser visto pelo povo do próprio país e com base no direito internacional. Vale lembrar que a grande maioria, quase totalidade, dos curdos votaram pela independência, em uma região que já conquistou a autonomia.

4.3.1.4 Arábia Saudita

O príncipe da Arábia Saudita e ex-embaixador nos Estados Unidos, Turki Al-Faisal, concedeu uma entrevista para a CBS, em 25 de setembro de 2014, cuja reportagem começa contextualizando sobre o envolvimento dos Estados Unidos e da coalizão árabe na Síria. A jornalista afirma que os Estados árabes ajudaram no ataque aéreo, enquanto os Estados Unidos se concentraram diretamente em atacar o Estado Islâmico e observa que havia aviões sauditas lançando bombas sobre muçulmanos que diziam estar criando um Estado muçulmano. Al-Faisal dá a seguinte resposta:

You know, we don't consider Estado Islâmico as being a Muslim group because what they do to Islam... That's what they claim. And unfortunately, some people believe them, but their actions belie their words. You don't simply create an Islamic state by chopping people's heads off and enforcing your opinion on them.⁶⁰ (AL-FAISAL, 2014)

Quando a jornalista pergunta se ele espera que os Estados Unidos enviem

tropas terrestres, ele afirma: *“I think if the need for it arises, I hope the president will change his mind.”*⁶¹(AL-FAISAL, 2014)

Sobre a Arábia Saudita enviar tropas terrestres, a resposta foi a seguinte: *“Look, we sent in our own aircraft. I don’t see any reason why we shouldn’t send in ground troops.”*⁶²(AL-FAISAL, 2014)

A reportagem ainda menciona a afirmação do Irã sobre considerar ilegal a ação saudita e de outros países em território sírio. Diante disso, Al-Faisal diz:

*What about his troops being on the ground, killing Syrians? This is that you know, the irony. And if you like, the rather arrogant attitude that they give themselves, the license to send troops to kill Syrians. But then when we try to defend the Syrian people, this is that is illegal. That's unacceptable.*⁶³(AL-FAISAL, 2014)

Quadro 16: Pressuposição e predicação da fala de Al-Faisal

<i>ISIS</i>	<i>don't consider as being a Muslim group</i>
<i>ISIS action</i>	<i>believe their words</i>
<i>Islamic State</i>	<i>don't can simply create by chopping people's heads off and enforcing the opinion on them</i>
<i>Al-Faisal</i>	<i>hope the american president will change his mind about send troops if the need for it arises/ don't see any reason why Saudi Arabia shouldn't send in ground troops</i>
<i>Saudi Arabia /We</i>	<i>sent in our own aircraft/ try to defend the Syrian people</i>
<i>Iran</i>	<i>Kill syrians</i>
<i>Iran's statement about foreign actions in Syria</i>	<i>Irony/ arrogant attitude/ unacceptable</i>

Fonte: Autoria própria

⁶⁰ Você sabe, nós não consideramos o Estado Islâmico como um grupo muçulmano porque o que eles fazem com o Islã ... Isso é o que eles dizem. E, infelizmente, algumas pessoas acreditam neles, mas suas ações desmentem suas palavras. Você não cria simplesmente um Estado Islâmico cortando a cabeça das pessoas e impondo sua opinião sobre elas.

⁶¹ Acho que se houver necessidade, espero que o presidente mude de ideia.

⁶² Olha, nós enviamos nosso próprio avião. Não vejo nenhuma razão para não enviarmos tropas terrestres.

⁶³ E suas tropas estarem no chão, matando sírios? Isso é ironia. Uma atitude arrogante que eles assumem, a licença para enviar tropas para matar sírios. Mas quando tentamos defender o povo sírio, isso é ilegal. Isso é inaceitável.

Segundo o príncipe saudita, o Estado Islâmico não é considerado um grupo islâmico na Arábia Saudita por causa do que fazem e dizem. Ainda afirma que não se cria um Estado por meio da violência e da imposição de opiniões. Al-Faisal diz que se surgir a oportunidade de enviar tropas americanas para a Síria, ele espera que o presidente Trump mude de ideia de atacar pelo ar e de somente usar as forças curdas e passe a enviar suas próprias tropas. Esse pensamento, o príncipe estende também para as tropas sauditas, que em seu ver, pode ajudar por terra também, já que estão ajudando com aviões. Diante da afirmação iraniana de que a ação estrangeira na Síria é ilegal, Al-Faisal contra argumenta enfatizando que as tropas iranianas estão no território matando sírios, além de classificar a ação de arrogante e a acusação iraniana de irônica e inaceitável.

Pode-se perceber a rivalidade entre Arábia Saudita e Irã, que se estende até o território sírio, tornando-se uma prova de que a guerra na região também possui interesses entre atores estrangeiros.

Al-Faisal tenta mostrar uma Arábia Saudita com ideais mais modernos, com interesses que vão ao encontro das preocupações ocidentais, ao argumentar que o Estado Islâmico não é considerado um grupo muçulmano no país, ao criticar as ações radicais e violentas que cometem, e ao se posicionar a favor do envio de tropas americanas à Síria.

No dia 8 de junho de 2015, o ex-consultor do príncipe e embaixador saudita nos Estados Unidos, Anwar Eshki, revelou um plano para o futuro do Oriente Médio durante seu discurso em uma conferência intitulada "Desafios e oportunidades regionais: a visão da Arábia Saudita e Israel" no Conselho de Relações Exteriores em Washington. Tal plano dependeria do estabelecimento do Grande Curdistão em terras turcas, iranianas e iraquianas e da paz com Israel.

Segundo Eshki, após o colapso da União Soviética, os métodos de conflitos mudaram após a ideologia dos Estados se voltou para a economia. Desde então, foi decidido ampliar o Oriente Médio, incluindo Israel, Irã, Turquia e Paquistão. Com isso, Turquia despertou o sonho por uma glória otomana; Irã aumentou o desejo por derrubar Israel, restaurar uma ascensão persa no Iraque, Síria, Líbano e ter passagem para o mediterrâneo; e Israel ficou isolado por questão de segurança.

Diante disso, segundo Eshki, a Arábia Saudita está na fase de fazer ações positivas na região. Por isso busca construir alianças estratégicas para trazer paz ao Oriente Médio, como pode ser visto no trecho abaixo, em que menciona que, para se obter a paz, serão necessárias algumas condições, entre elas:

نشأ قوه عربيه بمباركه امريكه اوروبيه لحمايه الدول الخليجيه والعربيه والمحافظة على الاستقرار. سته السرعه في ارساء قواعد الديمقراطيه في ثوابه الاسلاميه في العالم العربي. العمل على ايجاد كردستان الكبرى بالطرق السلميه لان ذلك من شأنه ان يخفف من طموح الايرانيه والتركيه والعراقيه التي ستقطع السلف من كل دوله من هذه الدول لصالح كردستان وارجو التوفيق والسلام في الشرق الاوسط والسلام عليكم ورحمه الله وبركاته⁶⁴
(ESHKI, 2015)

Quadro 17: Pressuposição e predicação da fala de Eshki⁶⁵

[A criação de uma força árabe com a bênção de europeu-americano]	[proteger o Golfo e os Estados Árabes e preservar a estabilidade] [capaz de estabelecer as bases da democracia em seus ideais islâmicos no mundo árabe]
[O trabalho de estabelecer o Grande Curdistão por meios pacíficos]	[reduzirá as ambições do Irã, da Turquia e do Iraque] [irá cortar todos os antepassados dos seus países em favor do Curdistão] [esperança de reconciliação e paz no Médio Oriente]

Fonte: Autoria própria.

Eshki defende que para haver paz no Oriente Médio, é preciso que haja uma potência árabe, com a bênção da Europa e dos EUA, que seja capaz de proteger e preservar a estabilidade local e que seja capaz de levar as bases da democracia aos princípios do islamismo. O embaixador ainda argumenta que a existência de um Grande Curdistão poderia atrapalhar as ambições iraquianas, iranianas e turcas.

Percebe-se o posicionamento de Eshki em defesa de uma potência árabe na região, subentendendo-se que a Arábia Saudita está disposta a ocupar o cargo. Para reafirmar o preparo saudita, o embaixador demonstra uma preocupação com a instabilidade do Oriente Médio e afirma que as bases da democracia devem ser levadas aos princípios islâmico. Eshki ainda utiliza de uma afirmação inusitada até agora e vista com certa semelhança somente nos discursos dos próprios curdos, a ideia de um Grande Curdistão, ou seja, um Estado que abranja as partes habitadas pelos curdos no Iraque, Irã, Síria e Turquia, afirmando que formação desse Estado diminuiria a ambição na região.

Em uma entrevista para a CNBC no dia 13 de outubro de 2019, o príncipe da

⁶⁴ A criação de uma potência árabe com a bênção euro-americana para proteger o Golfo, os Estados Árabes e preservar a estabilidade. Que seja capaz de estabelecer as bases da democracia nos princípios islâmicos do mundo árabe. O trabalho de criar um Grande Curdistão por meios pacíficos reduzirá as ambições do Irã, da Turquia e do Iraque, que cortará os avanços de cada um desses países em benefício do Curdistão. Eu desejo a reconciliação e paz no Médio Oriente. Que a paz, a misericórdia e bênçãos de Deus estejam sobre vocês.

⁶⁵ Considerando que o texto está em árabe, optou-se por apresentar o quadro de análise com a tradução em português, apenas para facilitar a leitura deste trabalho.

Arábia Saudita, Turki Al-Faisal, fez uma retrospectiva para explicar a situação atual do Oriente Médio após o presidente dos Estados Unidos anunciar a retirada das tropas da Síria e deixar os curdos sírios sob ataque da Turquia. Al-Faisal começa lembrando a expansão soviética na África em 1977. Ele conta que o mapa estava obscuro, pois a Rússia estava interferindo nos assuntos árabes. Alguns anos depois, houve a invasão do Afeganistão, aproximando a Rússia das “águas mornas”.

Quando perguntado como ele via a tática expansionista da Rússia naqueles anos, ele afirma:

It was very concerning and very disturbing. Following from Watergate, as you know, in 1974 and the resignation of President Nixon, the United States went in to... how can I put it... in but particularly in an intelligence matter and in retreat. Congress posed all sorts of restrictions on intelligence activities by the United States. And as a country that liaised very strongly with the CIA that the curtailment of their activity was very negative for our interests.⁶⁶ (AL-FAISAL, 2019)

Sobre a possibilidade de a Arábia Saudita ter sido deixada no escuro naquele momento, Al-Faisal diz:

Well, not just us, but I think all of the allies of the United States were pretty much on wait mode to see what's going to happen with the United States. And it will that wait mode lasted until President Reagan came into office when he again reactivated all of the security and intelligence arrangements that had existed before.⁶⁷ (AL-FAISAL, 2019)

Quando perguntado sobre a ligação entre a dinâmica energética e as decisões geoestratégicas atuais, o príncipe saudita diz:

We're living in a time of much uncertainty and there is a lot of fog around. There is no clarity. A lot of contradictions and a lot of... How can I put it? A lot of negative and very disconcerting developments. If you take a situation in Syria, for example, we really don't know where the United States is. Is it in or out? And that's been the case since. Not just since Trump, but also since Obama. You remember the red lines of Mr. Obama? Nothing coming through on that. And subsequently Mr. Trump's contradictory statements about removal of American forces, etc. So that's just one example of where uncertainty's is playing out.⁶⁸ (AL-FAISAL, 2019)

⁶⁶ Foi muito preocupante e muito perturbador. Depois de Watergate, como você sabe, em 1974, e a renúncia do Presidente Nixon, os Estados Unidos entraram em...como posso colocar isso? Mas particularmente em matéria de inteligência e em retirada, o Congresso impôs todos os tipos de restrições em atividades de inteligência dos Estados Unidos. E, como um país que se vinculou fortemente à CIA, o corte de suas atividades foi muito negativo para nossos interesses.

⁶⁷ Bem, não apenas nós, mas acho que todos os aliados dos Estados Unidos estavam praticamente no modo de espera para ver o que ia acontecer com os Estados Unidos. E esse modo de espera durou até o presidente Reagan assumir o cargo, quando reativou novamente todos os acordos de segurança e inteligência que existiam antes.

⁶⁸ Vivemos um tempo de muita incerteza e há muita neblina ao redor. Não há clareza. Muitas contradições e muitos... Como posso colocar? Muitos desenvolvimentos negativos e muito desconcertantes. Se você toma a situação na Síria, por exemplo, realmente não sabemos onde estão os Estados Unidos. Estão dentro ou fora? E esse tem sido o caso desde então. Não apenas desde Trump, mas também desde Obama. Você se lembra das linhas vermelhas do Sr. Obama. Nada acontecendo nisso. E subsequentemente as declarações contraditórias de Trump sobre a remoção das forças americanas etc. Então esse é apenas um exemplo de onde a incerteza está se desenrolando.

Foi perguntado a Al-Faisal sobre quem é o culpado pela situação atual na região, se é o fracasso da política norte-americana ou algo a mais, e ele diz: *“I think it's more of an international lack of will to do the right thing. And so, for me, it is a very, very disappointing and very disheartening development with Europe particularly, but also a little bit with the United States.”*⁶⁹ (AL-FAISAL, 2019) Quando perguntado se ele acredita que a Rússia pode preencher o vácuo que os Estados Unidos deixaram na região. E a resposta do príncipe foi: *“I don't think so. In terms of a vacuum, that America is still not out of the equation.”*⁷⁰ (AL-FAISAL, 2019)

Sobre a situação dos curdos na Síria sob ataque da Turquia, foi perguntado se ele se surpreende pelos Estados Unidos apoiarem a Arábia Saudita na proteção de suas instalações de petróleo, ao mesmo tempo que abandonam os aliados de longa data na Síria. Al-Faisal responde:

*It's always been about energy, hasn't it? Since 1945, when Mr. Roosevelt met with the late King Abdulaziz and in spite of what has been publicly declared the American independence from foreign oil, the oil market binds the world together. And what happens in Saudi Arabia does not stay in Saudi Arabia. It has somehow managed to affect other countries. So, I'm not surprised that the US would be interested in engaging with the kingdom on the on defending oil industry. It is surprising that America would abandon her allies in Syria. That is something for Mr. Trump to decide.*⁷¹ (AL-FAISAL, 2019)

Em relação ao abandono dos curdos, Faisal ainda complementa:

*Very concerning, of course. And having worked with those people to meet the challenge of what I called “fahish”, which means obscene in Arabic describing Daesh, worked with them for four years since and succeeded in meeting that challenge. To all of a sudden, you know, fold up their tents and silently fade away.*⁷² (AL-FAISAL, 2019)

Sobre a possibilidade de os Russos ajudarem nos conflitos regionais, o príncipe comenta:

*I hope so. I hope Mr. Putin is aware of the risks and the negative impact of Iran's activities in the area, as well as the missile or other grounds, regional ambitions. He's been a strange character that has developed hegemonic inclinations. And so if Mr. Putin can do something about that, it will be very helpful.*⁷³ (AL-FAISAL, 2019)

⁶⁹ Eu acho que é mais uma falta de vontade internacional de fazer a coisa certa. E então, para mim, é um desenvolvimento muito, muito decepcionante e muito desanimador com a Europa em particular, mas também um pouco com os Estados Unidos.

⁷⁰ Acho que não. Em termos de vácuo, os EUA ainda não estão fora da equação.

⁷¹ Sempre foi sobre energia, não é? Desde 1945, quando Roosevelt se encontrou com o falecido rei Abdulaziz e, apesar do que foi declarado publicamente sobre a independência americana do petróleo estrangeiro, o mercado de petróleo une o mundo. E o que acontece na Arábia Saudita não fica na Arábia Saudita. De alguma forma, conseguiu afetar outros países. Portanto, não estou surpreso que os EUA estejam interessados em se envolver com o reino na defesa da indústria petrolífera. É surpreendente que os EUA abandonem seus aliados na Síria. Isso é algo para o Sr. Trump decidir.

⁷² Muito preocupante, é claro. Vinham trabalhado com essas pessoas para enfrentar o desafio do que chamei de “fahish”, que significa “obsceno” em árabe e que uso para me referir ao Daesh. Trabalharam com eles por quatro anos e conseguiram enfrentar esse desafio. De repente, você sabe, dobra suas barracas e desaparece silenciosamente.

⁷³ Acredito que sim. Espero que o Sr. Putin esteja ciente dos riscos e do impacto negativo das atividades

Foi perguntado qual seria a maior preocupação que o príncipe tem hoje, se seria o ressurgimento do Estado Islâmico, a fuga dos combatentes das prisões curdas na Síria, ou as novas alianças na região. A resposta foi:

I don't think we can give a priority over or one danger over another. Terrorism has always been a danger. If it's not Daesh, it's it could be the son of Daesh or the grandson of Daesh. That is something that has to be dealt with on a worldwide basis and not just by Saudi Arabia. That's one danger, of course. But for me, the lack of clarity of the positions of powers like the United States and Europe adds to the to the concern and the and the wariness that I feel around the situation.⁷⁴ (AL-FAISAL, 2019)

Quadro 18: Pressuposição e predicação da fala de Al-Faisal

<i>Expansionist tactics of Russia in 1977</i>	<i>Was very concerning and very disturbing</i>
<i>Allies of the United States during the Soviet expansion</i>	<i>Were pretty much on wait mode to see what's going to happen with the United States</i>
<i>U.S. in Syria</i>	<i>Don't know where they are /inside or outside/ Not just since Trump, but also since Obama</i>
<i>Trump's statements on the removal of American forces</i>	<i>Contradictory</i>
<i>Current geostrategic decisions</i>	<i>A time of great uncertainty and there's a lot of fog around/ There is no clarity</i>
<i>The blame for the current situation in the region</i>	<i>Is more of an international lack of will to do the right thing</i>
<i>Development with Europe and the United States</i>	<i>Is very disappointing and discouraging</i>
<i>Vacuum of the United States in the region</i>	<i>It should not be filled by Russia, as America is still not out of the equation</i>
<i>U.S. support for Saudi Arabia to protect the oil</i>	<i>Is always been about energy</i>
<i>The oil market</i>	<i>Binds the world</i>
<i>Al-Faisal</i>	<i>Is not surprised that the U.S. is interested in engaging with the kingdom in defending the oil industry/ it's surprising that the U.S. abandons its allies in Syria [Kurds]/ believes that Putin can help in regional conflicts/ Expects mr. Putin to be aware of the risks and negative impact of Iran's activities in the area/ the lack of clarity of the positions of powers like the United States and Europe adds to the to the concern and the and the wariness that he feels around the situation</i>

do Irã na área, bem como dos mísseis ou outros motivos, ambições regionais. Ele tem sido um personagem estranho que desenvolveu inclinações hegemônicas. E se Putin puder fazer algo a respeito, será muito útil.

⁷⁴ Não acho que possamos dar prioridade a um perigo ou outro. O terrorismo sempre foi um perigo. O perigo existe. Se não é o *Daesh*, pode ser o filho de *Daesh* ou o neto de *Daesh*. Isso é algo que deve ser tratado mundialmente e não apenas pela Arábia Saudita. Mas, para mim, a falta de clareza das posições de potências como os Estados Unidos e a Europa aumenta a preocupação e a cautela que sinto em relação à situação.

<i>Russia</i>	<i>will be very useful if you can do something about Iranian activities in the region</i>
<i>U. S.</i>	<i>Abandons its Kurdish allies in Syria, helps Saudi Arabia defend oil wells/ They had been working with these people[Kurds] for four years to meet the challenge[ESTADO ISLÂMICO]/ Suddenly folds his tents and disappears silently</i>
<i>Abandonment of the Kurds by the US</i>	<i>Very concerning</i>
<i>Iran</i>	<i>Strange character who developed hegemonic activities/ their activities can have negative impacts on the area, such as missiles, regional ambitions and others.</i>
<i>Terrorism</i>	<i>You've always been a danger/ If it's not Daesh, it could be Daesh's son or Daesh's grandson/ That's something that should be treated worldwide and not just by Saudi Arabia</i>

Fonte: Autoria própria.

Nessa entrevista, o príncipe faz uma narrativa diferente das anteriores, quando recapitula a época da expansão russa na África com o objetivo de comparar e exemplificar algumas ações que estão eclodindo no Oriente Médio atualmente. Segundo Faisal, a expansão russa foi preocupante e a postura do Estados Unidos diante daquela situação foi de retirada, deixando seus aliados em modo de espera.

Faisal caracteriza o momento atual como incerto e nebuloso, com muitas contradições, desenvolvimentos negativos e desconcertantes. Quando especifica a situação da Síria, o príncipe diz não saber onde os Estados Unidos estão, referindo-se ao posicionamento americano diante dos muitos atores no conflito. Posicionamento que se estende desde Obama, somando-se às declarações de Trump sobre a remoção das tropas americanas. Faisal classifica esse posicionamento como contraditório.

Sobre a aproximação da Rússia, Faisal diz esperar que Putin possa fazer algo a respeito das ambições iranianas na região, alegando que o Irã apresenta risco e impactos negativos. O Irã, em suas palavras, é um personagem estranho que desenvolveu inclinações hegemônicas.

O príncipe saudita diz que a situação atual de conflito na região é mais por causa da falta de vontade internacional de fazer o que é certo, afirmando sua decepção com a Europa e em parte com os Estados Unidos. Contudo, afirma que não há um vácuo de poder deixado pelos americanos que possa ser preenchido pelos russos, pois os Estados Unidos ainda não estão fora da equação, mesmo tendo dobrado suas barracas e desaparecendo silenciosamente, segundo as palavras de Faisal, referindo-se ao abandono dos curdos depois de cinco anos de luta.

Para Faisal, não é surpresa a aproximação americana nos assuntos relativos ao petróleo saudita, mas é surpreendente a ação de abandonar os curdos. O que é preocupante segundo o príncipe, pois o terrorismo continua sendo um perigo existente, se não for o próprio Estado Islâmico, pode ser o filho ou o neto do Estado Islâmico. Faisal termina dizendo que a falta de clareza sobre o posicionamento das potências europeias e dos Estados Unidos é preocupante.

Percebe-se a preocupação de Faisal com os interesses que cercam a maiorias dos atores envolvidos, sejam europeus, americanos, russos ou iranianos, pois, diante de um perigo como o terrorismo, os jogos de interesse podem ter graves consequências. Faisal, apesar de demonstrar não confiar nesses atores, termina concluindo que eles poderiam resolver o conflito no Oriente Médio.

4.3.1.5 Turquia.

Em uma entrevista à DW, em outubro de 2019, o porta-voz da presidência turca, Ibrahim Kalin, comentou sobre a situação na fronteira entre Síria e Turquia depois que os EUA anunciaram que iriam deixar a região. Sobre o questionamento a respeito dos relatos de que houve algumas violações no cessar-fogo, Ibrahim Kalin respondeu:

We've reached this agreement with the Americans three days ago. The first phase was a pause in the operation, and the second one will be halting of the operation when YPG terrorists completely withdraw from the area. Unfortunately, as of this morning there have been about 20 violations by YPG. They use snipers, rockets, attacking our soldiers as well as other groups there. We lost one soldier unfortunately in this incident. We are committed and

sticking to the agreement. In fact, yesterday we identified the two routes to use and about 86 vehicles and ambulances went in, took these YPG people and left without any incidents. We are hoping that things will remain calm until tomorrow when the deadline is over, and they have completely left the area by tomorrow evening. Then we can hold the operation as agreed in the joint declaration and agreement that we have had with the Americans.⁷⁵ (KALIN, 2019)

Quando interrogado se haveria alguma chance de prorrogarem o cessar-fogo e se não haveria mais hostilidades, o porta-voz diz o seguinte:

No; we said five days, 120 hours. If this part of the mission is completed by tomorrow and we make sure that all YPG terrorists have left the area, then we will hold the operation. There won't be... any need for further military action but our military will make sure that these areas are safe for civilians. We had two main goals with this operation. One was to clear it from terrorists. The second one is to enable the refugees to go back to their homes. So, we want to create conditions suitable for them to go back to towns that they've come from. We work with the UN principle, the return of the refugees voluntarily, safely and in a dignified manner. We will never force anybody to go anywhere they don't want to go. ⁷⁶ (KALIN, 2019)

Quando mencionado que o ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Heiko Maas, falou que a ação se tratava de uma invasão e uma violação aos direitos internacional. A resposta do porta-voz foi a seguinte:

To the contrary, the presence of our soldiers there is a guarantee, a safety for first moving the political process forward in Syria, secondly for the protection of Syrian refugees and internally displaced people. We have military presence in the Idlib area, we have 12 military posts. It is thanks to our soldiers in Idlib that we didn't have another humanitarian crisis and migration wave from Idlib. Remember, about 3 million people are squeezed in that part of Syria and if we had let the regime attack these places and take over the Idlib area, we would have had maybe a million or 2 million more refugees coming to Turkey because they have no other place to go. Our European friends should be thankful to our soldiers for doing this very dangerous but important work. Now, with Americans saying that they're leaving northeast Syria we have a new situation in the northeastern part of Syria. This is what our president will discuss with President Putin tomorrow. We want to create this safe zone from the Euphrates River to the Iraqi border. That's about 444 kilometers

⁷⁵ Chegamos a esse acordo com os americanos há três dias. A primeira fase foi uma pausa na operação e a segunda será interrompida quando os terroristas da YPG se retirarem completamente da área. Infelizmente, a partir desta manhã, houve cerca de 20 violações pelo YPG. Eles usam franco-atiradores, foguetes, atacando nossos soldados e outros grupos. Infelizmente, perdemos um soldado neste incidente. Estamos comprometidos e aderimos ao acordo. De fato, ontem identificamos as duas rotas de uso e cerca de 86 veículos e ambulâncias entraram, pegaram essas pessoas do YPG e saíram sem nenhum incidente. Esperamos que as coisas continuem calmas até amanhã, quando o prazo terminar, e que eles tenham deixado completamente a área amanhã à noite. Então, podemos realizar a operação conforme acordado na declaração e no acordo conjunto que tivemos com os americanos.

⁷⁶ Não; dissemos cinco dias, 120 horas. Se esta parte da missão for concluída amanhã e tivermos certeza de que todos os terroristas da YPG deixaram a área, realizaremos a operação. Não haverá ... nenhuma necessidade de ação militar adicional, mas nossos militares garantirão que essas áreas sejam seguras para os civis. Tínhamos dois objetivos principais nessa operação. Um era limpá-lo dos terroristas. O segundo é permitir que os refugiados voltem para suas casas. Então, queremos criar condições adequadas para que eles voltem às cidades de onde vieram. Trabalhamos com o princípio da ONU, o retorno dos refugiados de forma voluntária, segura e digna. Nunca forcemos ninguém a ir a qualquer lugar que não queira.

approximately 171 miles. And we want to clear this area from all ISIS, PYD/YPG terrorists and other elements that may intimidate the refugees. This is not only Turkey's responsibility; obviously, this is the responsibility of the international community. So that's why we are working with the Americans. We want to work with the Europeans. We are working with the Russians to make sure that this area becomes a safe zone for the Syrian refugees. When the Syrian crisis began, our president called for a no-fly zone in the north of Syria because he knew that if the regime is not stopped, it will kill its own people. And that's exactly what happened. If he had this safe zone before, we will have saved many lives and probably we wouldn't face this refugee crisis. So, we will discuss this with them, how we can create this area for the refugees and clear that area from YPG. We will not accept changing the American flag with the Russian flag and YPG still functioning in those areas, intimidating people and posing a threat to our national security.⁷⁷ (KALIN, 2019)

Quadro 19: Pressuposição e predicação da fala de Kalin

YPG	<i>Terrorists/ should leave the area during the second phase of the operation/committed 20 violations/use sniper rockets, attacking Turkish soldiers and other groups/intimidates people and threatens national security</i>
	<i>Committed to the agreement/lost a soldier during Kurdish attack/expects the Kurds to withdraw by the deadline/ wants to create conditions for refugees to return to their cities on a voluntary basis/work with the UN to secure a safe return of refugees/will never force anyone to go anywhere they don't want/ has 12 military posts/ wants to</i>

⁷⁷ Pelo contrário, a presença de nossos soldados é uma garantia, uma segurança para avançar o processo político na Síria, em segundo lugar para a proteção de refugiados sírios e pessoas deslocadas internamente. Temos presença militar na área de Idlib, temos 12 postos militares. É graças a nossos soldados em Idlib que não tivemos outra crise humanitária e onda de migração de Idlib. Lembre-se, cerca de três milhões de pessoas estão espremidas naquela parte da Síria e se tivéssemos deixado o regime atacar esses lugares e tomar a área de Idlib, teríamos talvez um milhão ou dois milhões de refugiados a mais na Turquia porque não têm outros lugares para ir. Os nossos amigos europeus devem agradecer aos nossos soldados por fazerem esse trabalho muito perigoso, mas importante. Agora, com os americanos dizendo que estão saindo do nordeste da Síria, temos uma nova situação no nordeste da Síria. É isso que nosso presidente discutirá com o presidente Putin amanhã. Queremos criar essa zona segura do rio Eufrates até a fronteira com o Iraque. São cerca de 444 quilômetros, aproximadamente 171 milhas. E queremos limpar esta área de todos os terroristas do ISIS, PYD, YPG e outros elementos que podem intimidar os refugiados. Isso não é apenas responsabilidade da Turquia; obviamente, essa é a responsabilidade da comunidade internacional. É por isso que estamos trabalhando com os americanos. Queremos trabalhar com os europeus. Estamos trabalhando com os russos para garantir que essa área se torne uma zona segura para os refugiados sírios. Quando a crise síria começou, nosso presidente pediu uma zona de exclusão aérea no norte da Síria porque sabia que, se o regime não fosse interrompido, mataria seu próprio povo. E foi exatamente o que aconteceu. Se ele já tivesse essa zona segura antes, teríamos salvado muitas vidas e provavelmente não enfrentaríamos essa crise de refugiados. Então, discutiremos isso com eles, como podemos criar essa área para os refugiados e limpar essa área do YPG. Não aceitaremos mudar a bandeira americana pela bandeira russa e nem o YPG ainda funcionando nessas áreas, intimidando as pessoas e ameaçando nossa segurança nacional.

<i>Turkey</i>	<i>clear this area of all ISIS terrorists, PYD - YPG/ That's why we're working with americans/ Want to work with Europeans/ Andhe's working with the Russians to make sure this area becomes a safe zone for Syrian refugees./ Erdogan called for a no-fly zone in northern Syria because he knew the regime [Syrian] would kill its own people/ We will not accept to change the American flag by the Russian flag</i>
<i>Safe zone</i>	<i>If it existed before, it would have saved many lives/ there probably wouldn't be this refugee crisis</i>
<i>Agreement between Turkey and the US</i>	<i>Five-day ceasefire/120 hours</i>
<i>Turkish Operation</i>	<i>It will continue if they are certain that all YPG terrorists have left the area/ clear the area of terrorists/ allow refugees to return to their homes</i>
<i>Presence of Turkish soldiers in Syria</i>	<i>It's a guarantee/security to advance the political process in Syria/protection for Syrian refugees and internally displaced persons</i>
<i>Idlib</i>	<i>About three million people are squeezed in that part of Syria/ if Turkey had let the regime [Syrian] attack, would have maybe a million or 2 million more refugees in Turkey because they have no other places to go</i>
<i>Our European friends</i>	<i>Should thank the Turkish soldiers for doing this very dangerous but important work</i>
<i>Erdogan e Putin</i>	<i>Discuss the U.S. withdrawal from northeastern Syria/ want to create this safe zone from the Euphrates River to the border with Iraq/ about 444 kilometers, approximately 171 miles</i>
<i>Clear this area of all terrorists</i>	<i>This is not just Turkey's responsibility/that's the responsibility of the international community</i>

Fonte: Autoria própria

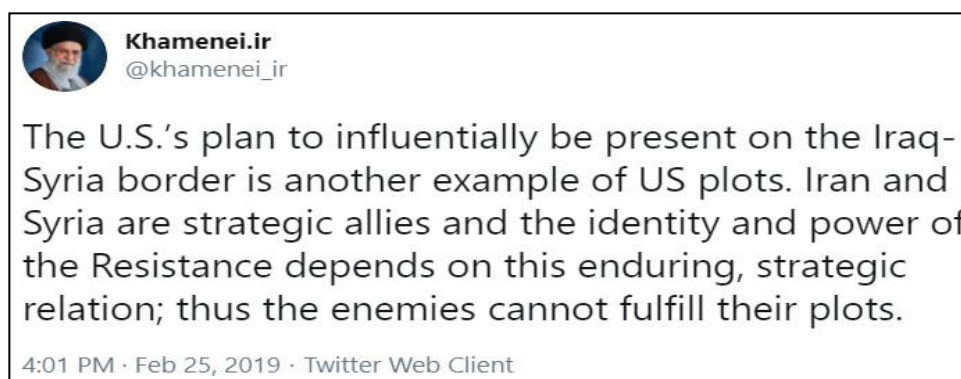
Ibrahim Kalin chama o YPG de terrorista e afirma que violaram 20 vezes o acordo de trégua e atacaram soldados turcos. Os turcos estão comprometidos com o acordo. O porta-voz afirma que manterão o prazo de 5 dias, sem possibilidade de prorrogação. Afirma que não haverá nenhuma ação militar adicional, mas que os militares garantirão uma área segura para os civis, afastando os terroristas. Permitirão o regresso voluntário dos refugiados para as suas casas, segundo os princípios da

ONU. Temos presença militar em 12 postos em Idlib. O porta-voz diz que graças aos esforços turcos não houve outra crise humanitária e outra onda de migração. Cita que existem três milhões de pessoas nessa área e que se o regime de Assad tivesse atacado, seriam muito mais. O porta-voz refere-se aos europeus como aliados, que devem agradecer o trabalho perigoso que a Turquia fez. Que discutirá com Putin a nova situação no nordeste da Síria, após a saída americana. Querem criar uma zona segura do rio Eufrates até a fronteira com o Iraque. Kalin diz que a Turquia quer limpar a área de terroristas, colocando o ISIS, YPG e o PYD como igualmente terroristas. Afirma que a segurança também é de responsabilidade da comunidade internacional. O porta-voz ainda afirma que a Turquia pediu uma zona de exclusão no início do conflito, pois sabia que Assad mataria seu próprio povo, e foi o que aconteceu. Diz que a Turquia não aceitará mudar a bandeira americana pela bandeira russa e nem que o YPG continue funcionando na região.

4.3.1.6 Irã

O aiatolá Khamenei também utiliza o *Twitter* como meio de comunicação. Abaixo segue uma compilação de alguns posicionamentos do aiatolá em diferentes dias. *Twitter* do dia 25 de fevereiro de 2019:

Figura 27: *Twitter* de Khamenei do dia 25 de fevereiro de 2019, 4:01 PM⁷⁸



Fonte: *Twitter*. @khamenei_ir. Disponível em: https://twitter.com/khamenei_ir/status/1100108516528930818. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁷⁸ O plano dos EUA de estar presente de forma influente na fronteira Iraque-Síria é outro exemplo de conspirações norte-americanas. O Irã e a Síria são aliados estratégicos e a identidade e o poder da Resistência dependem dessa relação estratégica duradoura; assim, os inimigos não podem cumprir suas conspirações.

Figura 28: Twitter de Khamenei do dia 25 de fevereiro de 2019, 4:01 PM⁷⁹

Fonte: Twitter: @khamenei_ir. Disponível em: https://twitter.com/khamenei_ir/status/1100108515102916609 Acesso em: 14 fev. 2020.

Quadro 20: Pressuposição e predicação da fala de Khamenei

The U.S's plan	To be influentially present on the Iraq-Syria border
The U.S's plan to influentially be present on the Iraq-Syria border	Is another example of US plots.
Iran and Syria	Are strategic allies
Identity and power of the Resistance	Depends on enduring, strategic relation between Iran and Syria
The victory of Resistance in Syria	Enraged US/ made the US plot a new conspiracy
The Issue of creating a buffer zone in Syria	Is among the dangerous conspiracies/should be firmly rejected and resisted

Fonte: Autoria própria.

Khamenei classifica o posicionamento americano no norte da Síria como um exemplo de conspiração e que o Irã é aliado estratégico da Síria, dizendo que os inimigos não podem cumprir suas conspirações.

A Resistência depende da relação estratégica e isso enfureceu os Estados Unidos e os levou a tramar uma nova conspiração. A respeito da zona tampão, Khamenei diz que é uma conspiração perigosa que deve ser rejeitada e impedida.

Percebe-se que o aiatolá vê a presença americana como ruim na região e se coloca claramente a favor do governo sírio, reafirmando que as relações estratégicas são necessárias para impedir que os planos dos inimigos se concretizem, segundo o pensamento de Khamenei.

⁷⁹ A vitória da resistência na Síria enfureceu os EUA e os fez tramar uma nova conspiração. A questão da criação de uma zona-tampão na Síria, conforme perseguida pelos americanos, está entre as conspirações perigosas que devem ser firmemente rejeitadas e impedidas.

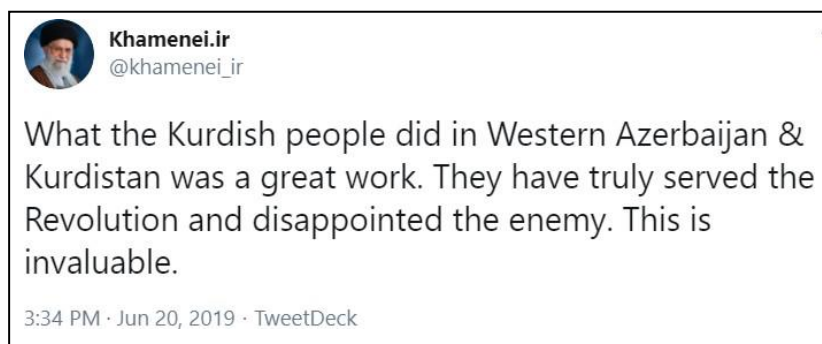
No Twitter do dia 20 de junho de 2019, Khamenei escreveu:

Figura 29: Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM⁸⁰



Fonte: Twitter. @khamenei_ir. Disponível em: https://twitter.com/khamenei_ir/status/1141776233451200520. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 30: Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM⁸¹



Fonte: Twitter. @khamenei_ir. Disponível em: https://twitter.com/khamenei_ir/status/1141776240057208832. Acesso em: 14 fev. 2020.

Figura 31: Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM⁸²

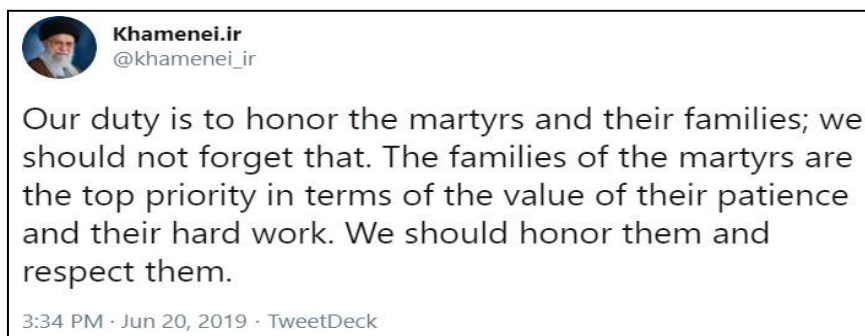


Fonte: Twitter: @khamenei_ir. Disponível em: https://twitter.com/khamenei_ir/status/1141776244087898112. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁸⁰ Nosso país está entre países únicos em termos de diversidade étnica. Diferentes grupos étnicos vivem sob o nome do grande Irã, constituindo a nação iraniana. Os inimigos desejavam abusar da diversidade para semear conflitos sectários - entre grupos étnicos e entre xiitas e sunitas - no Irã.

⁸¹ O que o povo curdo fez no Azerbaijão Ocidental e no Curdistão foi um ótimo trabalho. Eles realmente serviram a Revolução e decepcionaram o inimigo. Isso é inestimável.

⁸² Havia uma família no Curdistão cujos 6 filhos lutaram contra inimigos e foram martirizados. Isso é incomparável. Uma família sacrificou seus 6 filhos por causa de Deus. Eles foram martirizados durante manifestações, enquanto combatiam os agentes antirrevolucionários ou durante a guerra imposta.

Figura 32: Twitter de Khamenei do dia 20 de junho de 2019, 3:34 PM⁸³

Fonte: Twitter. @khamenei_ir. Disponível em:
https://twitter.com/khamenei_ir/status/1141776246319255552. Acesso em: 14 fev. 2020.

Quadro 21: Pressuposição e predicação da fala de Khamenei

<i>Iran/Our country</i>	<i>Is among unique countries in terms of ethnic diversity</i>
<i>Different ethnic groups</i>	<i>live under the name of the great Iran, constituting the Iranian nation</i>
<i>Enemies</i>	<i>Wished to abuse the diversity to sow sectarian conflicts among ethnic groups and Shias and Sunnis in Iran</i>
<i>What the Kurdish people did in Western Azerbaijan and Kurdistan</i>	<i>was a great work/ have truly served the Revolution and disappointed the enemy/ is invaluable</i>
<i>6 children from a family in Kurdistan</i>	<i>fought enemies/were martyred/sacrificed for the sake of God/ martyred during demonstrations/ while fighting the anti-revolutionary agents or during the imposed war.</i>
<i>The martyred of 6 children</i>	<i>is matchless</i>
<i>The martyrs and their families</i>	<i>must be honor/ should not be forget</i>
<i>The families of the martyrs</i>	<i>Are the top priority in terms of the value of their patience and their hard work/ must be honored and respected</i>

Fonte: Autoria própria.

⁸³ Nosso dever é honrar os mártires e suas famílias; não devemos esquecer isso. As famílias dos mártires são a principal prioridade por sua paciência e trabalho duro. Devemos honrá-los e respeitá-los.

Khamenei inicia falando sobre a diversidade étnica que o Irã possui, alegando que vários grupos vivem sob o grande Irã e constitui a nação iraniana e que isso favorece o desejo dos inimigos de semear conflitos sectários entre os grupos variados, como os xiitas e sunitas.

Em relação aos curdos, Khamenei elogia a atuação desse povo no Azerbaijão e no Curdistão na luta contra os inimigos, o que, segundo a opinião do aiatolá, é inestimável. Khamenei ainda relembra a história de uma família curda que teve seus seis filhos martirizados ao lutarem contra agentes antirrevolucionários ou durante a guerra imposta. Segundo o aiatolá, os mártires e suas famílias devem ser honrados.

Observa-se que, diferente dos discursos anteriores, há uma preocupação em lembrar das famílias dos curdos mortos durante o conflito. Segundo o discurso do aiatolá, as lutas contra agentes antirrevolucionários ou durante uma guerra imposta se assemelha a morrer por Deus, dando assim uma concepção de nobreza às ações curdas. Com o uso dos adjetivos “*invaluable*” e “*matchless*”, Khamenei tenta mostrar uma admiração com os ideais curdos.

4.3.1.7 Iraque

Em uma conversa com o presidente iraquiano, Barham Salih, no 27 de setembro de 2019, questões sobre o compartilhamento dos lucros advindos do petróleo são esclarecidas. Esse assunto será trazido brevemente para a análise deste trabalho, pois a situação da Região Autônoma do Curdistão pode servir de exemplo para os outros países com habitantes curdos, sendo necessário entender como a situação de partilha de lucros pode ser trabalhada. Segundo o presidente, que é um curdo, essa é uma questão sensível e que precisa ser discutida. Em suas palavras:

I was in Irbil last week and had extensive conversations with all the Kurdish leaders, the prime minister, the president, and Mr. Masoud Barzani, and other Kurdish political leaders. And obviously a major issue how before us is the budget law. We have a conversation going on. Whether we will have yet another interim arrangement for a budget law for 2020, or to really look at a strategic solution for the issue of oil and revenues between Irbil and Baghdad. I cannot underestimate the challenge. But I think if it can be done, this is the time to do it, because you can never have the constellation of leaders who understand the problem and who have a willingness to solve it. And I very much hope we do that. That is a moment. We need to seize it. That will be good for Iraq. That will be good for Kurdistan. And we hopefully move beyond this yearly battle about what is the budget allocation. And it is not—and he and

*I have worked on this on so many times, and people are tired of this. We need a solution.*⁸⁴ (SALIH, 2019a)

Quadro 22: Pressuposição e predicação da fala de Salih

<i>Budget law</i>	<i>a major issue how before kurds and Baghdad/ interim arrangement for 2020</i>
<i>We/Kurds and Baghdad</i>	<i>Have a conversation going on/ whether we have yet another interim arrangement for a budget law for 2020, or to really look at a strategic solution for the issue of oil and revenues between Irbil and Baghdad/ need to seize the challenge/ hopefully move beyond this yearly battle about what is the budget allocation/ need a solution</i>
<i>Issue of oil and revenues between Irbil and Baghdad</i>	<i>Strategic solution</i>
<i>Salih</i>	<i>Cannot underestimate the challenge/ very much hope we do that/ hope the narrative changes from how many barrels is mine or how much of the budget is mine, or whoever, which province it is/</i>
<i>Challenge</i>	<i>if it can be done, this is the time to do it/ That is a moment/ will be good for Iraq/ will be good for Kurdistan/ into one to really being an active participant in the bigger pie, the ever-growing pie of Iraq's economy, because that is potentially what it could become like</i>
<i>The constellation of leaders who understand the problem and who have a willingness to solve it</i>	<i>You can never have it</i>
<i>People</i>	<i>are tired</i>

Fonte: Autoria própria.

⁸⁴ Estive em Erbil na semana passada e tive longas conversas com todos os líderes curdos, o primeiro ministro, o presidente e o Sr. Masoud Barzani e outros líderes políticos curdos. E, obviamente, uma questão importante diante de nós é a lei do orçamento. Temos uma conversa em andamento. Se teremos outro arranjo provisório para uma lei orçamentária para 2020 ou se realmente procuraremos uma solução estratégica para a questão do petróleo e das receitas entre Erbil e Bagdá. Não posso subestimar o desafio. Mas acho que se isso puder ser feito, é a hora de fazê-lo, porque você nunca pode ter a constelação de líderes que entendem o problema e que têm vontade de resolvê-lo. E eu espero muito que façamos isso. Esse é um momento. Precisamos aproveitá-lo. Isso será bom para o Iraque. Isso será bom para o Curdistão. E esperamos ir além dessa batalha anual sobre qual é a alocação do orçamento. E não é - e ele e eu já trabalhamos nisso tantas vezes, e as pessoas estão cansadas disso. Nós precisamos de uma solução.

Barham Salih se refere aos curdos do Iraque e aponta a preocupação com os custos orçamentário, que o presidente chama de batalha anual. É necessário que haja uma solução estratégica para a questão do petróleo e das receitas entre Erbil e Bagdá, o que o presidente considera ser um desafio, pois, segundo ele, não há como ter todos os líderes em acordo, mas será bom para o Iraque e para o Curdistão.

As falas do presidente iraquiano sobre a situação de Bagdá em relação à Região Autônoma do Curdistão podem servir de exemplo para os curdos da Síria, que também desejam sua autonomia. Apesar da região curda iraquiana apresentar um significativo crescimento econômico e maior respeito quando comparado à época de Saddam Hussein, nem tudo está resolvido, como pode ser visto na questão do petróleo, pois grande parte dos poços estão nas áreas curdas, mas essa tem que prestar conta à capital iraquiana.

No dia 9 de outubro de 2019, este foi o discurso de Salih no twitter:

Figura 33: Twitter de Salih do dia 9 de outubro de 2019. 4:02 PM⁸⁵



Fonte: Twitter: @BarhamSalih. Disponível em: <https://twitter.com/BarhamSalih/status/1182008431319928832>. Acesso em: 12 fev. 2020.

Quadro 23: Pressuposição e predicação da fala de Salih

<i>Turkey's military incursion into Syria</i>	<i>Is a grave escalation/will cause untold humanitarian suffering/empower terrorist groups</i>
<i>The world</i>	<i>Must unite to avert a catastrophe, promote political resolution to the rights of all Syrians, including Kurds, to peace, dignity and security</i>

Fonte: Autoria própria.

⁸⁵ A incursão militar da Turquia na Síria é uma escalada grave; causará um sofrimento humanitário incalculável, capacitará grupos terroristas. O mundo deve se unir para evitar uma catástrofe, promover a resolução política dos direitos de todos os sírios, incluindo paz, dignidade e segurança.

Nas palavras de Salih, agora referindo-se à situação conflituosa na Síria, classifica a incursão militar turca como uma escalada perigosa. Isso levará a uma catástrofe humanitária e aumentará a capacidade dos terroristas de reorganizar seus remanescentes, além de representar uma ameaça à segurança regional e internacional. A comunidade internacional deve se unir para evitar o desastre e apoiar uma solução política para o sofrimento dos sírios, para gozar de seus direitos à paz, segurança e dignidade.

4.3.1.8 Síria

No dia 15 de novembro de 2019, o presidente Bashar al-Assad, em uma entrevista ao Canal 24 da Rússia, falou sobre os curdos e a situação da Síria. Quando perguntado sobre o Estado Islâmico, Assad respondeu:

أنا أريد أن أفصل قليلاً لأن داعش أنتت بإرادة أمريكية، وقامت بنشاطاتها بغطاء أمريكي وحتى في كثير من الحالات لدينا قناعة ولدينا معلومات بأن أمريكا كانت تحرك داعش مباشرة كأداة عسكرية لضرب الجيش السوري ولتشتيت القوى العسكرية التي تقاتل الإرهاب وفي مقدمتها السورية. بالنسبة للحديث عن القوات الكردية لكي نصحح المفاهيم. هناك سوء استخدام لهذا المصطلح وأيضاً هو تسويق غربي لكي يعطي الصورة بأن القوات الموجودة هي قوات كردية وبأن هذه المنطقة هي منطقة كردية. أولاً أريد أن أوضح أن هذه المنطقة في الشمال والشمال الشرقي من سورية هي منطقة في أغليبتها عربية، أكثر من سبعين بالمئة من سكانها هم من العرب وليس العكس، وحتى المجموعات التي تقاتل هناك هي خليط من الأكراد وغيرهم، ولكن الأمريكي قام بدعم المجموعات الكردية وجعل القيادة لها لكي يعطي الصورة بأن هذه المنطقة كردية ولكي يخلق صراعاً كردياً مع المجموعات الأخرى في سورية، أما التواصل فهو مستمر، لم ينقطع خلال الحرب بالرغم من معرفتنا أن بعض هذه المجموعات تتعامل مع الأمريكي وتقاد من قبله، سلاحها وتمويلها من الأمريكي، تصريحاتها يكتبها الأمريكي، هذا لا يعني أن الأكراد ليسوا وطنيين، أوكد أن معظم الأكراد وطنيون يقفون مع دولتهم ومع الشعب السوري كأي شريحة أخرى.. ولكن هذه المجموعات البعض منها أكراد والبعض منها عرب وربما آخرون تعمل بإمرة الأمريكيين، هذه المجموعات التي تتحاور معها بشكل مستمر. والآن هناك حوار بعد عودة الجيش السوري من أجل إقناعهم بأن الاستقرار يحصل عندما نلتزم كلنا بالدستور السوري لأن هذا الدستور يعبر عن الشعب، والجيش العربي السوري عندما يعود تعود معه المؤسسات السورية، مؤسسات الدولة التي تعبر أيضاً عن الدستور وعن الشعب السوري، حصل تقدم مؤخراً بعد الغزو التركي بهذا الاتجاه، روسيا تلعب دوراً مهماً في هذا الموضوع مبنياً على الأسس نفسها التي ذكرتها أنا الآن، الأمور تتقدم أحياناً، تتراجع أحياناً لأسباب مختلفة، جزء من هذه الأسباب هو الضغط الأمريكي على المجموعات المسلحة في سورية لكي لا تستجيب للدولة السورية وهذا متوقع. لكن نحن الآن أكثر تفاؤلاً بأن الأمور تسير في هذا الاتجاه لأنه بعد تسع سنوات حرب أعتقد أن معظم الناس فهموا أهمية التوحد مع الدولة بغض النظر عن الخلافات السياسية، إذا كان لديك خلافات مع الحكومة أو مع الحزب الحاكم هذا موضوع آخر، ولكن الدولة في كل العالم هي التي تحتضن الجميع. أعتقد بأننا نسير في هذا الاتجاه (AL-ASSAD, 2019) 86

⁸⁶ Eu quero fazer uma separação, porque o Estado Islâmico veio com uma vontade americana, e ele realizou suas atividades com cobertura americana e, em muitos casos, temos convicção e informações de que a América estava dirigindo o Estado Islâmico como uma ferramenta militar para atacar o exército sírio e dispersar as forças militares que combatiam o terrorismo, especialmente o sírio. Quanto a falar sobre as forças curdas, é preciso corrigir os conceitos. Existe um uso indevido desse termo e também há um marketing ocidental, a fim de dar a imagem de que as forças existentes são forças curdas e que essa área é uma região curda. Primeiro, quero deixar claro que esta região no norte e nordeste da Síria

A respeito dos curdos, Assad diz o seguinte:

موضوع المشاكل هو مع جزء من الأكراد، وأكد مرة أخرى أن معظم الأكراد موجودون في سورية منذ عقود ولا توجد مشاكل.. هناك مجموعات متطرفة، متطرفة بالمعنى السياسي، هي التي تطرح طروحات أقرب إلى الانفصال، البعض منها يتعلق بالفيدرالية والحكم الذاتي المرتبط بالأكراد، كما قلت أنا قبل قليل هذه المنطقة عربية فإذا كان هناك من يريد أن يتحدث عن الفيدرالية فهم العرب لأنهم هم الأغلبية، هذا الكلام بديهي في مثل هذه الحالة، يختلف الوضع عن شمال العراق ويختلف عن جنوب شرق تركيا، لا توجد أغلبية كردية في هذه المنطقة، أما بالنسبة للحقوق الثقافية وغيرها فأنا دائماً أعطي مثلاً الأرمن لأنهم آخر مجموعة أتت إلى سورية منذ حوالي مئة عام، لديهم مدارس ولديهم كنائس ولديهم حقوق ثقافية كاملة، فلماذا نعطي الحقوق الثقافية لشريحة ولا نعطيها لشريحة أخرى؟ لسبب بسيط لأن هذه المجموعة طرحت طروحات انفصالية ونحن لن نوافق لا اليوم ولا غداً، لا كدولة ولا كتشعب، على أي طرح انفصالي. هذه هي المشكلة، هذه المجموعات نفسها التي تدعمها أمريكا تتحدث اليوم عن أن الوضع تغير بعد الحرب، طبعاً الوضع يتغير هذا طبيعي.. أي حرب تغير الكثير في المجتمع ولكن الحرب لا تعني تقسيم البلد ولا تعني الذهاب باتجاه الانفصال، لا تعني الذهاب باتجاه نفس الدستور ولا إضعاف الدولة، الحرب يجب أن تكون تجربة نخرج منها بوطن أقوى وليس بوطن أضعف، أي شيء انفصالي لن نقبل به على الإطلاق ولا في أي ظرف من الظروف (AL-ASSAD, 2019)⁸⁷

Quando perguntado onde estão as unidades curdas depois que foi estabelecido a retirada delas de uma distância de 30 km da fronteira com a Turquia. O presidente sírio respondeu:

é uma região com maioria árabe, mais de setenta por cento de sua população é árabe e não vice-versa, e mesmo os grupos que lutam são uma mistura de curdos e outros, mas o americano apoiou e liderou os grupos curdos, a fim de dar a imagem de que esta região é curda e criar um conflito curdo com outros grupos na Síria. A comunicação está em andamento, não foi interrompida durante a guerra, apesar de sabermos que alguns desses grupos lidam com americanos e são liderados por eles, suas armas e seu financiamento são americanos, suas declarações são escritas pelo americano. Isso não significa que os curdos não sejam patriotas, afirmo que a maioria dos curdos são patriotas que mantêm seu país e o povo sírio como qualquer outro grupo. Mas esses grupos, alguns dos quais são curdos, outros árabes, e talvez outros que trabalham a mando dos americanos, são os grupos em que estamos constantemente envolvidos. E agora existe um diálogo após o retorno do exército sírio, a fim de convencê-los de que a estabilidade ocorre quando todos aderimos à constituição síria, porque essa constituição expressa o povo, e o exército árabe sírio, quando volta com as instituições sírias, instituições estatais que também expressam a constituição e o povo sírio. Recentemente progrediram depois a invasão turca nessa direção, a Rússia desempenha um papel importante nesse assunto, com base nos mesmos fundamentos que mencionei agora, as coisas estão progredindo às vezes, às vezes recuando por várias razões, parte dessas razões é a pressão americana sobre grupos armados na Síria para não responder ao Estado sírio e isso é esperado. Mas agora estamos mais otimistas de que as coisas estão caminhando nessa direção, porque após nove anos de guerra, acho que a maioria das pessoas entendeu a importância de se unir ao Estado, independentemente das diferenças políticas, se você tem diferenças com o governo ou com o partido no poder, esse é outro tópico, mas o Estado em todo o mundo abraça a todos. Eu acho que estamos seguindo nessa direção.

⁸⁷ A questão dos problemas é com uma parte dos curdos, confirmo mais uma vez que a maioria dos curdos está na Síria há décadas e não há problemas. Existem grupos extremistas, no sentido político, extremistas que apresentam narrativas mais próximas da separação, algumas relacionadas ao federalismo e à autonomia ligadas aos curdos. Eu disse anteriormente que esta região é árabe. Se alguém quer falar sobre federalismo, eles atendem aos árabes porque são a maioria. Essa conversa é evidente nesse caso. A situação difere do norte do Iraque e do sudeste da Turquia. Não há maioria curda nesta região. Quanto aos direitos culturais e outros, sempre dou um exemplo dos armênios, porque eles são o último grupo que chegou à Síria há cerca de cem anos. Eles têm escolas, igrejas e direitos culturais totais. Então, por que damos direitos culturais a um segmento e não a outro? Por uma razão simples, porque esse grupo apresentou proposições separatistas e não concordamos, nem hoje nem amanhã, como país nem como povo, com nenhuma proposição separatista.

لا بد من تطبيق الاتفاق الروسي – التركي فيما يخص انسحاب هذه المجموعات المسلحة، كما قلت: هي مزيج من الأكراد والعرب ولكن قياداتها كردية، لا بد من انسحابها لأنها أعطت الذريعة للتركي لكي يبدأ بتنفيذ المخطط الذي يحلم به منذ بدايات الحرب، فلا بد من انسحابها لمسافة 30 كم. أما فيما يتعلق بالتطبيق فهم أعلنوا أنهم سيطبقونه، طُبِّقَ في بعض المناطق، ولكن لم يُطَبَّقَ بشكل كامل، هذا متوقع. هذا النوع من الإجراءات لا يحصل فجأة ولا يحصل بسرعة، وليس بالضرورة أن يكون هناك سيطرة مركزية على كل المجموعات التي تقاتل في منطقة ما، وأنت تعرف أن الميليشيات تقاتل أحياناً بشكل فوضوي وتأخذ قراراتها بشكل فوضوي، لذلك يُطَبَّقُ شيء يمكن ولا يُطَبَّقُ في مكان آخر. هناك تعاون الآن بيننا وبين روسيا من أجل تطبيق هذا الاتفاق بشكل كامل، وبعد أن يُطَبَّقَ لا بد أن نقول للأتراك: هيا ابدؤوا بالانسحاب. أما بالنسبة لانضمام هذه المجموعات إلى الجيش العربي السوري، فنحن منذ بداية المصالحات في عام 2013، سرنا بمبدأ أن كل من يُسلِّم سلاحه، يحصل على عفو كامل ويصبح مواطناً كأبي مواطن ويمكن له أن ينضم إلى الجيش العربي السوري. وهذا الشيء حصل في أماكن كثيرة، البعض من الذين كانوا يقاتلون مع الإرهابيين انضموا إلى الجيش العربي السوري، وقاتلوا، ومنهم من استشهد في صفوف الجيش العربي السوري. بعد الاتفاق الروسي – التركي، أعلننا بشكل رسمي.. أعلنت وزارة الدفاع عن استعدادها لاستيعاب أولئك المقاتلين في صفوف الجيش العربي السوري بخطط مختلفة قد تتناسب مع تلك المنطقة، ولكن الرد الذي أتى فهم بشكل رسمي هو أنهم غير مستعدين للانضمام حالياً للجيش العربي السوري وهم مصرّون على الاحتفاظ بسلاحهم في تلك المناطق. أيضاً في إطار التعاون السوري – الروسي، نحن نعمل الآن على إقناع هؤلاء بأن الانضمام للجيش العربي السوري وقاتل الغازي التركي، ضمن صفوف الجيش العربي السوري، هو المكان الصحيح والسليم لاستعادة الأراضي التي تسبب هؤلاء بخسارتها في الشمال السوري، أيضاً علينا أن نبقى نحاول لنرى خلال الأسابيع المقبلة كيف تسير الأمور (AL-ASSAD, 2019)⁸⁸

A respeito da educação das crianças curdas que estudavam na língua curda, durante o período de conflito, e não obtiveram certificados oficiais ou documentos do governo para passar nas etapas de estudo, Assad respondeu se existe um plano para resolver o problema:

هذا يرتبط بالسؤال السابق، ولكن التطبيق المرتبط بهذه النقطة بالذات، أن وزارة التربية أعلنت مباشرة بعد الغزو التركي، أعتقد منذ أسبوعين أو ثلاثة أسابيع أو أقل بقليل ربما، أعلنت عن قبول دمج الطلاب الذين درسوا المنهاج الكردي في المنهاج الوطني في المراحل ما بعد الابتدائية أي الإعدادية. هذا حل عملي لهذه النقطة، وهذا شيء طبيعي وإلا كيف نطلب من هؤلاء الطلاب أو الشباب البياعين أن يندمجوا بالوطن وهم معزولون أو غير مقبولين في المنهاج الوطني (AL-ASSAD, 2019)⁸⁹

⁸⁸ O acordo russo-turco deve ser implementado no que diz respeito à retirada desses grupos armados, como eu disse: eles são uma mistura de curdos e árabes, mas seus líderes são curdos, eles devem se retirar porque deram o pretexto ao turco para começar a implementar o plano que ele sonhou desde o início da guerra, ele deve se retirar por 30 km. Quanto à aplicação, eles anunciaram que iriam aplicá-lo, aplicado em algumas áreas, mas não totalmente implementado, o que é esperado. Esse tipo de ação não acontece de repente e não acontece rapidamente, e não precisa necessariamente haver controle central sobre todos os grupos que lutam em uma região, e você sabe que as milícias às vezes lutam caoticamente e tomam suas decisões de forma caótica, por isso aplica algo em algum lugar e não se aplica em outro lugar. Quanto à adesão desses grupos ao Exército Árabe Sírio, desde o início das reconciliações em 2013, estamos satisfeitos com o princípio de que qualquer um que entregue sua arma recebe uma anistia total e se torna um cidadão como qualquer cidadão e pode se juntar ao Exército Árabe Sírio. Isso aconteceu em muitos lugares, alguns dos que lutavam com terroristas se juntaram ao Exército Árabe Sírio e lutaram, e alguns deles foram martirizados nas fileiras do Exército Árabe Sírio. O Ministério da Defesa declarou sua prontidão para acomodar os combatentes no Exército Árabe Sírio com vários planos que podem se encaixar nessa área, mas a resposta que veio a ser oficialmente compreendida é que eles não estão prontos para se juntar ao Exército Árabe Sírio e estão determinados a manter suas armas nessas áreas sírias. Também temos que continuar tentando ver nas próximas semanas como as coisas estão indo.

⁸⁹ Isso está relacionado à questão anterior, mas a aplicação está relacionada a este ponto específico, que o Ministério da Educação anunciou imediatamente após a invasão turca, acho que duas ou três semanas atrás, talvez um pouco menos, anunciou a aceitação da integração dos alunos que estudaram

A respeito da acusação de roubo de petróleo sírio pelos Estados Unidos, foi perguntado a Assad se ele irá apresentar uma queixa às Nações Unidas e se há algum plano específicos para exigir que Washington compense o petróleo roubado.

Assad respondeu:

طبعاً هذا شيء طبيعي ولكن أنا وأنت والكثيرون في هذا العالم يعرفون أنه لا توجد أمم متحدة لأنه لا يوجد قانون دولي، فكل الشكاوى التي تُرفع للأمم المتحدة تبقى بالأدراج، لأن هناك شبه دولة تحكمها العصابات وتنتقل من مبدأ القوة، وكما كنا نقول قبل قليل هم مجموعة لصوص والصراع بينهم هو صراع على الأرباح والمكاسب والخسائر، هو ليس صراع عقائد أو أحزاب كما يظهر، أنا أقصد الصراعات التي تحصل بين ترامب والآخرين في أميركا، هي صراعات من أجل الغنائم والمكاسب، لذلك نحن نعيش اليوم في عالم يشبه الغاية، هو أقرب إلى العالم ما قبل الحرب العالمية الثانية وليس بعدها. لذلك سنرسل شكوى ولكنها ستبقى في الأدراج.

⁹⁰(AL-ASSAD, 2019)

Quadro 24: Pressuposição e predicação da fala de Al- Assad

[Estado Islâmico]	[veio com a vontade americana] / [realizou suas atividades com cobertura americana]
[Assad] / [Síria]	[temos informações de que a América estava dirigindo o Estado Islâmico como uma ferramenta militar para atacar o exército sírio e dispersar as forças militares que combatiam o terrorismo] / [agora mais otimistas de que as coisas estão caminhando em nossa direção] / [a maioria das pessoas entendeu a importância de se unir ao Estado] / [Não concordamos, nem hoje nem amanhã, nem como país nem como povo, com nenhuma proposição separatista] / [Estão trabalhando para convencer os grupos armados sírios de que ingressar no exército árabe sírio e combater o invasor turco, nas fileiras do exército árabe sírio, é o lugar certo e adequado para recuperar as terras que eles perderam no norte da Síria] / [vai apresentar uma queixa às Nações Unidas sobre o petróleo roubado pelos Estados Unidos]

o currículo curdo no currículo nacional nos estágios pós-primários, ou seja, Escola de ensino fundamental. Essa é uma solução prática para esse ponto, e isso é natural, senão como podemos pedir a esses alunos ou jovens que se integrem ao país enquanto estão isolados ou não aceitos no currículo nacional.

⁹⁰ Claro, isso é natural, mas você e eu e muitos nesse mundo sabem que não há Nações Unidas porque não há lei internacional, porque todas as reclamações registradas nas Nações Unidas permanecem na lista, porque existe um quase-estado que é governado por gangues e provém do princípio do poder, e como dizíamos antes, eles são um grupo de ladrões e a luta entre eles é uma luta por lucros, ganhos e perdas, não é um conflito de doutrinas ou partidos como parece. Quero dizer os conflitos que ocorrem entre Trump e outros na América, são lutas por despojos e ganhos, então vivemos hoje em um mundo semelhante à floresta, é mais próximo do mundo antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Então, enviaremos uma reclamação, mas ela permanecerá nas gavetas.

[Estado]	[é o que abraça a todos]
[forças curdas]	[Existe um uso indevido desse termo] / [é o marketing ocidental, a fim de dar a imagem de que as forças existentes são forças curdas e que essa área é uma região curda] / [são liderados pelos americanos] / [armas e financiamento americano] / [suas declarações são escritas por americanos]
[Curdos]	[Não têm direito a escolas, igrejas e direitos culturais totais porque apresentaram proposições separatistas] / [a maioria é patriota] / [Eles estão com seu país e com o povo sírio como qualquer outro grupo] / [Os estudantes que estudaram o currículo curdo durante este período serão aceitos no currículo nacional]
[Região Norte e Nordeste da Síria]	[é uma região com maioria árabe, mais de setenta por cento de sua população é árabe] / [difere do norte do Iraque e do sudeste da Turquia. Não há maioria curda na região]
[problema sírio]	[é com parte dos curdos]
[grupos extremistas]	[Que apresenta propostas mais próximas da separação] / [alguns estão ligados ao federalismo e ao autogoverno vinculados aos curdos]
[Americano] / [Estados Unidos da América]	[apoiou os grupos curdos e liderou com eles, a fim de dar a imagem de que esta região é curda e criar um conflito curdo com outros grupos na Síria] / [luta por despojos e ganhos]
[pressão americana sobre os grupos armados na Síria]	[para não responder ao Estado sírio]
[constituição síria]	[Expressa o povo]
[estabilidade]	[acontece quando todos aderem à constituição síria]
[Rússia]	[desempenha um papel importante]
[acordo turco-russo]	[trata-se da retirada dos grupos armados]
[grupos armados]	[uma mistura de curdos e árabes liderados por curdos] / [Deve ser retirada porque deu ao Turco uma desculpa para começar a implementar o plano que ele sonhava desde o início da guerra] / [tirados de uma distância de 30 km] / [Aqueles que entregam suas armas recebem um perdão total, tornam-se cidadãos como qualquer outro cidadão, e podem se juntar ao exército árabe sírio] / (Alguns dos que combateram terroristas juntaram-se ao exército árabe sírio) / [Eles podem ser

	absorvidos pelo Exército Árabe Sírio com diferentes planos que podem ser apropriados para essa região/ [Eles avisaram oficialmente que não estão prontos para se juntar ao exército árabe sírio agora e insistem em manter suas armas nessas áreas]
[cooperação entre a Síria e a Rússia]	[Implementar totalmente o acordo de retirar os grupos armados e, depois dizer aos turcos: vamos começar a nos retirar]
[Nações Unidas]	[não existe porque não há lei internacional, todas as reclamações registradas nas Nações Unidas permanecem na lista]

Fonte: Autoria própria.

O presidente sírio começa afirmando que o Estado Islâmico surgiu de uma vontade dos Estados Unidos e realizou suas atividades com o auxílio americano.

O governo americano teria apoiado os curdos com o propósito de criar um conflito na região ao tentar criar a imagem de que aquela região síria é predominantemente curda, mas o norte e nordeste da Síria é uma região com maioria árabe, mais de setenta por cento de sua população é árabe e que difere do norte do Iraque e do sudeste da Turquia. Não há maioria curda na região.

Segundo Assad, trata-se de uma luta por despojos e ganhos. Os Estados Unidos teriam feito uma pressão sobre os grupos sírios para que esses não obedecessem ao Estado sírio. Os grupos extremistas desejam a separação, sendo alguns ligados ao federalismo e ao autogoverno vinculados aos curdos.

Assad diz que os curdos não têm direito a escolas, igrejas e direitos culturais totais porque apresentaram proposições separatistas. Contudo, o presidente diz, em outros trechos, que o problema do governo é com parte dos curdos e que a maioria é patriota. Os curdos estão com seu país e com o povo sírio como qualquer outro grupo. Os estudantes que cumpriram o currículo curdo durante o período de guerra serão aceitos no currículo nacional. A estabilidade na região só será alcançada quando todos aderirem à constituição síria, que expressa a vontade do povo.

Para o Assad, a Rússia desempenha um papel importante e o acordo turco-russo tem o objetivo de retirar os grupos armados do norte da Síria e a cooperação entre a Síria e a Rússia tem o objetivo de implementar totalmente o acordo de retirar os grupos armados e, depois dizer aos turcos que os sírios estão começando a se retirarem da região, para que os turcos comecem a agir. Esses grupos armados são

uma mistura de curdos e árabes liderados por curdos. Assad afirma que esses grupos devem ser retirados pois deu ao governo turco a desculpa para implementar seu plano de afastar os curdos da fronteira e entrar no território sírio.

Assad afirma que aqueles que entregarem as armas receberão um perdão total, tornando-se um cidadão comum, podendo entrar no Exército Árabe Sírio. Alguns dos que combateram terroristas juntaram-se ao exército. Eles podem ser absorvidos pelo Exército Árabe Sírio com diferentes planos que podem ser apropriados para essa região. Porém os curdos avisaram oficialmente que não estão prontos para se juntar ao Exército agora e insistem em manter suas armas nessas áreas.

Para Assad, as Nações Unidas não existem porque não há lei internacional, todas as reclamações registradas nas Nações Unidas permanecem na lista de espera. Conclui que enviará as reclamações sobre o roubo do petróleo sírio, mas ela permanecerá na gaveta.

4.3.2 Análise de Posicionamento

O posicionamento define as relações e hierarquias que se estabelecem entre os sujeitos e objetos que povoam a realidade. Alguns dos tipos importantes de relacionamentos que posicionam os sujeitos são os de oposição, identidade, semelhança e complementaridade (RESENDE, 2017).

Na perspectiva defendida por Bamberg e Georgakopoulou (2008), a posição se dá na linguagem, a partir do uso de recursos discursivos. Nesse entendimento, caberá ao analista identificar as formas linguísticas nas quais as pessoas posicionam a si e a seus interlocutores, como, por exemplo, no uso ou na omissão de pronomes pessoais como o “eu”, de verbos e de marcadores linguísticos espaço-temporais, como o “aqui”, “lá”, “agora”, “então”, “hoje”, “antes”. O foco deve se dar sobre as situações interacionais, de trocas simbólicas, nas quais as pessoas se encontram e se relacionam. Esse posicionamento se dá na tensão entre valores, ideologias e normas socioculturais. A narrativa pessoal é o resultado de um recurso aos discursos ou narrativas sociais dominantes e também, o processo no qual essas mesmas narrativas sociais são progressivamente reconstruídas no plano das relações sociais.

Neste estudo, serão eleitos alguns indicadores que parecem coordenados à compreensão que se tem sobre narrativas, já aqui apresentada e mais especificamente conceituada com uma produção discursiva constituída por

“personagens e um enredo que evolua ao longo do tempo” (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003, p. 526). Para realizar a análise de posicionamento foram eleitos os seguintes indicadores: personagem, atividade, recursos explicativos, qualificadores e contexto. Cada um desses indicadores, então, precisa ser reconhecido na narrativa pelo analista, entendido em sua concepção e nos marcadores discursivos utilizados pelo narrador.

- a) Personagem – Seres vivos e/ou abstratos que desenvolvam ações na narrativa e/ou a ele sejam atribuídos estados, modos de ser. Referências a seres animados ou inanimados e ação.
- b) Atividade - Ações, feitos, estados, realizações e a indicação do que foi, está sendo feito ou será realizado pelo personagem. O narrador usa verbos e indica o complemento da ação: o verbo ir e o local onde foi; o verbo crer e o que se acredita; o verbo comer e o que se come, por exemplo.
- c) Recursos Explicativos - Justificativas, comparações, explicações em relação à ação realizada e/ou objeto da ação, assim como as condições nas quais a ação é feita – especificando onde, quando, com que frequência. O narrador recorre ao uso de: porque, como, por causa de, mas; ou constrói sentenças explicativas nas quais estas expressões estão implícitas.
- d) Contexto - tempo cronológico (momento), espaço geográfico (lugar) e arranjos sociais. Narrador indica personagens ocupando espaço e tempo específicos. São usados: aqui, lá, hoje, amanhã, ontem, agora, no hospital, na minha casa etc.
- e) Qualificadores - Formas de qualificar, adjetivar, atribuídas aos personagens das narrativas. Usa-se palavras, verbos ou orações que atribuam qualidades ao personagem. Por vezes a qualificação é estabelecida no enredo.

No quadro a seguir, é possível visualizar, através da análise de posicionamento, como os personagens das narrativas são posicionados entre si, por meio das características e descrições trazidas pelos discursos analisados anteriormente. Tal análise busca esclarecer de forma esmiuçada como os indivíduos posicionam a si e aos outros, a partir de valores, ideologias e normas socioculturais. As narrativas sociais dominantes são reforçadas pelas relações sociais e resultam em uma narrativa pessoal. O posicionamento se dá pelo lugar moral assumido pelo narrador em relação a si mesmo, aos outros e a narrativa dominante.

Quadro 25: Análise de posicionamento das personagens em todos os discursos⁹¹

Personagens	Atividade	Qualificadores	contexto
Trump/ Estados Unidos	<p>[Retirou as tropas americanas da Síria / disseram aos generais por que deveriam lutar pela Síria e Assad para proteger a terra do inimigo / imporão sanções à Turquia por violações / quando chegou a Washington, o ISIS estava correndo solto na área / disse não , nós fizemos a você [Europa] um grande favor e agora você quer que nós os mantenhamos [combatentes do ISIS] nas prisões dos Estados Unidos a um custo tremendo / estamos tentando acabar com as guerras infinitas falando com os dois lados / disse que atingiria a Turquia com muito rigor financeiro se eles não seguirem as regras / estaremos observando de perto / aprecia o que os curdos fizeram no califado territorial do ISIS / derrotou 100% do califado ISIS / atacará novamente se o ISIS se reformar / devastarão a Turquia economicamente se atingirem os curdos / não querem que os curdos provoquem a Turquia / ficou e se aprofundou cada vez mais na batalha sem nenhum objetivo à vista / rapidamente derrotou 100% do califado do ISIS, incluindo a captura de milhares de combatentes do ISIS, principalmente da Europa / lutará onde é para eles se beneficiarem e só lutará para ganhar / está a 7.000 milhas de distância e esmagará o ISIS novamente se chegarem perto deles [EUA] / Não abandonou os curdos / ajudou os curdos financeiramente e com armas / capturou os combatentes do ISIS / deveriam estar lá por 30 dias, mas isso foi há 10 anos / já retirou do país os 2 militantes do ISIS vinculados a decapitações na Síria e para um local seguro controlado pelos EUA / não há soldados</p>	<p>[Impõe sanções / derrota o ISIS / tenta acabar com as guerras infinitas / Negociador [Conversas para ambos os lados] / Beneficiado / não abandona os aliados / prestativo / capturou o ISIS / está a quilômetros de distância / assegura o petróleo / lucra com a situação / não se sabe onde estão, dentro ou fora, não apenas desde Trump, mas também desde Obama / esteve presente de forma influente na fronteira Iraque-Síria]</p>	<p>[Síria / fora da Síria / terra dos inimigos / luta por quase 3 anos / Era para ficar na Síria por 30 dias, mas isso foi há muitos anos / em processo de deixar a Síria / Guerras sem fim e ridículas / estão a 7.000 milhas de distância]</p>

⁹¹ De forma a facilitar a leitura, o quadro será apresentado com as traduções para o português, devido à variedade de idiomas.

	ou militares nas proximidades a área de ataque / não entrará em outra guerra entre pessoas que lutam entre si há 200 anos/ estão trabalhando ativamente com unidades curdas/ Eles trabalharam com essas pessoas [curdos] por quatro anos para enfrentar o desafio [ISIS] / De repente, dobra suas tendas e desaparece silenciosamente / apoiou os grupos curdos e liderou com eles, a fim de dar a imagem de que a região é curda e criar um conflito curdo com outros grupos na Síria / luta por despojos e ganhos]		
França/Macron	[Extremamente sensíveis e preocupados com a situação dos curdos / queremos a estabilidade do Iraque a integridade territorial do Iraque e um Estado forte no Iraque / Roguemos para que, no âmbito da constituição, o reconhecimento dos direitos dos curdos possa ser respeitados / acreditam que podem contar a Trump e Erdogan sobre os riscos da ofensiva]	[Preocupado com a situação dos curdos]	Síria / Iraque
Macron e Trump	[Têm um desejo comum de que esta ofensiva cesse]	–	Síria
Putin	[Não se arrepende de ajudar os curdos]	–	Síria
Curdos Sírios	[Não deve provocar a Turquia / deve deixar a zona segura para outras áreas razoavelmente próximas / pode estar libertando alguns [prisioneiros do ISIS] para nos envolver [EUA] / Talvez seja hora de começar a ir para a região do petróleo / Não têm direito a escolas, igrejas e direitos culturais totais porque apresentaram proposições separatistas / a maioria é patriota / Eles estão com seu país e com o povo sírio como qualquer outro grupo / Os estudantes que estudaram o currículo curdo durante este período serão aceitos no currículo nacional]	[Pessoas especiais / lutadores maravilhosos / querem o cessar-fogo e a solução final / Pessoas muito corajosas / que busca algo heroicamente]	Síria / saía da zona segura / [rumo à Região Petrolífera] /Região Norte e Nordeste da Síria
	[Existe um uso indevido desse termo / é o marketing ocidental, a fim de dar a imagem de que as forças existentes são forças		

Forças curdas	curdas e que essa área é uma região curda / lidam e são liderados pelos americanos / suas declarações são escritas por americanos / deve ser retirada porque deu ao Turco uma desculpa para começar a implementar o plano que ele sonhava desde o início da guerra / tirados de uma distância de 30 km / aqueles que entregam suas armas recebem um perdão total, tornam-se cidadãos como qualquer outro cidadão, e podem se juntar ao exército árabe sírio / alguns dos que combateram terroristas juntaram-se ao exército árabe sírio / eles podem ser absorvidos pelo Exército Árabe Sírio com diferentes planos que podem ser apropriados para essa região / eles avisaram oficialmente que não estão prontos para se juntar ao exército árabe sírio agora e insistem em manter suas armas nessas áreas]	[Força muito importante na luta contra o terrorismo no Oriente Médio / são inestimáveis].	Síria
Curdos Iraquianos	[Estão lutando efetivamente pelo que diz respeito às questões relacionadas à soberania e à independência de certas partes do Estado / os direitos do povo curdo são garantidos / [depende do Iraque e do povo curdo / O reconhecimento dos direitos dos curdos pode ser feito no âmbito da constituição do Iraque / Temos uma conversa em curso [Bagdá e Erbil], temos mais um acordo provisório para uma lei orçamentária para 2020 / batalha anual sobre qual é a alocação de orçamento [Bagdá e Erbil], precisa de uma solução]	[Destino dos curdos é muito difícil / são muito corajosos na luta contra o terrorismo internacional]	Iraque
Grande Curdistão	[Reduzirá as ambições do Irã, da Turquia e do Iraque / irá cortar todos os antepassados dos seus países em favor do Curdistão / esperança de reconciliação e paz no Médio Oriente]	-	Oriente Médio
Abandono dos curdos pelos EUA	-	[Muito preocupante]	Síria

YPG	[Deve deixar a área durante a segunda fase da operação / cometeu 20 violações / ataca soldados turcos e outros grupos / intimida pessoas e ameaça à segurança nacional]	[Terrorista]	Síria
Ofensiva turca na Síria	[Está no centro das preocupações da França / corre o risco, por um lado, de criar situações humanitárias insustentáveis e, por outro lado, de ajudar o <i>Daesh</i> a ressurgir na região / irá causar sofrimento humanitário indizível / capacitar grupos terroristas / limpar a área de terroristas / permitir que refugiados voltem para suas casas / se existisse antes, teria salvado muitas vidas]	[É uma escalada grave]	cessar-fogo de cinco dias / 120 horas
Irã e Síria	–	[São aliados estratégicos]	–
Turquia	[Serão devastados economicamente pelos EUA se atingirem os curdos / puderem criar uma zona segura de 20 milhas / ter uma grande população curda / compreender que os EUA só tinham 50 soldados na Síria / qualquer luta não forçada ou desnecessária será devastadora para a economia da Turquia e sua frágil moeda / entende não atirar contra os curdos / pronto para apoiar a segurança do ISIS / há muito tempo planeja atacar os curdos / é membro da OTAN / Comprometido com o acordo / perdeu um soldado durante o ataque curdo / espera que os curdos se retirem até o prazo / deseja criar condições para que os refugiados retornem às suas cidades de forma voluntária / trabalha com a ONU para garantir um retorno seguro dos refugiados / nunca forçará ninguém a ir a qualquer lugar que não queira / tem 12 postos militares / deseja limpar área de todos os terroristas do ISIS, PYD - YPG / É por isso que estamos trabalhando com os americanos / Quer trabalhar com os europeus / está trabalhando com os russos para garantir que esta área se torne uma zona segura para	[OTAN e parceiro comercial / moeda frágil]	Síria

	refugiados sírios./ zona de exclusão aérea no norte da Síria porque sabia que o regime [sírio] mataria seu próprio povo / Não aceitará trocar a bandeira americana pela russa]		
Turquia e curdos sírios	Lutarão para sempre	[Eternos inimigos]	Síria/ Turquia
Relação entre Estados Unidos e Turquia	–	[Muito boa]	Síria
Relação entre Rússia e Turquia	[Discuti a retirada dos EUA do nordeste da Síria / quer criar esta zona segura do rio Eufrates até a fronteira com o Iraque, cerca de 444 quilômetros, aproximadamente 171 milhas / trata-se da retirada dos grupos armados]	–	Síria
Cooperação entre Síria e Rússia	[Implementar totalmente o acordo de retirar os grupos armados e, depois dizer aos turcos: vamos começar a nos retirar]	–	Síria
Erdogan	[Disse a Trump que havia disparos menores de atiradores e morteiros que foram rapidamente eliminados]	[Quer muito o cessar-fogo, ou pausa]	Síria/ Turquia
Cessar-fogo	[Sempre foi realizada com <i>bandaids</i> muito fracos, e de forma artificial / Há boa vontade de ambos os lados e uma chance muito boa de sucesso]	[Artificial / boa chance de sucesso]	Síria / [não havia esse pensamento anos atrás]
Síria/Assad	[Protege os curdos e luta contra a Turquia por suas próprias terras / agora mais otimista de que as coisas estão caminhando em nossa direção / a maioria das pessoas entendeu a importância de se unir ao Estado / não concordamos, nem hoje nem amanhã, nem como país nem como povo, com nenhuma proposição separatista / Estão trabalhando para convencer os grupos armados sírios de que ingressar no exército árabe sírio e combater o invasor turco, nas fileiras do exército árabe sírio, é o lugar certo e adequado para recuperar as terras que eles perderam no norte da Síria / vai apresentar uma queixa às Nações Unidas sobre o petróleo roubado pelos Estados Unidos]	[Inimigos naturais do ISIS / maiores beneficiários da política de longo prazo dos EUA de destruir o ISIS na Síria]	Síria
	[Mata sírios / estranho que desenvolveu atividades	[Os maiores beneficiários da	

Irã	hegemônicas / suas atividades podem ter impactos negativos na área, como mísseis, ambições regionais e outros / Está entre os países únicos em termos de diversidade étnica]	política de longo prazo dos EUA de destruição do ISIS na Síria / Ironia / atitude arrogante / inaceitável]	Síria
Rússia	[Estão em contato com unidades curdas, inclusive em Aleppo / sempre teve relações muito gentis e especiais com os povos curdos / entrará em contato com Bagdá / não interferirá no processo interno do Iraque / confirma e afirma que as unidades de combate curdas são muito corajosas na luta contra o terrorismo internacional e estão lutando efetivamente pelo que diz respeito às questões relacionadas à soberania e à independência de certas partes do Estado / será muito útil se puder fazer algo sobre as atividades iranianas na região / desempenha um papel importante]	[Os maiores beneficiários da política de longo prazo dos EUA de destruir o ISIS na Síria]	Síria/Iraque
Al-Faisal/Arábia Saudita	[Espera que o presidente americano mude de ideia sobre o envio de tropas caso haja necessidade / não vê nenhuma razão para que a Arábia Saudita não envie tropas terrestres / envio da própria aeronave / tenta defender o povo sírio / não está surpreso que os EUA estejam interessados em se engajar com o reino na defesa da indústria do petróleo / se surpreende que os EUA abandonem seus aliados na Síria [curdos] / acredita que Putin pode ajudar nos conflitos regionais / Espera o sr. Putin esteja ciente dos riscos e impactos negativos das atividades do Irã na área / a falta de clareza das posições de potências como os Estados Unidos e a Europa aumenta a preocupação e a cautela que sente em relação à situação]	—	Síria/Iraque
Retirada dos soldados americanos	[De volta para casa / estão saindo da Síria]	[Contraditório / [retirada há muito esperada]	Síria

Vácuo dos Estados Unidos na região	[Não deve ser preenchido pela Rússia, já que a América ainda não está fora da equação]	-	Síria
Decisões geoestratégicas atuais	[Um momento de grande incerteza e há muito nevoeiro ao redor]	[Não é claro]	Oriente Médio
Califado territorial do Estado Islâmico	[Golpeado duramente pelos EUA / atacado novamente pelos EUA caso se reforme / foi 100% derrotado pelos EUA / não pode se criar cortando a cabeça das pessoas e impondo sua opinião sobre elas]	[Seguro / pouco / restante]	Síria / [Atingido de várias direções / de uma base existente nas proximidades]
Estado Islâmico	[preso por curdos e Turquia / odiado pela Turquia, Europa, Síria, Irã, Iraque, Rússia e os curdos / será esmagado novamente se eles vierem perto dos EUA / tenta expulsar os curdos da ocupação / veio com a vontade americana / realizou suas atividades com cobertura americana]	[Odiado por todos / não é considerado um grupo muçulmano]	Síria
Terrorismo	[Está sendo combatido pelos curdos / sempre foi um perigo / Se não é o <i>Daesh</i> , pode ser o filho do <i>Daesh</i> ou neto do <i>Daesh</i> / Isso é algo que deve ser tratado em todo o mundo / é responsabilidade da comunidade internacional]	-	-
Membros do Estado Islâmico presos	[Estão na Europa para serem julgados / podem ser liberados pelos curdos para envolver os EUA / recapturados pela Turquia ou nações europeias de onde muitos vieram]	-	Síria / prisão curda / Europa
Qualquer um que queira ajudar a Síria a proteger os curdos	[Seja a Rússia, China ou Napoleão Bonaparte [França]]	[Vai ser bom para o Trump]	Síria
Nações europeias	[Agora estão dispostos a levar os lutadores do ISIS que vieram de suas nações / não os queriam [lutadores ISIS europeus] de volta / disse para mantê-los [lutadores ISIS europeus] nos EUA / pensando que os EUA são os "otários", na OTAN, no comércio, em tudo / tiveram a chance de fazer seus prisioneiros do ISIS, mas não quiseram o custo / "Deixe os EUA pagarem"]	-	Síria / [Agora estão dispostos a levar os combatentes do ISIS]
Nações Unidas	[Não existe porque não há lei internacional, todas as reclamações registradas nas Nações Unidas permanecem na lista]	-	-

Turquia, Europa, Síria, Irã, Iraque, Rússia e curdos	[Agora terão que descobrir a situação, e o que eles querem fazer com os combatentes ISIS capturados em sua “vizinhança” / todos odeiam o ISIS]	[São inimigos há anos]	[Sua vizinhança]
Petróleo	[Sempre foi sobre energia / une o mundo]	[Garantido pelos EUA]	Síria
Guerras Sem Fim	[Terminará]	[Ridículas/ muitas tribais]	Oriente Médio
A culpa pela situação atual no Oriente Médio	[É mais uma falta de vontade internacional de fazer a coisa certa]	–	Oriente Médio

Fonte: Aatoria Própria.

No que diz respeito ao Estados Unidos e a Trump, os enunciadores foram unânimes em afirmar a retirada norte-americana da região, inclusive alguns demonstrando uma certa preocupação com a fragilidade local. Alguns ficam admirados com o abandono dos aliados curdos. Interessante notar que todos citam os Estados Unidos em seus discursos, mas somente Trump enfatiza que o califado do Estado Islâmico foi derrotado graças ao Estados Unidos, que faz questão de destacar o *WE* quando narra que foram as tropas americanas que derrotaram o Estado Islâmico. Trump ainda é o único que afirma com veemência o fim do ISIS, enquanto os demais reconhecem que o problema ainda continua. A Rússia é pela maioria como o ator capaz de solucionar os problemas deixados pelos Estados Unidos, mas com certa desconfiança. Trump coloca os curdos numa posição similar com os atores estatais: Turquia, Síria, Iraque, Irã, Rússia e os países da Europa, quando afirma que eles devem saber o que fazer como os combatentes do Estado Islâmico.

Quanto aos curdos sírios, o único discurso diferente é o da Turquia, vista como o maior inimigo dos curdos depois do ISIS, que os coloca como terroristas. A maioria os reconhece como essenciais na luta contra o Estado Islâmico. Enquanto Assad os menciona como cidadãos sírios, que tem seus direitos assegurados na constituição, sem destacar a participação deles na luta.

Quanto aos curdos iraquianos, houve poucos pronunciamentos sobre o referendo de 2017, a maioria de posicionou a favor de um Iraque unificado, mas que garanta os direitos curdos. Apenas a Arábia Saudita confirma a relevância dos curdos

sírios e iraquianos no combate ao ISIS e que que um grande curdistão seria útil para estabilizar as ambições na região.

Assad questiona o posicionamento da ONU e a acusa de não procurar solução para os problemas, deixando engavetadas as denúncias referentes aos problemas da região. A Arábia Saudita ainda diz que a culpa pela situação do Oriente Médio é pela falta de vontade internacional de fazer a coisa certa.

4.3.3 Análise dos papéis actanciais

Os actantes que, conforme Charaudeau (2008) são os sujeitos que desempenham papéis específicos na narrativa. Por meio de processos, esses actantes ou personagens se relacionam uns com os outros e se ocupam de determinadas funções. É possível dizer que os actantes desempenham função primordial dentro da estrutura narrativa. Para que suas funções fossem devidamente levantadas e observadas, Charaudeau (2008) propõe a identificação dos papéis actancias dos mesmos. Esse papel é definido em função das relações exercidas entre os personagens. A diferenciação é feita em relação à postura do personagem frente à ação principal: ele sofre ou executa a ação? A partir daí, seguem os desdobramentos desta ação inicial: se o personagem executou a ação, isto é, se foi ele quem agiu, como realizou esta ação? Tendo essas respostas como base, pode-se diferenciar os personagens agentes (que executam a ação) e os personagens pacientes (que recebem a ação). Em síntese, os principais papéis são:

- a) Oponente- opõem-se aos projetos ou ações de um actante.
- b) Benfeitor- realiza uma ação positiva, isto é, um benefício.
- c) Agressor- realiza uma ação negativa, isto é, um malefício.
- d) Vítima- é afetado negativamente pela ação de outro actante.
- e) Beneficiário- é afetado positivamente pela ação de outro actante.
- f) Fuga- evita confronto
- g) Resposta- age contra seu agressor.

- h) Negociação – tenta neutralizar a agressão
- i) Retribuição- retribuiu de maneira benéfica o outro actante.

Todos os papéis acima mencionados podem ser desempenhados de maneira direta ou indireta e ainda de maneira voluntária ou involuntária. Além disso, um mesmo actante pode desempenhar papéis variados em uma narrativa, dependendo do momento e da ação na qual ele estiver envolvido. A todos esses papéis poderão ser atribuídas características e qualificações.

A partir da identificação dos papéis actanciais e das ações que a eles estão relacionadas, é que poderão ser identificados os processos e funções narrativos de uma determinada sequência de ações. Em relação aos procedimentos de tempo em uma narrativa, Charaudeau (1992) estabelece que são eles os responsáveis pela indicação do encadeamento das ações e pela sequência destas nas narrativas. É exatamente pelo tempo verbal, pela utilização de advérbios e adjuntos temporais e pelo uso de expressões que referenciem algum aspecto cronológico que identificaremos a ordem de acontecimentos numa história, o que é a causa, o que é consequência etc.

No quadro a seguir é possível perceber os papéis actanciais presentes nos discursos dos representantes de cada país analisado. É possível traçar pontos similares em alguns papéis actanciais, por exemplo, o papel de oponente, que é preenchido pelo ISIS na maioria dos discursos, excetuando o discurso do Irã, que considera os Estados Unidos seu oponente; o discurso da Síria, que coloca Estados Unidos, parte dos curdos da Síria e grupos extremistas como oponentes; o discurso da Arábia Saudita que coloca ISIS, Irã, Turquia e Iraque como oponente.

Quadro 26: Papéis actanciais dos atores

Discursos	Estados Unidos	França	Rússia	Arábia Saudita	Turquia	Irã	Iraque	Síria
Aliado	EUA-Turquia/ EUA - Curdos	EUA-França/ França - Curdos sírios	EUA - curdos/ Rússia - curdos	EUA - curdos sírios/Arábia Saudita - curdos sírios	Turquia- EUA/Turquia - Rússia	Síria-Irã	-	EUA-ISIS/EUA-curdos sírios/ Turquia-Rússia/ Síria- Rússia
Oponente	ISIS	ISIS	ISIS	ISIS/Irã/Turquia/Iraque	ISIS/curdos sírios	EUA	Terroristas	EUA/uma parte dos curdos sírios/grupos extremistas
Benefeitor	Estados Unidos/Algumas nações europeias/ curdos/ Assad/Erdogan	França	Curdo/Rússia	Potência Árabe/Curdos sírios	Turquia	Curdos de um modo geral/Grande Irã	O mundo	Síria
Agressor	ISIS/Erdogan	Turquia	ISIS	ISIS/Irã	Curdos sírios/Regime	EUA	Turquia	ISIS
Vítima	Curdos	Curdos sírios	Curdos	Sírios/ Curdos sírios	Povo sírio	Curdos de um modo geral	Sírios	Exército sírio
Beneficiário	Síria/Irã/Rússia/Estados Unidos	Iraque/Curdos iraquianos/ISIS	Curdo/Iraque	Grande Curdistão	Refugiados	Diferentes grupos étnicos	Erbil e Bagdá/curdos iraquianos	Combatentes dispostos a ingressar no Exército Livre da Síria/estudantes curdos sírios
Fuga	-	-	-	EUA/Europa	EUA	-	-	ONU
Resposta	Estados Unidos/Síria/Turquia/Curdos	-	Curdos	Curdos sírios/Arábia Saudita/EUA	Turquia	Curdos de um modo geral	-	Síria
Negociação	Estados Unidos	França	Rússia	Arábia Saudita	EUA/Turquia	-	Curdos iraquianos	-
Retribuição	Qualquer um que queira ajudar a Síria a proteger os curdos	-	-	-	-	Irã	-	-

Fonte: Autoria própria.

No papel de vítima, os curdos foram quase unanimidade nos discursos, excetuando a Turquia e Iraque, que atribuem o papel de vítima ao povo sírio. A Síria coloca o exército sírio como vítima.

O papel de benfeitor, agressor e beneficiário muda de acordo com os interesses de cada país.

O papel de fuga (omissão), é preenchido pelos Estados Unidos de acordo com a Arábia Saudita e Turquia, sendo que a Arábia Saudita ainda acrescenta a Europa nesse quesito. A síria atribui à ONU o papel de fuga.

É interessante no papel de negociação, aquele que intermedia no conflito, a maioria dos países atribui a si mesmo esse quesito.

Na retribuição, segundo os Estados Unidos, seria qualquer um que queira proteger os curdos. Para o Irã, quem retribui é o próprio Irã.

Esse capítulo, no qual foram analisados os discursos das autoridades envolvidas no combate ao Estado Islâmico, procurou avaliar a legitimação da Questão Curda. Notou-se que os curdos foram tratados como curdos e não como cidadãos dos países onde residem atualmente. Muitas vezes foram tratados com paridade aos Estados nacionais envolvidos, recebendo características e *status* de combatentes e responsabilidade como tal, podendo ser citado o fato de ficarem responsáveis por resguardar as prisões com os rebeldes islâmicos, inclusive os de origem europeias, enquanto os Estados Nações não sabiam como lidar com o problema.

CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi identificar como a linguagem é capaz de legitimar demandas de reconhecimento da qualidade de “actorness” por parte dos atores não-estatais no sistema internacional formado por Estados soberanos. Os objetivos específicos foram identificar de que forma discursos e pronunciamentos de representantes de Estados e governos, no caso França, Estados Unidos, Rússia, Turquia, Arábia Saudita, Iraque, Irã e Síria, legitimaram ou não a demanda do povo curdo.

Para isso foi necessário, no primeiro capítulo, explicar a Questão Curda e os traços de estatalidade presentes nas quatro regiões curdas, pontuando características culturais e expondo as demonstrações de uma possível autonomia. Esse capítulo também apresentou as influências e ligações internacionais em relação aos curdos. Vimos como o Grande Curdistão, território almejado pelos curdos para ser um território curdo independente, localizado no crescente fértil, uma região muito rica em recursos minerais, hídricos e energéticos, próximo à Mesopotâmia, e, que por ser tão rica, tornou-se cobiçada pelo Estado Islâmico, que escolheu o local para dar início ao seu califado territorial. Diante do avanço do Estado Islâmico, as coalizões enxergaram em um ator não-estatal, o povo curdo, uma forma não convencional e mais eficaz de combater essa ameaça fundamentalista.

O segundo capítulo buscou compreender a configuração dos países do Oriente Médio através de uma seleção conceitual sobre Estado vestfaliano, Estado Nação e Estados Falidos. Também foi abordado a Questão Curda e o califado do Estado Islâmico como formas alternativas ao sistema vestfaliano, utilizando conceitos de identidade e atores não-estatais.

O terceiro capítulo buscou esclarecer alguns pontos da Questão Curda durante a coalizão: a) compreender como se dá a participação dos curdos em uma coalizão de atores estatais; b) analisar as falas e os pronunciamentos dos líderes e representantes internacionais, como Trump, Macron, Putin, Erdogan, Assad e outros, com o intuito de buscar por indícios de uma legitimação da Questão Curda por meio da análise do discurso. Pelos discursos analisados, pôde-se perceber que os curdos foram atores fundamentais na derrota do califado islâmico, atuando ao lado de militares norte-americanos e recebendo treinamento, munições e equipamentos estrangeiros. Contudo, ao aproximar o fim do califado, novos problemas foram aparecendo, como as forças turcas querendo retirar os curdos da fronteira e os Estados Unidos retirando sua tropa e deixando os curdos sírios guardando os campos de refugiados e as prisões repletas de fundamentalistas. O povo curdo da Síria ficou responsável pelos prisioneiros do Estado Islâmico, enquanto muitos Estados europeus se negaram a repatriar os militantes estrangeiros, o que reforçou a importância dos curdos naquela região. Pôde-se verificar que os curdos lutam pelo direito a autonomia e território há muito tempo e viram nas coalizões uma oportunidade de atingir seus objetivos.

Os discursos do presidente norte-americano, Donald Trump, foram muito reticentes, não deixando claro quem os Estados Unidos consideram seus aliados e sempre mudando o posicionamento em relação aos beneficiados com a presença americana na Síria. Seus discursos são autoritários e muitas vezes contraditórios, ora elogiando a participação curda no combate, ora alegando que os curdos ganharam para fazer esse trabalho. Trump, em alguns discursos, enfatizou a retirada das tropas americanas do território sírio, afirmando que os Estados Unidos já ficaram mais tempo do que era previsto.

Os discursos do presidente francês, Emmanuel Macron, demonstraram uma postura neutra em relação ao plebiscito de 2017 pela independência dos curdos iraquianos. Macron revelou que concorda com um Iraque unificado, mas que manterá contato com Bagdá para garantir que os direitos dos curdos iraquianos sejam garantidos. Em relação ao conflito na Síria, Macron disse estar preocupado com a ofensiva turca na região, alegando estar em contato com Erdogan e Trump e que se preocupa com os problemas humanitários que podem surgir na região.

Putin, o presidente da Rússia, utilizou muitas vezes palavras semelhantes às usadas por Trump, principalmente nos elogios proferidos aos curdos. Putin pareceu dar respostas decoradas aos jornalistas em coletivas, demonstrando um posicionamento preocupado com os direitos humanos. Em relação ao plebiscito curdo no Iraque, Putin assumiu uma postura parecida com de Macron, alegando que não irá interferir nas questões desse país, mas que os direitos dos curdos devem ser preservados.

Al-Faisal, príncipe saudita, colocou-se contra os fundamentos extremistas do Estado Islâmico e afirmou que a Arábia Saudita atuou no território sírio combatendo esse segmento. O príncipe repetidas vezes coloca-se contra o Irã e alegou que os Estados Unidos não deveriam abandonar seus aliados curdos. Ainda afirma que o interesse americano na Síria é o petróleo e que há falta de vontade internacional em resolver os problemas na região. Al-Faisal disse estar decepcionado com a Europa e os Estados Unidos. O embaixador saudita nos Estados Unidos, Anwar Eshki, revelou um plano para o futuro do Oriente Médio em que um Grande Curdistão é citado como sendo interessante para controlar as ambições na região. Ibrahim Kalin, porta-voz do presidente turco, foi enfático ao colocar os curdos sírios como opositores e até mesmo como terroristas.

O Aiatolá Khamenei, do Irã, afirmou também que os Estados Unidos tramaram uma conspiração em relação a Zona Segura no norte da Síria, que tudo foi por causa da ambição americana, assumindo um discurso semelhante ao da Arábia Saudita, mesmo os dois países sendo inimigos antigos na região. Khamenei afirmou que seus inimigos querem influenciar e fomentar o separatismo de grupos étnicos dentro do Irã e ainda proferiu elogios aos curdos.

Baham Salih, presidente do Iraque, e curdo, não se posicionou em relação ao desejo de separação dos curdos iraquianos, mas da necessidade de um acordo entre Kirkuk e Bagdá em relação a alocação do orçamento dos poços de petróleo. Em relação à Síria, Salih afirmou que a invasão da Turquia no território sírio capacitará grupos terroristas e causará uma crise humanitária incalculável.

O presidente sírio, Assad, afirmou que o Estado Islâmico veio de uma vontade americana, que foi uma ferramenta militar, e que os curdos fizeram parte do marketing ocidental. Afirmou que não há Questão Curda na síria e que os curdos da região são patrióticos. Para Assad, a estabilidade na região só retornará quando todos aderirem a constituição síria e que o problema é somente com uma parte extremista separatista dos curdos. Afirmou que os direitos culturais dos curdos não são atendidos por eles desejarem a separação, mostrando uma contrariedade nessa parte do discurso. Se é apenas uma minoria que deseja separação, por que a maioria patriótica não pode ter direito à liberdade cultural? Assad alega que os curdos deram o pretexto que a Turquia precisava para invadir o território sírio e que a Rússia desempenha um papel importante na região como negociadora.

A pergunta de partida foi se os líderes dos Estados que participaram das coalizões contra o Estado Islâmico equipararam, pelo menos discursivamente, o povo curdo a outros líderes estatais conferindo, assim, legitimidade à demanda por um Estado curdo soberano na região. A hipótese inicial foi que os curdos poderiam ser equiparados a atores estatais ao receberem o reconhecimento por parte de líderes e chefes de governo, aumentando a legitimidade da busca por autonomia e soberania. O que podemos confirmar que houve uma certa ambiguidade no reconhecimento da qualidade de ator do povo curdo. Enquanto Donald Trump fazia, por vezes, uma equiparação discursiva, reconhecendo esse “actorness” dos curdos, outros líderes fugiram dessa equiparação. A análise do discurso apontou que, no entanto, a participação na coalizão não teria sido uma oportunidade de toda perdida para os curdos. Mesmo que não se consiga ver o retorno dessa investida no atual momento, nunca na história os curdos tiveram uma visibilidade internacional como essa. A ameaça islâmica voltou a atenção do mundo para aquela região. A globalização, o avanço tecnológico e o crescimento das redes sociais e mídias digitais contribuíram de forma muito significativa para que o mundo conhecesse mais sobre os curdos e soubesse da sua história.

Não se pode afirmar que os curdos verão sua demanda por um Estado próprio atendida, ou se chegarão a formar um Estado próprio, uma vez que, entre os próprios curdos, há divergência de interesses: os curdos iraquianos e uma parte dos curdos iranianos lutam por um Estado próprio; os curdos sírios e turcos lutam por um sistema comunalista libertário; e os curdos iranianos xiitas reivindicam maiores direitos e representatividade dentro do próprio país. Contudo, com base na análise dos discursos, ficou clara o destaque internacional que o povo curdo ganhou durante os quatro anos de combate ao Estado Islâmico, ganhando defensores importantes, como Israel e Arábia Saudita, que afirmam que a formação de um Grande Curdistão reduziria as ambições do Irã, que está se tornando uma hegemonia com potenciais nucleares e quer reconstruir a força persa na Síria, Iraque e Líbano, enquanto a Turquia busca reviver o auge do Império Otomano ao mesmo tempo que é um membro da OTAN, deixando os outros membros em uma situação delicada.

O referendo pela independência da Região Autônoma do Curdistão iraquiano, em 2017, serviu de exemplo para sentir a receptividade internacional quanto à formação de um Estado curdo, uma vez que a luta contra o Estado Islâmico

já estava no auge e a atuação curda já era conhecida, ou seja, o cenário em que se baseia esse trabalho já estava criado.

A preocupação dos governos centrais do Iraque, Irã, Síria e Turquia é com a possibilidade da independência dos curdos do Iraque poder reavivar o desejo por um Estado curdo nas outras regiões, desejo que, em algumas partes, já foi trocado por formas de governo que poderiam solucionar a Questão Curda sem a separação total do governo central, como é o caso do comunalismo libertário defendido pelos curdos da Síria e da Turquia. Porém, a independência dos curdos iraquianos, poderia reacender esse antigo desejo em todos os curdos, inclusive dos que estão em outros países, como Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Líbano, Israel, Azerbaijão e Armênia. A independência da Região Autônoma do Curdistão do Iraque poderia provocar e excitar a luta por independência nas outras três regiões, ou seja, poderia não ser um único Estado curdo, mas quatro Estados. Porém, uma coisa é certa, os curdos precisam saber aproveitar a visibilidade internacional e fortalecer seus laços culturais e políticos, para acabar com as atrocidades cometidas contra eles.

Nos últimos anos houve rumores de uma aproximação entre Israel e Arábia Saudita e ambos defendem a criação de um Estado curdo. Em 2020, o acordo entre Israel, Emirados Árabes e Bahrein possibilitou um caminho de conciliação histórica entre Israel e países árabes do Oriente Médio. Emirados Árabes e Bahrein são aliadas da Arábia Saudita e consideram o Irã um inimigo em comum.

Esse novo cenário une quatro Estados com um pensamento parecido em relação aos curdos, o de que a criação de um Estado curdo pode ser importante para o Oriente Médio. Além disso, boa parte do Oriente Médio vê a Arábia Saudita como líder do mundo árabe, principalmente após o importante apoio que deu a esses atores durante a Primavera Árabe. Sua ativa presença na Liga Árabe e na OPEP como um de seus membros fundadores também contribui para essa influência regional.

Diante desses pontos observados no decorrer do trabalho, algumas perguntas foram feitas: A criação de um Estado curdo em meio ao Oriente Médio poderia diminuir os problemas geopolíticos vistos atualmente na região? Será que os curdos formariam um único Estado? Formariam quatro Estados diferentes? Os curdos das outras regiões migrariam para o Estado formado pelos curdos iraquianos?

Para responder a essas perguntas, o presente trabalho esbarrou em algumas limitações, pois baseou-se em discursos políticos durante o conflito contra o Estado Islâmico, uma fase da história que envolvia interesses particulares variados de diferentes Estados; discursos muitas vezes preocupados com a ortoépia e a eloquência das oratórias que ajudavam a reforçar a influência e a superioridade dos líderes mundiais analisados. Então, logicamente, seria interessante obter mais informações com pesquisas adicionais que fossem suplementadas por pesquisas de campo, para que se possa verificar a real possibilidade de criação de um Estado curdo.

REFERÊNCIA

- ABNT. **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. 2018. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/40070/1837975/ABNT+NBR+6023+2018+%281%29.pdf/3021f721-5be8-4e6d-951b-fa354dc490ed> Acesso em: 20 Jun.2020.
- ACHARYA, A. **How the two Big Ideas of the post-Cold War Era failed**. The Washington Post. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2015/06/24/how-the-two-big-ideas-of-the-post-cold-war-era-failed/> Acesso em: 20 Jun.2020.
- AGRANOFF, Robert; GALLARÍN, Juan Antonio Ramos. **Toward federal democracy in Spain: An examination of intergovernmental relations**. 1997.
- AHMAD, Kamal Madhar. **Kurdistan During the First World War**: translated from the Arabic by 'Ali Maher Ibrahim. London: Saqi Books, 1994.
- AL-ASSAD, Bashar. سيفودني ا روسيا ووكالة 24 روسيا قناة مع الأسد الرئيس حوار. 15 nov. 2019 (44m25s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=doWguxvpGuU&feature=emb_logo Acesso em: 15 mar. 2020.
- AL-FAISAL, Turki. **Saudi prince on why his country joined the coalition against ISIS**. 25 set. 2014 (2m31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sgd8skNrSyY> Acesso em: 15 mar. 2020.
- AL-FAISAL, Turki. **Full interview: Saudi Arabian Prince Turki Al-Faisal on U.S. foreign policy | Full Interviews**. 13 out. 2019 (19m16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BV2nwr-Q4k8> Acesso em: 15 mar. 2020.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANISTIA INTERNACIONAL INFORME 2017/18. **O estado dos difeitos humanos no mundo**. Londres: Anistia Internacional, 2018. Disponível em: <https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2018/02/informe2017-18-online1.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- ATSIZ, Nihal. **Otuken**. 1967b, 42. Disponível em: <http://www.turkcuturanci.com/turkcu/makaleleri/nihal-atsiz'in-makaleleri/25/?wap2> Acesso em: 20 abr 2019
- ATSIZ, Nihal. **Otuken**. 1967a, 43. Disponível em: <http://www.turkcuturanci.com/turkcu/makaleleri/nihal-atsiz'in-makaleleri/25/?wap2> Acesso em: 20 abr 2019
- BADAWI, Tamer. **Iran counters 'Maximum Pressure' by reaching out to the Kurds**. 2019. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/iransource/iran-counters-maximum-pressure-by-reaching-out-to-the-kurds/>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- BAMBERG, Michael e GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis**: Text & Talk-An Interdisciplinary Journal of Language, Discourse & Communication Studies. [S. l.: s. n.], 2008.
- BARKEY, Henri J. **Turkey and Iraq**: The making of a partnership. Turkish Studies. [S. l.: s. n.], 2011.

- BARNETT, Michael. **Institutions, roles, and disorder**: The case of the Arab states system. *International Studies Quarterly*. [S. l.: s. n.], 1993.
- BARTELSON, Jens. **A genealogy of sovereignty**. Cambridge University Press, 1995.
- BARTELSON, Jens. **Short circuits**: society and tradition in international relations theory. *Review of International Studies*, 1996, 22.4: 339-360.
- BARTELSON, Jens. **Second natures**: is the state identical with itself?. *European Journal of International Relations*, 1998, 4.3: 295-326.
- BAUMEISTER, Andrea T. **Liberalism and the 'politics of differences'**. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2000.
- BERTHIAUME, Lee. **Trudeau refuses to weigh in on Kurdish independence**. citing Quebec experience. 2017. Disponível em: <https://www.ctvnews.ca/politics/trudeau-refuses-to-weigh-in-on-kurdish-independence-citing-quebec-experience-1.3605073>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- BILGIN, Pinar. **What is the point about Sykes–Picot?** *Global Affairs*, 2016.
- BOLAND, Vincent. **EU 'must accept Turkey' without delay (Ankara's Viewpoint)**. *Financial Times*, 2004.
- BOUTROS-GHALI, Boutros. **An Agenda for Development**: with related UN documents. New York: Department of Public Information, United Nations. 1995.
- BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. **Narrativa**: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: reflexão e crítica*, 2003, p. 526.
- BRUINESSEN, Martin van. **Transnational aspects of the Kurdish question**. 2000. Disponível em: http://www.hum.uu.nl/medewerkers/m.vanbruinessen/publications/Bruinessen_Transnational_aspects.pdf. Acesso em: 19 December 2015.
- BRUINESSEN, Martin. **Kurdistan**: Companheiro de Oxford para a Política do Mundo, 2 ed. Joel Krieger, Oxford University Press, 2001.
- BULL, Hedley. **The Anarchical Society**: a study of world order. *World Politics*, 1977.
- BUZAN, Barry. **How regions were made, and the legacies for world politics**: An English school reconnaissance. *International relations theory and regional transformation*, 2012.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa**: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **End of millennium**. John Wiley & Sons, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Editora Contexto, 2008.
- COCKBURN, Patrick. **A Origem do Estado Islâmico**: O Fracasso da "Guerra ao Terror" e a ascensão jihadista. Editora Autonomia Literária, 2018.
- COLIGAÇÃO irã-rússia-síria-iraque deve prevalecer: Assad. 2015. Disponível em: <https://www.presstv.com/Detail/2015/10/04/431948/Iran-Iraq-Syria-Russia-Bashar-alAssad>. Acesso em: 9 set. 2019.

CONSTITUTION of the Rojava Cantons. 2014. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/Constitution_of_the_Rojava_Cantons. Acesso em: 12 fev. 2020.

COOK, Helena, **The Safe Haven in Northern Iraq**. London: University of Essex Human Rights Centre & KHRP, 1995.

COOKE, Jennifer; DOWNIE, Richard. **Rethinking Engagement in Fragile States Center for Strategic and International Studies**. Washington, D.C., July 23, 2015.

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia**. [S.l. : s.n.], Leya, 2018.

DALBY, S. **Critical geopolitics: discourse, difference, and dissent**. Environment and Planning: Society and Space, 1991.
Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248881184_Critical_Geopolitics_Discourse_Difference_and_Dissent. Acesso em: 22 jul. 2019.

DANFORTH, Nick. **Stop blaming colonial borders for the Middle East's problems**. The Atlantic. 2013. Retrieved from <https://www.theatlantic.com/international/archive/2013/09/stop-blaming-colonial-borders-for-the-middle-east-problems/279561/>

DEFENSE: 5 Things to Know About the Fight Against ESTADO ISLÂMICO in Syria. 2018. Disponível em: <https://www.defense.gov/Explore/News/Article/Article/1718356/5-things-to-know-about-the-fight-against-Estado-Islâmico-in-syria/> Acesso em: 24 mar. 2020.

DEFENCE chief decides to keep Kurdish flag on Canadian uniforms in Iraq in an act of solidarity. 2016. Disponível em: <https://nationalpost.com/news/canada/defence-chief-decides-to-keep-kurdish-flag-on-canadian-uniforms-in-iraq-in-an-act-of-solidarity>. Acesso em: 23 abr. 2020.

DEHGHANPISHEH, Babak. **To Iranian eyes, Kurdish unrest spells Saudi incitement**. 2016. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-iran-politics-kurds/to-iranian-eyes-kurdish-unrest-spells-saudi-incitement-idUSKCN11A0BD>. Acesso em: 12 mar. 2020.

DELANTY, Gerard; O'MAHONY, Patrick. **Nationalism and social theory: modernity and the recalcitrance of the nation**. SAGE Publications Ltd, 2002.

DERSHOWITZ, Alan M. **O caso pela independência curda e a questão palestina**. Devarim: Revista da Associação Religiosa Israelita, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p.31-33, 03 jul. 2017.

DILLON, Michael; REID, Julian. **Global liberal governance: Biopolitics, security and war**. Millennium, 2001, 30.1: 41-66.

DOMINGOS, Anaíza de Carvalho, et al. **A tentativa de construção do Califado: o Estado Islâmico e suas bases de sustentação**. 2018.

DOTY, Roxanne Lynn. **Foreign policy as social construction: A post-positivist analysis of US counterinsurgency policy in the Philippines**. International studies quarterly, 1993.

DRENNAN, Justine. **Foreign policy**: who has contributed what in the coalition against the islamic state? 2014. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2014/11/12/who-has-contributed-what-in-the-coalition-against-the-islamic-state/>. Acesso em: 23 ago. 2019.

Economist. **Iran's Kurds: The lucky ones?** Disponível em: <https://www.economist.com/international/2000/12/21/the-lucky-ones> Acesso em: 15 abr. 2019

Economist. **Striking out on their own Syria's Kurds are enjoying more autonomy.** Disponível em: <https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2014/10/29/striking-out-on-their-own> Acesso em: 13 abr. 2019

ESHKI, Anwar. **Regional Challenges and Opportunities: The View from Saudi Arabia and Israel.** 8 jun. 2015 (27m07s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jhnvIOaMRxE> Acesso em: 15 mar. 2020.

ESTADO Islâmico: como a retirada de tropas americanas do norte da Síria pode fazer reaparecer o grupo jihadista. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49997689>. Acesso em: 12 fev. 2020.

EUROPEAN CONVENTION. **Draft treaty establishing a constitution for Europe.** Adopted by consensus by the European Convention on 13 June and 10 July 2003. Submitted to the President of the European Council in Rome, 18 July 2003.

FARIA, A. A. M. **Interdiscurso e intradiscurso**: da teoria à metodologia. In: MENDES, E. A.; OLIVEIRA, P. M.; BENN-IBLER, V. (Org.). **O novo milênio**: interfaces lingüísticas e literárias. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2001.

FERRARA, Lucrecia D.'Aléssio. **Comunicação espaço cultura.** Annablume, 2008.

FIORIN, José L. **Linguagem e ideologia.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FRANKLIN, Lawrence A. Curdistão: **Mais Parecido com Israel, Menos Parecido com o Iraque.** 2014. Disponível em: <https://pt.gatestoneinstitute.org/5029/curdistao-israel>. Acesso em: 19 jul. 2019.

GAMSON, W.A. **Experimental studies of coalition formation.** Advances in experimental social psychology. Berkowitz, L. ed. Academic Press, 1964.

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism.** Cornell Press. Ithaca, New York, 1983.

GENG, Julie. **The Relevance of Nation-States to the Study of the Middle East.** 2019. Disponível em: <http://yris.yira.org/comments/3061> Acesso em: 12 fev. 2020.

GEORGES-PICOT, Emmanuel. **Chirac: Turkey Not Fit for Entry into EU.** Associated Press, 2004.

GERMANE, Mariana. **Minority Coalition-Building and Nation-States.** JEMIE, 2015.

GERSTEIN-ROSS, Daveed. **How many fighters does the islamic state really have?** 2015. Disponível em: <http://warontherocks.com/2015/02/how-many-fighters-does-the-islamic-state-really-have/>

GLASER, Barney. **Basics of Grounded Theory Analysis.** Sociology Press, 1992.

GLASSMAN, Ronald M. **The origins of democracy in tribes, city-states and nation-states.** Springer, 2017.

- GLOBAL Coalition: **82 Partners United in Defeating Daesh**. Disponível em: <https://theglobalcoalition.org/en/>. Acesso em: 13 nov. 2019.
- GOOCH, George P. **Nationalism**. Swarthmore Press Limited, 1920.
- GOLDSTONE, JACK. **'Pathways to State Failure'**. Conflict Management and PeaceScience, 2008, Vol 25. n 4,
- GORDNER, Matt. **Ungoverned Spaces?** The Islamic State's Challenge to (Post-) Westphalian 'Order. Critical Epistemologies of Global Politics, 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Structural semantics: An attempt at a method**. University of Nebraska Press, 1983.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Actants, actors, and figures**. On meaning: Selected writings in semiotic theory, 1987, 106-120.
- GUNTER, Michael. **The kurds of Iraq**. Tragedy and Hope. New York, ST. Martin's Press. 1992.
- GUNTER, Michael. **Economic Opportunities in Iraqi Kurdistan**. Middle East Policy, 2011.
- GUNTER, Michael. **Iraqi Kurdistan's two contrasting economic images**. *International Journal of Contemporary Iraqi Studies*, 2012.
- GUZANSKY ,Yoel; BERTI, Benedetta. **The Arab Awakening 'Cascade' of Failing States: Dealing with Post-Revolutionary Stabilization Challenges**," Journal of Middle Eastern Politics and Policy, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- HABERMAS, Jürgen. **Citizenship and national identity: some reflections on the future of Europe**. Citizenship: Critical Concepts, 1992.
- HEARST, David. **How Saudi tried to use the Kurds to clip Iran's wings**. 2017. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/opinion/how-saudi-tried-use-kurds-clip-irans-wings>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- HELFONT, Samuel. **Post-Colonial States and the Struggle for Identity in the Middle East since World War Two**. [S. l.: s. n.], [1994?] Disponível em: <https://www.fpri.org/article/2015/10/post-colonial-states-and-the-struggle-for-identity-in-the-middle-east-since-world-war-two/> Acesso em: 13 out. 2019
- HETTNE, Björn; ODÉN, Bertil. **Global Governance in the 21st Century: Alternative Perspectives on World Order**. Almqvist & Wiksell, 2002.
- HOSKEN, Andrew. **Império do Medo-No interior do Estado Islâmico**. 2016.
- IZADY, Mehrdad. **The Kurds**. A Concise Handbook. Washington, Philadelphia, London, Taylor & Francis International Publishers, 1992.
- IZADY, Mehrdad. **The Sharafnâma: Or the History of the Kurdish Nation-1597**, BookOne. 2005.
- IGNATIEV, Pavlo. **Iraq: Years of Post-Saddam internal and external developments**. Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations, 2017.

- IKENBERRY, G. J. **The Logic of Order: Westphalia, Liberalism, and the Evolution of International Order in the Modern Era.** In: Ikenberry, G. J. ed.. *Power, Order, and Change in World Politics.* Cambridge: Cambridge University Press. 2014.
- KALIN, Ibrahim. **Erdogan spokesman: 'No extension of ceasefire in Syria'**. 21 out. 2019 (2m45s). Disponível em: <https://www.dw.com/en/erdogan-spokesman-europeans-should-be-thankful-to-our-soldiers/a-50923371> Acesso em: 15 mar. 2020.
- KARSH, Efraim. **Islamic Imperialism: A History,** New Haven and London: Yale University Press, 2006, p. 217.
- KAYAOGLU, Turan. **Eurocentrismo de Westphalian na teoria das relações internacionais.** *International Studies Review* 2010.
- KEENE, Edward. **Além da sociedade anárquica: Grotius, Ordem e sociedade anárquica .** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- KHATIB, L. **Estratégia do Estado Islâmico: duradoura e expansível.** Documento do Carnegie Middle East Center, 2015. Disponível em: <http://carnegie-mec.org/2015/06/29/islamic-state-s-strategy-lasting-and-expanding-pub-60511> Acesso em: 12 abr. 2019
- KHIDIR, JAAFAR. **The kurds and kurdistan.** PhD Thesis. University of Vienna Vienna. 2002
- KORTEN, D C. **Getting to the 21st Century: Voluntary Action and the Global Agenda,** Connecticut: Kumarian Press. 1990.
- KRADER, Lawrence. **A formação do Estado.** Zahar, 1970.
- KRASNER, Stephen. **Soberania: Hipocrisia Organizada.** Princeton: Princeton University Press. 1999.
- KRYLOV, Valeri; PIERRE, Philippe. **Contemporary globalization impacting nation-states. a new world disorder?** 2008.
- KUBO, A. T. V. **Aspectos do discurso jornalístico sobre a luta pela terra.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos - Análise do Discurso) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2003.
- LEBEDEVA, M. M.; MARCHETTI, Raffaele. **Middle East Instability and the Decline of the Westphalian System.** 2016.
- LEEZENBERG, Michael, et al. **Urbanization, privatization, and patronage: the political economy of Iraqi Kurdistan.** 2006.
- LUPION, Bruno. **Os efeitos políticos e religiosos do encontro entre Lula e o papa.** 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-efeitos-pol%C3%ADticos-e-religiosos-do-encontro-entre-lula-e-o-papa/a-52373604>. Acesso em: 24 mar. 2020.
- LYNCH, M. **Pomeps Studies 12: Islamism in the IS Age.** 2015. Disponível em: http://pomeps.org/wp-content/uploads/2015/03/POMEPS_Studies_12_ISAge_Web.pdf
- MACRON, Emmanuel. **Macron says France committed to Iraqi unity as meets Kurd PM.** 10 dez. 2017a. (2m56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hB00mMyYfMM>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

MACRON, Emmanuel. **Irak: Macron plaide pour la reconnaissance des droits des Kurdes.** 5 out. 2017b. (36 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqG7dCmSCqQ>. Acesso em: 15 mar. 2020.

MACRON, Emmanuel. **Macron craint "une situation humanitaire insoutenable" en Syrie.** 13 out. 2019. (1m49s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=101&v=lvz3nRNUfc&feature=emb_logo. Acesso em: 15 mar. 2020.

MAGNIER, Elijah J. **Curdos perderam a chance de decidir o próprio destino: Só Damasco pode salvar os curdos.** 2018. Disponível em: <http://www.orientemidia.org/curdosperderam-a-chance-de-decidir-o-proprio-destino-so-damasco-pode-salvar-os-curdos/>. Acesso em: 03 jul. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas: Pontes, 1997.

MCDOWALL, David. **A Modern History of the Kurds, London:** IB Tauris, 2004.

MECHAM, Quinn. **How Much of a State is the Islamic State?** POMEPS Studies 12: Islamism in the IS Age. 2015 Available at: http://pomeps.org/wpcontent/uploads/2015/03/POMEPS_Studies_12_ISAge_Web.pdf

MEHO, Lokman. **The Kurds and Kurdistan:** a general background. Kurdish culture and society. an annotated bibliography, 2001.

MENDELSON, Barak. **The Jihadist Threat to International Order.** POMEPS Studies 15: Islam and International Order. 2015. Available at: http://pomeps.org/wp-content/uploads/2015/07/POMEPS_Studies_15_Islam_Web.pdf

MICHAEL, Kobi; GUZANSKY, Yoel. **The Dangers of Failing Middle East States.** Middle East Quarterly, 2018.

MILLIKEN, Jennifer. **Sovereignty and Subjectivity in the Early Nineteenth Century.** Unpublished paper, 1990.

NATALI, Denise. **The spoils of peace in Iraqi Kurdistan.** Third World Quarterly, 2007.

NETANYAHU. **Palestinian sovereignty may not work, Middle East Monitor:** Memo, Nov. 3, 2017; "Israel's Foreign Policy Priorities," interview with Robin Niblett, Chatham House, London, 2017.

NAWZAD, Kosar. **Watch:** Pope Francis praises Kurdistan's tolerance during Vatican meeting with PM Barzani, 2020. Disponível em: <https://www.kurdistan24.net/en/news/53b2ae95-2cfa-40ad-a1ee-1d73993295f3>. Acesso em: 3 mar. 2020.

NETO, Manuel Domingos; MARTINS, Mônica Dias. **Significados do nacionalismo e do internacionalismo.** Tensões Mundiais, 2006, 2.2: 80-111.

ÖCALAN, Abdullah. **Guerra e paz no Curdistão.** Perspectivas para uma solução política da Questão Curda, International Initiative. 2008.

ÖCALAN, Abdullah. **Democratic nation.** Mesopotamian Publishers, 2016.

O CURDISTÃO iraquiano: um debate sobre estado e identidade. **Devarim**: Revista da Associação Religiosa Israelita, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p.31-31, [S.l.] dez. 2017.

OFFENSIVE turque contre les Kurdes : La France « inquiète » après la fuite de proches de membres de l'Etat islamique. 2019. Disponível em: <https://www.20minutes.fr/monde/2627063-20191013-offensive-turque-contre-kurdes-france-inquiete-apres-fuite-proches-membres-ei>. Acesso em: 23 nov. 2019.

O'LEARY, B., J; MCGARRY K. Salih, **The Future of Kurdistan in Iraq**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2004.

ONU e o direito internacional. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/direito-internacional/>. Acesso em: 12 jun. 2019.

OOSTLANDER, A. M. **Report on the 2003 regular report of the Commission on Turkey's progress towards accession**. European Parliament, 2004.

PESSUTO, Kelen. **O Islã em vinte e quatro quadros por segundo**. Reflexão, 2017.

PUTIN, Vladimir. Владимир Путин: Курды — серьезная сила в борьбе с терроризмом на Ближнем Востоке. 14 abr. 2016a (1m20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xFokAPKR4-k> Acesso em: 15 mar. 2020.

PUTIN, Vladimir. **Президент оценил мужество курдов в борьбе с терроризмом**. 23 dez. 2016b (2m28s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvGWw0VrFC4> Acesso em: 15 mar. 2020.

PUTNAM, Robert D. **Bowling sozinho**: o capital social em declínio da América. In: Cultura e política. Palgrave Macmillan, Nova York, 2000.

ORLANDI, P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

QUEM são os curdos e por que são atacados pela Turquia. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-5001298812>. Acesso em: 12 mar. 2020.

RESENDE, Erica Simone A. **Americanidade, puritanismo e política externa**: a (re) produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana. Contra Capa, 2017.

RESOLUTION 60/1 adopted by the General Assembly: 2005 World Summit Outcome, U.N. General Assembly, New York, Oct. 24, 2005.

REXROTH, Kenneth, et al. **Communalism**. Seabury Press, 1974.

RUBIN, M. **Are Kurds a pariah minority?** 2003.

SALIH, Barham. A Conversation With Barham Salih. 27 set. 2019a (59m01s). Disponível em: <https://www.cfr.org/event/conversation-barham-salih> Acesso em: 15 mar. 2020.

SALIH, Khaled. What future for the Kurds? Middle East Review of International Affairs, 2005.

SALOMÃO, Wiliander França. **Os tratados de paz na reestruturação da ordem jurídica mundial após os períodos de guerras**. Revista Eletrônica do Curso de Direito–PUC Minas Serro, Belo Horizonte, 2014.

SCHELLING, T.C. Strategy of conflict: prospectus for the reorientation of game theory. *Journal of Conflict Resolution*, 1958. v. 2, p. 203-64.

SITE OFICIAL GOVERNO REGIONAL DO CURDISTÃO. Disponível em: <https://gov.krd/> Acessível em: 12 abr. 2020

SMITH, A. D. **National Identity**. Harmondsworth: Penguin Books, 1991.

SOLANA, Javier. **Europe's path for Turkey**. *International Herald Tribune*, 2002.

SOMMERVILLE, Quentin. **Estado Islâmico: as mulheres e crianças que ninguém quer**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47907320>. Acesso em: 13 fev. 2020.

STRÖMBLAD, P; ADMAN, P. **Political Integration through Ethnic or Nonethnic Voluntary Associations?** *Political Research Quarterly*, 2010.

SULAIVANY, Karzan. **Putin speaks with Erdogan, Rouhani about Kurdistan referendum**. 2017. Disponível em: <https://www.kurdistan24.net/en/news/c29c9fb9-d62d-4355-a840-e1eb50474f21>. Acesso em: 23 out. 2019.

SUMER, Fahrettin; JOSEPH, Jay. **The paradox of the Iraqi Kurdish referendum on independence: contradictions and hopes for economic prosperity**. *British Journal of Middle Eastern Studies*, 2018.

TARROW, Sidney. **Política contenciosa em uma política composta**. *Europeus contenciosos: protesto e política em uma política emergente*, 2001.

TASTEKIN, Fehim. **Hollande-PYD meeting challenges Erdogan**. 1995. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/02/turkey-france-kurdish-guerillas-elysee.html#>. Acesso em: 12 mar. 2020.

TUATHAIL, Gearóid. O. **Critical geopolitics**. London: Routledge, 2ª Edition, 2005

UN News: **New UN report lays bare widespread ISIL 'atrocities' committed against Yazidis in Iraq**. 2016. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2016/08/536922-new-un-report-lays-bare-widespread-isil-atrocities-committed-against-yazidis#.V79HyvkrKiN>. Acesso em: 23 set. 2019.

WICKER, Hans-Rudolf. **Foreigners**. *Differentiated Citizenship Rights and Naturalisation*, Tsantsa, 2004.

WILLIAMS, Michael C. **Civil-Military Relations in Peacekeeping**. Adelhi Paper: International Institute for Strategic Studies, 1998.

YILDIZ, Kerim. **The Kurds in Turkey: EU accession and human rights**. Pluto Press, 2005a.

YILDIZ, Kerim. **The Kurds in Syria: the forgotten people**. Pluto Press (UK), 2005b.

YILMAZ, Cihat. **Kurds and nation-state: the right of self-determination and the position of the Kurds**. *Politikos mokslų almanachas*, 2016.

YOUNG, Robert. **Postcolonialism**: An historical introduction. John Wiley & Sons, 2016.

ZAMAN, Amberin. **News of arrests of YPG-linked Czechs shocks Turkey**, 2016. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/11/turkey-czech-arrest-terrorists-kurdish-sirnak-ypg.html>. Acesso em: 23 fev. 2019.

ZARTMAN, William. **Collapsed States**: The Disintegration and Restoration of Legitimate Authority. Boulder: Lynne Rienner, 1995.

ZARTMAN, William. **States, boundaries and sovereignty in the Middle East**: unsteady but unchanging. International Affairs, 2017.

ZEITLIN, Michael Paul. **Coalizões**: como se formam e como surge o conflito. Revista de Administração de Empresas, 1975.

ZUBAIDA, Sami. **Islam, the people and the state**: Political ideas and movements in the Middle East. IB Tauris. 1993.